

Gustavo Sobral
Juliana Bulhões

Jornalismo, biografia e crônica





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^ª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^ª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias:

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Gustavo Sobral
Juliana Bulhões

Jornalismo, biografia e crônica



Campina Grande - PB | 2023

Expediente EDUEPB***Design Gráfico e Editoração***

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre
Thaise Cabral Arruda
Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

S677j Sobral, Gustavo.
Jornalismo, biografia e crônica / Gustavo Sobral e Juliana
Bulhões. – Campina Grande : EDUEPB, 2023.
176 p. : il. ; 15 x 21 cm ; 3,0 MB.

ISBN: 978-85-7879-854-3 (E-book)
ISBN: 978-85-7879-860-4 (Impresso)

1. Gêneros textuais. 2. Produção jornalística. 3. História –
jornalismo brasileiro. I. Bulhões, Juliana. II. Título.

21. ed. CDD 070.4

Ficha catalográfica elaborada por Ana Patricia Silva Moura – CRB-15/945

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial,
constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

O que, quando, como, onde e por quê.....6

Capítulo 1: Usos da biografia

O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro10

A biografia como fonte documental para pesquisas sobre história do jornalismo: impressões a partir de 'Chatô, o rei do Brasil' ..28

Biografia, fonte documental fidedigna30

Chatô, biografias (autobiografias) e jornalismo37

Capítulo 2: Jornalistas,

Rubem Braga, jornalista: o cronista repórter.....47

Rachel de Queiroz, Jornalista66

Faceta jornalística de Rachel de Queiroz: perspectivas biográficas86

Jornalismo e literatura na crônica de Rachel de Queiroz102

Zila Mamede, jornalista.....118

Capítulo 3: Crônica

Crônica: jornalismo autobiográfico nos jornais da cidade do Natal132

Narrativas autobiográficas na crônica de Berilo Wanderley ..148

Referências bibliográficas.....166

Índice dos artigos publicados.....174

Sobre os autores.....175

O que, quando, como, onde e por quê

*“Jornalista sempre será jornalista,
sob o sol ou sob a chuva”.*

Emanoel Barreto

Jornalismo é o tema sobre o qual versa esta reunião de textos escritos e publicados em revistas acadêmicas e apresentados em congressos entre 2016 e 2019. Jornalismo e história, literatura, biografia, crônica e o que mais coube para completar este olhar novo sobre a matéria do jornalismo.

Somos jornalistas, jornalistas que não estiveram e não estão nas redações, mas que estiveram e estão no processo de assessoria de imprensa, consultoria e edição, e nas salas de aula, formas de exercício da prática profissional; e somos pesquisadores, que para além do mestre e doutora em comunicação, se uniram para realizar uma proposta de pesquisa. E, um dos resultados, é este livro.

Entre o exercício do jornalismo e a prática profissional, entre as nossas próprias vidas e as vidas dos jornalistas que pesquisamos, entre os processos de apuração, pesquisa, redação, embrincamos às práticas dos dois fazeres a caminho de pensar, refletir e apresentar um pouco mais sobre o jornalismo. E o fizemos e fomos além.

Ao mesmo tempo, saímos para ouvir os jornalistas e as jornalistas, numa prática que tomamos como ponto de partida a sentença do jornalista Geneton de Moraes Neto: fazer jornalismo é produzir memória. O resultado foi um primeiro livro reunindo memórias de jornalistas do Rio Grande do Norte, já publicado, e uma série para o jornal; e

temos, ainda e também, um segundo em vias de publicação. Somos pioneiros.

Agora, que nos preparamos para uma segunda temporada de nossa pesquisa, decidimos voltar, lançando uma lanterna na popa e, ao vislumbrarmos a reunião do tanto e do tudo que nos aventuramos a pesquisar e escrever, resolvemos enfeixar no formato de um livro.

Partimos ao exercício de reler em conjunto os textos resultantes das pesquisas que produzimos, atribuindo-lhes agora uma nova ordem de apresentação, desfilando-os aqui em três grupos, não distintos, pois encontramos neles um fio que ata a trama: o jornalismo, a biografia e a crônica.

É suscitando novas formas de pensar e olhar para o jornalismo, a trajetória dos jornalistas, a escrita e produção biográfica e a crônica, que nos atrevemos a novas formas de abordagem para história do jornalismo pela história dos jornalistas; que andamos pela biografia e pela crônica como fonte; e observamos a crônica como um produto jornalístico.

É estas são apenas algumas das questões que suscitamos, procurando superar o engessamento das certezas já postas, num exercício livre de enfrentar os temas por uma outra leitura. Aqui, está a oportunidade de ver o todo, em conjunto. O mais é que vamos continuando.

A ordem que atribuímos a esta reunião de artigos não corresponde a ordem de produção. Muitas vezes, trabalhávamos em mais de um texto ao mesmo tempo; tampouco a de submissão a congressos e revistas, cujo processo de aprovação custoso, muitas vezes, de revista a revista, de congresso a congresso, resulta numa distância entre submissão e publicação, caminho de completa incerteza.

Também não optamos por uma ordem cronológica a partir do ano de publicação e decidimos começar por uma

proposta de pesquisa para o estudo da história das práticas jornalísticas a partir das biografias; depois apresentamos, como desdobramento, um estudo de caso; daí, aparece, na sequência, uma série de estudos sobre cronistas- repórteres-jornalistas.

É preciso que se diga que não se trata da reprodução fiel dos textos publicados. Embora o conteúdo permaneça na íntegra; para o livro, nos desfizemos dos preâmbulos (resumos, palavras-chave, etc.); operamos algumas poucas correções e ajustes, mudamos aqui e acolá alguma coisa; e reunimos todas as referências no final do livro. Também, para constar, referendamos, no fim, em uma lista, as referências aos artigos originários onde e quando foram publicados.

O resultado é que ficou tudo a mesma coisa, só que diferente. Então, para o que o livro? Porque com o livro conseguimos garantir um novo caráter a esta produção: o caráter da unidade, reunindo tudo em um só lugar aos interessados que podem agora ter acesso ao conjunto em só pouso, o livro. O mais é que rogamos, bem à maneira do nosso tempo, que curtam, comentem e compartilhem. Jornalistas, pesquisadores, leitores, aqui também estamos.

Gustavo Sobral
Juliana Bulhões

1. Usos da biografia

O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro

É cada vez maior o interesse pelo estudo da biografia como uma modalidade pertencente ao gênero jornalístico, em específico ao jornalismo literário, pautando uma discussão sobre a fixação da biografia entre o jornalismo, a história e a literatura. Neste contexto, também devemos incluir a autobiografia, por ser também uma modalidade textual que pertence, quando praticada por jornalistas, ao escopo do jornalismo literário (PENA, 2006).

Biografia e a autobiografia configuram-se textos narrativos. Para Marques (2009), o ponto essencial da confluência entre jornalismo e literatura é justamente a narratividade; também vemos como junção dos gêneros literário e jornalístico o segmento do jornalismo literário. Segundo Pena (2006), o jornalismo literário absorveu o conhecimento do jornalismo diário, das técnicas e narrativas e construiu novas estratégias profissionais.

Vilas-Boas (2002, 2008) relaciona a prática da escrita biográfica ao próprio jornalismo. Costa (2004) arremeda que jornalistas são também escritores, corroborando com o apontamento de Moraes (2014) que, ao citar as obras autobiográficas de jornalistas, afirma que "em geral consistem na narrativa de um indivíduo inserido em seu grupo, entremeada com a história da imprensa e do país" (MORAES, 2014, p. 324), entendimentos a que nos filiamos, tendo em vista o objetivo central da pesquisa.

Diante desse panorama, desenvolvemos uma pesquisa que tem por objetivo construir um mapa da prática jornalística brasileira tomando por base as biografias, autobiografias e similares sobre jornalistas. Acreditamos

que saber os pontos de vistas dos profissionais sobre suas práticas pode revelar aspectos da atividade da imprensa no tange às práticas de trabalho e atividade profissional por se tratar da visão do jornalista sobre o seu ofício.

Nossa pesquisa surgiu ante à necessidade de delinear um aporte teórico para uma investigação de doutorado (AUTOR, 2015). Havia a necessidade de construção de um corpus teórico que se baseasse não somente na teoria jornalística, mas também em relatos e impressões da prática do jornalista.

A pesquisa de Denis Ruellan (informação verbal)¹ serviu de inspiração. Ruellan utilizou autobiografias de repórteres de guerra para fins semelhantes. Apesar das diferenças de contextos, nos propomos a utilizar as biografias e autobiografias de jornalistas brasileiros para caracterizar o mundo de trabalho do jornalista.

Diante de um fértil objeto de investigação, para além da pesquisa de doutorado, resolvemos tornar as inquietações sobre o uso das biografias e autobiografias de jornalistas brasileiros uma pesquisa independente que aqui se apresenta em forma de relato inicial.

A investigação foi desenhada em três fases: proposta de pesquisa, levantamento das obras de caráter biográfico e autobiográfico e análise de conteúdo. Apresentamos aqui os primeiros resultados da pesquisa no que tange o levantamento das biografias e autobiografias dos jornalistas brasileiros, compreendendo as duas primeiras etapas propostas.

Primeiro, discorreremos sobre biografias e autobiografias no contexto dos gêneros textuais; depois, abordamos

¹ Conferência intitulada "A utilização das autobiografias dos repórteres de guerra: usos e limites", proferida na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB) em 12 de agosto de 2015.

aspectos relacionados à problemática e à metodologia da pesquisa.

Na sequência, apresentamos o *corpus* da investigação: 84 obras publicadas entre os anos de 1917 e 2016; e culminamos no desenvolvimento dos critérios para análise que servirá de aporte empírico para a próxima fase da pesquisa. Por fim, tecemos reflexões sobre os resultados preliminares da investigação.

Biografia e autobiografia no contexto dos gêneros

Não há como iniciar um debate acerca de biografias e autobiografias sem mencionarmos os estudos que unem os gêneros jornalístico e literário.

Para Marques (2009, p. 14) "produzir textos narrativos, ou seja, que contêm uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística". Segundo o autor, o que vai definir se uma narrativa pertence ao gênero literário ou ao jornalístico é o contexto:

Há gêneros jornalísticos que permitem uma abertura maior a técnicas literárias, como o perfil de personalidades e reportagens investigativas. Há, também, editorias com a mesma característica, como a de cultura. Tudo vai depender, afinal, de como nos aproximamos de um determinado texto. Isso não impede que o autor lance mão de técnicas literárias ao construir seu texto. Na perspectiva literária, um texto será tão mais eficaz quanto mais propor novas formas de dizer novas velhas coisas (MARQUES, 2009, p. 19).

Pena (2006), por sua vez, considera que o jornalismo literário é mais que um gênero jornalístico, é um conceito. Segundo o autor, no Brasil, o jornalismo literário é classificado de diversas maneiras. Uma delas considera o

jornalismo literário um período da história do jornalismo; a outra, é o jornalismo que se dedica ao tema da literatura: "[um período] em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais" (PENA, 2006, p. 13).

Há outras formas de compreendê-lo. Uma segunda classificação propõe que o jornalismo literário é sinônimo de *new journalism*. Segundo Pena (2006), *new journalism*, ou novo jornalismo, é uma vertente do jornalismo que explora o encontro entre jornalismo e literatura e que surgiu nos Estados Unidos nos anos 1960 pelas mãos de jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese.

Uma terceira corrente, por sua vez, considera jornalismo literário aquele que abarca os textos biográficos, os romances-reportagem e a ficção jornalística.

A par destas três vertentes, ora divergentes, ora convergentes, Pena (2006) considera que não são excludentes e, sim, complementares. São elas a cerne do jornalismo literário. Vejamos o conceito de jornalismo literário exposto por ele:

(...) linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia (PENA, 2006, p. 14).

Para Pena (2006), o jornalismo literário absorveu o conhecimento do jornalismo diário, das técnicas e narrativas e construiu novas estratégias profissionais.

Além disso, o jornalismo literário tem potencial para "ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos" (PENA, 2006, p.6).

Em se tratando da nossa proposta de estudo, acreditamos que o texto biográfico e autobiográfico, portanto, pertencem ao que se considera narrativa de memória.

Biografia vem do grego *bíos* que significa vida, e grafia do grego *grápho* que significa escrever. Biografia é, portanto, escrever a vida. A biografia tanto quanto a autobiografia são gêneros que tratam da narrativa de histórias de vida.

Na primeira, a história é contada por um narrador que não é o biografado; na segunda, a história de si emerge como narrativa em primeira pessoa.

Toda a narrativa biográfica se concentra na vida do indivíduo, portanto, não se detém apenas a aspectos pessoais e a fatos cronológicos, nasceu, viveu, morreu, mas também se constrói por todos os aspectos da vida e, neles, se incluem os profissionais.

Os aspectos da vida são indissociáveis e nas biografias há a presença marcante da atividade profissional do biografado. Impossível escrever a biografia de Assis Chateaubriand, proprietário de uma cadeia de jornais, os Diários Associados, sem registrar a sua trajetória longínqua, atuante e presente na história da imprensa brasileira.

A biografia do jornalista Assis Chateaubriand, portanto, escrita pelo jornalista Fernando de Moraes, traz relatos e informações sobre o Chateaubriand jornalista (MORAIS, 1994).

À escrita da biografia se dedicam diversos profissionais, jornalistas, historiadores, escritores etc., no entanto há predominado a autoria dos jornalistas na produção deste gênero literário, tanto que, a biografia passa a ser considerada pelo jornalismo como pertencente ao jornalismo literário.

Vale salientar que os jornalistas são vistos como escritores (COSTA, 2004). Seria o caso dos biógrafos com formação e ou atuação em jornalismo – partimos da premissa que jornalista é aquele que não só possui formação superior em jornalismo, mas que também exerce a profissão, atuando nas redações, exercendo a atividade no dia-a-dia.

É preciso também, quando se trata de biografia, levar em consideração que a produção de biografias se tece a partir de uma relação intrincada de elementos.

Desde o interesse pela pessoa do biografado que, geralmente, é uma figura de destaque social, cultural, político ou econômico; interesses comerciais da editora e acesso às fontes de informação, que são as fontes de pesquisa do biógrafo, parentes, amigos, colegas de trabalho, pessoas que conviveram com o biografado em diversas circunstâncias.

Além disso, há também a necessidade de consulta às fontes documentais, quais sejam, entre outras, certidões, papéis pessoais, como cartas e diários, fotografias, enfim, subsídios que revelem a trajetória do biografado.

No que tange a autobiografia, ela é considerada uma escrita de si, basicamente escrita pelo próprio biógrafo sobre si mesmo no intuito de narrar a sua história de vida

ou uma dada experiência determinada em algum momento de sua vida.

A autobiografia aproxima-se do diário, por ser uma escrita pessoal e reveladora, baseada nas lembranças e na memória. No entanto, é uma narração voltada ao público e que, haja visto, tem sido um espaço consagrado para os jornalistas relatarem as suas experiências não só de vida, mas também profissional.

Não nos cabe, por enquanto, neste estágio inicial de proposição, ir além neste processo de descrição e fomento das biografias e autobiografias, não é a proposta deste trabalho problematizar estas questões que já são fruto de reflexão dentre outros dos trabalhos como os de Vilas-Boas (2002, 2008) e outros que refletem sobre jornalismo e biografia.

A proposta de trabalho é partir do material biográfico como fonte documental válida e fidedigna como experiência do jornalista no seu campo de trabalho.

Problemática da pesquisa

O boom de lançamentos de biografias escritas por jornalistas tem despertado o interesse pelo estudo da biografia como uma modalidade pertencente ao gênero jornalístico, em específico ao jornalismo literário, pautando uma discussão sobre a fixação da biografia entre o jornalismo, a história e a literatura.

Mesmo dilema que a crônica ainda vive, pois há aqueles que a classificam e defendem a sua autenticidade de gênero literário e há aqueles que a registram como gênero jornalístico.

A par desta categorização, da qual pretendemos passar ao largo, por considerarmos improfícua, pois, tanto faz, se literatura, se história ou jornalismo. Importa-nos registrar e discutir a biografia e autobiografia como legítima fonte

documental capaz de configurar um relato sobre a atividade jornalística do biografado.

Passadas as questões preliminares de gênero, outros desafios se apresentam diante da confecção deste trabalho que se não forem ultrapassados não nos permitirão prosseguir. A primeira delas é a própria definição de quem é ou não é jornalista.

Jornalista é quem mesmo por um breve período tenha trabalhado em redações jornalísticas? Cronista é jornalista? A atividade tem que ter sido exercida durante a vida inteira? O que prova o exercício: o diploma ou nome no expediente do jornal?

Neste contexto, partimos da premissa de que jornalista é aquele que efetivamente atuou na imprensa em atividades jornalísticas e que se autodenomina como tal. São estes profissionais que serão considerados jornalistas e é sobre suas biografias e autobiografias que o trabalho pretende se debruçar.

Outro ponto pertinente, que retrata a relevância e importância desta abordagem para o jornalismo, é partir para uma nova discussão em torno das biografias e autobiografias, considerando-as como instrumental válido para pesquisa sobre as práticas profissionais do jornalista

Assim, a partir desta fonte documental, se podem ressaltar aspectos preliminares como que tipo de obra se trata, se biografia e autobiografia, o autor da obra, ano de publicação, para então partirmos para os aspectos atinentes à pesquisa propriamente dita, como a nomeação do indivíduo e os dados pessoais, data de nascimento e falecimento, gênero, formação, os veículos em que atuaram, as funções que exerceram, o tipo de veículos em que trabalharam (jornal impresso, TV, rádio etc.) e a jornada de trabalho.

E procurar investigar na narrativa aspectos que denotem a relação do biografado com o jornalismo, quais sejam: a escolha profissional, a importância da profissão na vida do biografado, dados sobre a experiência profissional, quando começou a atuar no jornalismo, os veículos em que atuou, as funções que exerceu, dentre outros. Este caminho se apresenta, portanto, como uma perspectiva nova para utilização das biografias e autobiografias dos jornalistas.

Metodologia da pesquisa

Propomos um mapeamento do jornalismo brasileiro a partir de um levantamento preliminar de obras consideradas biográficas e autobiográficas de jornalistas do país.

Considerando que nem todas as obras publicadas no gênero em sua apresentação estão classificadas como tal, acreditamos que, por se tratarem de narrativas biográficas (MARQUES, 2009), que memórias, relatos profissionais e demais obras com traços e inspirações biográficos, equiparam-se as biografias e autobiografias e, portanto, constituem material adequado a nossa proposta de investigação e assim, integram o nosso corpus.

Concluída a primeira fase da pesquisa, que diz respeito ao planejamento, propomos um levantamento preliminar das obras de caráter biográfico sobre jornalistas e escritas por esses profissionais.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), os levantamentos de dados se utilizam de três procedimentos distintos: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e contatos diretos.

A técnica aplicada à nossa pesquisa se assemelha em parte à pesquisa documental que, segundo as autoras, tem por característica o fato de que "a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias" (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174).

As autoras citam os arquivos oficiais e particulares, documentação pessoal como diários, memórias, autobiografias e relatos como fontes escritas primárias.

Já as pesquisas que recorrem a diários, autobiografias e similares são fontes escritas secundárias, bem como itens da imprensa em geral e obras literárias, pois se utilizam das fontes primárias para serem constituídas.

Nesse contexto, as autobiografias e diários profissionais escritos pelos próprios jornalistas constituem fontes primárias, enquanto que as biografias são fontes secundárias. No entanto, o limiar entre esses dois tipos de fontes nem sempre é claro:

É evidente que dados secundários, obtidos de livros, revistas, jornais, publicações avulsas e teses, cuja autoria é conhecida, não se confundem com documentos, isto é, dados de fontes primárias. Existem registros, porém, em que a característica "primária" ou "secundária" não é tão evidente, o mesmo ocorrendo com algumas fontes não escritas (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 176).

Apesar do interesse de proceder um levantamento com representatividade quantitativa, nossa pesquisa é essencialmente qualitativa. Na próxima fase, pretendemos nos valer dos preceitos da análise de conteúdo.

A análise de conteúdo trabalha tradicionalmente com o texto escrito e “nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores e atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 192).

Desenvolvendo critérios de análise

Diante da necessidade de analisar o material levantado, elegemos alguns critérios. A partir de uma vasta pesquisa em bancos de dados acadêmicos, indicações de

pesquisadores da comunicação e busca em referências de publicações sobre temáticas relacionadas, localizamos 84 obras, publicadas no Brasil entre os anos de 1917 e 2016.

Todas as obras tratam de alguma forma da trajetória ou experiência de jornalistas brasileiros, estando enquadrados, assim, não apenas jornalistas que nasceram no Brasil, mas que atuam ou atuaram nesse ofício no país.

Com relação à definição de quem é jornalista ou não, detalhe que interfere diretamente em nosso mapeamento, utilizamos o critério de autodenominação: se uma pessoa se apresenta como tal, sua autobiografia, biografia ou similar irá ser considerada nesse estudo.

Não adotamos apenas o viés da formação, pois uma expressiva parte do nosso *corpus* é de uma época em que o ofício de jornalista não era profissionalizado e não havia cursos universitários, tendo em vista que a primeira escola de Jornalismo do Brasil data de 1947.

Em uma primeira filtragem, levando em consideração apenas o título e a sinopse oficial de cada obra, chegamos à identificação de três categorias: biografias, autobiografias e outros, sendo essa última composta por memórias pessoais e ou profissionais; relatos profissionais e ou de experiência; e obras com traços biográficos em geral.

O resultado que obtivemos foi que, das 84 obras levantadas, 38 tratam-se de biografias, 20 são autobiografias e as 26 restantes estão na categoria outros. No próximo contato com as obras, no qual iremos trabalhar com os conteúdos destas, é possível que haja mudança de categoria.

Nomeadas as categorias, nosso próximo passo foi identificar os jornalistas biografados ou cuja experiência é o foco das obras; chamaremos estes sujeitos de jornalistas-tema.

Na primeira categoria (*Tabela 1*), correspondente às biografias, identificamos de pronto que alguns jornalistas-tema são protagonistas recorrentes nas obras, sendo assim os separamos também por quantidades de obras, que variam de uma a três. Ao todo foram 25 jornalistas-tema nessa categoria e uma obra sobre variados protagonistas.

Tabela 1: Jornalistas-tema da categoria 1 (biografias)

Uma biografia		Duas biografias	Três biografias
Assis Chateaubriand	Nelson	João do Rio	Clarice
Blota Jr.	Rodrigues	Graciliano	Lispector
Carlos Drummond de Andrade	Nísia Floresta	Ramos	Olavo Bilac
Carlos Eduardo	Oswald de Andrade	Machado de Assis	Paulo Francis
Zanatta	Ricardo	Monteiro	Assis
Cid Moreira	Kotscho	Lobato	
Eça de Queirós	Roberto	Raquel de	
José de Alencar	Marinho	Queiroz	
Lima Barreto	Roberto Müller	Rubem Braga	
	Filho		
	Tinhorão		
	Vários		

Fonte: Elaborada pelos autores

A segunda categoria (*Tabela 2*) não foi separada por quantidade de autobiografias, pois apenas um jornalista-tema possui duas, que é Joel Silveira. É esperado que todos os autores das obras sejam os sujeitos biografados. No entanto, uma das obras apresenta um coautor; no caso, a autobiografia de Walter Clark recebeu coautoria de Gabriel Priolli. Ao todo, são 19 jornalistas-tema nessa categoria.

Tabela 2: Jornalistas-tema da categoria 2 (autobiografias)

Boni	Nelson Motta	Ruy Castro
Edmar Morel	Oswald de Andrade	Samuel Wainer
Flávio Alcaraz	Paulo Cavalcanti	Villas-Bôas Corrêa
Gomes	Ricardo Carvalho	Walter Clark (e
Joel Silveira	Ricardo Kotscho	Gabriel Priolli)

José Carlos Bardawil	Ricardo Noblat	Zuenir Ventura
José Hamilton	Roberto Freire	
Ribeiro		
José Louzeiro		

Fonte: Elaborada pelos autores

A terceira categoria, denominada de outros (*Tabela 3*), foi separada por duas subcategorias: memórias e diários profissionais, totalizando 27 jornalistas-tema.

Identificamos que nesses livros de memórias há muita similaridade com o formato da autobiografia, apesar de não ser explicitamente esse tipo de texto. Os diários profissionais estão em formatos diversos, desde livros de crônicas, relatos de bastidores da imprensa a rascunhos do que poderiam ser manuais de Jornalismo, como é o caso das obras de Alberto Dines e Ricardo Noblat.

Vale salientar que nesse caso os jornalistas-tema são também os autores, como nas autobiografias. Nessa categoria observamos que dois jornalistas-tema são autores de duas obras cada: José Maria Mayrink e José Roberto Alencar.

O primeiro, por sua vez, compõe uma obra escrita a três mãos, a única da lista com essa característica. A outra obra com mais de um autor possui apenas dois, Anderson Couto e Emerson Couto.

Tabela 3: Jornalistas-tema da categoria 3 (outros)

Memórias	Diários profissionais	
Carlos Azevedo	Alberto Dines	Lima Barreto
Carlos Drummond de Andrade	Alexandre Garcia	Luís Nassif
Cláudio Abramo	Anderson Couto e Emerson Couto	Luiz Amaral
Graciliano Ramos	Emerson Couto	Patrícia Maria
Heródoto Barbeiro	Carmo Chagas, José	Mesquita
Jorge Amado	Maria Mayrink e Luiz	Paulo Henrique
José Maria Mayrink	Adolfo Pinheiro	Amorim
José Roberto Alencar	Eliane Brum	Ricardo Noblat
	Eugênio Bucci	Rodolfo C. Martino

Fonte: Elaborada pelos autores

Se somarmos separadamente biografias, autobiografias e outros, há 71 jornalistas-tema. Entretanto, cruzando as três categorias, podemos observar que há algumas repetições de jornalistas-tema, então esse número cai para 63 jornalistas-tema presentes nas 84 obras levantadas, deixando de fora dessa contagem uma única obra: a biografia com vários jornalistas-tema (*Tabela 4*).

Observando os dados gerais, um ponto chama atenção: a tímida presença de mulheres jornalistas-tema. Apesar de já serem maioria nas redações (MICK; LIMA, 2013; TRAQUINA, 2004), dos 63 jornalistas-tema apenas cinco são mulheres.

Quando nos deparamos com os biógrafos que não são jornalistas-tema das obras, o que corresponde aos autores apenas das biografias, podemos tecer algumas reflexões.

Dos 35 biógrafos, quase dois terços são jornalistas (23) e aproximadamente um terço (12) são de outros campos, especialmente da área de Letras. Em razão disso, separamos os biógrafos nas categorias jornalista e não jornalista (*Tabela 5*).

Tabela 4: Todos os jornalistas-tema

Uma obra		Duas obras	Três obras
Alberto Dines	José Hamilton	Carlos	Clarice
Alexandre Garcia	Ribeiro	Drummond de	Lispector
Anderson Couto	José Louzeiro	Andrade	Graciliano
Assis	Luís Nassif	João do Rio	Ramos
Chateaubriand	Luiz Adolfo	Joel Silveira	Monteiro
Blota Jr.	Pinheiro	José Maria	Lobato
Boni	Luiz Amaral	Mayrink	Olavo Bilac
Carlos Azevedo	Nelson Motta	José Roberto	Paulo Francis
Carlos Eduardo	Nelson	Alencar	
Zanatta	Rodrigues	Lima Barreto	

Carmo Chagas	Nísia Floresta	Machado de
Cid Moreira	Patrícia Maria	Assis
Cláudio Abramo	Mesquita	Oswald de
Eça de Queirós	Paulo	Andrade
Edmar Morel	Cavalcanti	Raquel de
Eliane Brum	Paulo Henrique	Queiroz
Emerson Couto	Amorim	Ricardo
Eugênio Bucci	Pedro Bial	Kotscho
Flávio Alcaraz	Ricardo	Ricardo Noblat
Gomes	Carvalho	Rubem Braga
Gilberto	Roberto Freire	Zuenir Ventura
Dimenstein	Roberto	
Heródoto Barbeiro	Marinho	
Jeferson Andrade	Roberto Müller	
Jorge Amado	Filho	
José Carlos	Rodolfo C.	
Bardawil	Martino	
José de Alencar	Ruy Castro	
	Samuel Wainer	
	Tinhorão	
	Villas-Bôas	
	Corrêa	
	Walter Clark	
	Vários	

Fonte: Elaborada pelos autores

Apenas duas obras foram feitas em parcerias: uma das biografias de Monteiro Lobato, feita por Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta; e a biografia de Ricardo Kotscho, desenvolvida por Mauro Júnior e José Roberto de Ponte. Todas as outras são obras de um autor só.

Tabela 5: Biógrafos das obras

Jornalistas		Não jornalistas
Daniel Piza	José Roberto de Ponte	Ana Luiza Andrade
Denis de Moraes	Lilian Fontes	Benjamin Moser
Elizabeth Lorenzotti	Márcia Camargos	Carlos Alberto dos
Elza Miné	Marco Antônio de	Santos Abel
Fátima Sampaio	Carvalho	Carmen Lucia de
Moreira	Maria Helena	Azevedo
Fernando Jorge	Tachinardi	

Fernando Morais	Mauro Júnior	Constância Lima
Fernando Morgado	Paulo Eduardo	Duarte
Francisco de Assis Barbosa	Nogueira	Heloísa Buarque de Hollanda
Humberto Werneck	Pedro Bial	Lucia Granja
José Castello	Raimundo Magalhães Júnior	Marisa Lajolo
José Maria Cançado	Ruy Castro	Nádia Batella Gotlib
	Vladimir Sacchetta	Renato Cordeiro Gomes
		Teresa Cristina Monteiro Ferreira
		Vera Chalmers

Fonte: Elaborada pelos autores

Três biógrafos têm mais de uma obra sobre jornalistas: Raimundo Magalhães Júnior, quatro; Ruy Castro e Fernando Jorge, cada um, duas. A presença de mulheres biógrafas é bem mais marcante do que de mulheres biografadas: dos 35 biógrafos, 15 são mulheres e 20 são homens. Um dado curioso é que dois biógrafos figuram também na lista dos jornalistas-tema: Ruy Castro e Pedro Bial.

Considerações finais

Apresentamos aqui os primeiros resultados empíricos da pesquisa, que versa sobre o uso de obras com características biográficas e autobiográficas como alternativa viável para o desenvolvimento de um mapa do jornalismo praticado no Brasil no último século.

A partir dos dados empíricos iniciais colhidos nessa fase da pesquisa, trouxemos estas considerações. Primeiramente, a opção de descarte do que não se trata de biografia ou autobiografia, o que chamados de categoria "outros", foi desconsiderada. Acreditamos que esta categoria pode nos fornecer dados bastante ricos no que se referem às visões dos jornalistas brasileiros sobre a imprensa e o mercado.

Nessa fase, também foi possível perceber que essa categoria pode ser subdividida entre obras de memórias, que ficam no limiar com as autobiografias; e diários profissionais, que narram especialmente os bastidores da mídia. Surpreendemo-nos com a quantidade de jornalistas-tema que têm mais de uma obra em suas alusões. Dos 25 jornalistas-tema com biografias, dez têm duas obras ou mais sobre suas vidas.

Com relação aos biógrafos, é possível perceber três fortes características: geralmente o trabalho é feito por uma só pessoa; a maioria dos biógrafos em nosso corpus é jornalista, o que confirma nossas suposições iniciais quanto a isso; e a inexpressiva presença de mulheres jornalistas-tema não se repete nessa categoria, pois há forte presença de biógrafas dentre as obras levantadas.

Na próxima etapa, nos utilizando das técnicas de análise de conteúdo, iremos aglutinar aos dados que já temos das obras os seguintes aspectos: biografias dos jornalistas-tema; sinopse das obras; datas de nascimento e falecimento dos jornalistas-tema; datas de publicação das primeiras edições das obras levantadas; e locais de atuação dos jornalistas-tema.

Identificaremos a relação do biografado com o Jornalismo, quais sejam: a escolha profissional, a importância da profissão na vida do biografado, quando começou a atuar no jornalismo, os veículos em que atuou, as funções que exerceu, dentre outros. Este caminho se apresenta, portanto, como uma perspectiva nova para utilização das biografias e autobiografias dos jornalistas.

As datas de nascimento e falecimento (quando for o caso) dos jornalistas-tema das obras serão comparadas às datas de publicação de suas biografias e similares, pois é provável que a maioria das obras tenham sido publicadas apenas após o falecimento, em forma de homenagem.

Esses dados também tornarão possível separar os jornalistas-tema por geração, tendo em vista que de 1917 a 2016 o Brasil e também a prática jornalística se transformaram em diversos aspectos.

Saber os locais de atuação dos jornalistas terá papel importante no mapeamento da prática jornalística, pois possivelmente poderemos identificar diferenças regionais da em diferentes épocas do último século. Iremos também correlacionar essas obras, como também vamos comparar as biografias feitas sobre um mesmo jornalista-tema, quando se aplicar.

Outro item ao qual iremos nos debruçar é na identificação dos gêneros e formatos da categoria que, por ora, chamamos de outros e até o momento envolve memórias e diário profissional.

Entendemos que a execução dessa fase da pesquisa foi satisfatória. Temos agora caminhos mais concretos a seguir na análise de conteúdo. Também temos ciência de que a lista inicial com 84 obras tende a crescer durante o desenvolvimento da pesquisa.

Esperamos também nos debruçar sobre a categoria perfil, segmento que ainda vamos investigar em específico. Por fim, acreditamos que a pesquisa trará contribuições ao campo do Jornalismo e aos estudos de intersecção entre os gêneros jornalístico e literário.

A biografia como fonte documental para pesquisas sobre história do jornalismo: impressões a partir de 'Chatô, o rei do Brasil'

Nossa pesquisa objetiva construir um mapa da prática jornalística brasileira. O mapeamento tem como base as biografias, autobiografias e documentos similares, quais sejam livros de memórias, livros que relatam experiências, dentre outros, relacionados às trajetórias de jornalistas brasileiros; tais obras podem revelar aspectos da atividade da imprensa no que tange às práticas profissionais (SOBRAL; BULHÕES, 2016).

Da amostragem inicial, que conta com 84 obras sobre jornalistas brasileiros, selecionamos para um estudo de caso a biografia *Chatô, o rei do Brasil* (MORAIS, 1994), autoria do jornalista Fernando de Moraes, que se debruça sobre a vida do jornalista Assis Chateaubriand (1892-1968).

O conteúdo biográfico revela aspectos relacionados à vida profissional do biografado que, quando posto em contexto, também reconstrói o cenário da imprensa da época em que viveu.

Chatô, como era conhecido, foi proprietário do maior império de veículos de comunicação, os Diários Associados, que compreenderam noventa empresas, dentre elas jornais, estações de rádio e televisão, revistas e agência de propaganda.

Na obra, se faz presente os veículos em que o jornalista atuou, as funções que exerceu, a jornada de trabalho, etc. Aspectos que denotem a relação do biografado como jornalismo, que compreendem a escolha profissional, a importância da profissão na vida do biografado, dados

sobre a experiência profissional, dentre outros, relevantes para a história do jornalismo.

Esta perspectiva suscita um debate significativo sobre as práticas jornalísticas, pois fornece dados para a construção de um arcabouço teórico acerca da profissão, já que detalha em profundidade os acontecimentos da época em que viveu Assis Chateaubriand, uma das figuras mais icônicas de sua época e até hoje mencionado como um dos mais importantes brasileiros do último século, principalmente por ter sido pioneiro na televisão do país.

Além disso, de *Chatô, o rei do Brasil* foram publicadas pelo menos treze edições, sem contar as reimpressões. Até o ano de 2004, o livro vendeu mais de 225 mil exemplares (UOL, 2004). A obra recentemente se transformou em filme homônimo *Chatô, o Rei do Brasil* (Brasil, 2015, 102 minutos).

Abre o livro uma série de fotografias em que Chatô aparece com figuras de destaque e renome do cenário político brasileiro e internacional: ministros, reis, ditadores, políticos etc.

Curiosamente, o álbum de fotos final revela Chatô e as mulheres: são atrizes, socialites, milionárias e até uma índia. Personas do circuito nacional e internacional, em diversas ocasiões. Não há índice.

O livro é dividido em capítulos numerados, 37 ao total, além de epílogo, agradecimentos, lista dos nomes dos entrevistados, bibliografia, créditos das ilustrações e índice onomástico.

Fernando de Moraes, o jornalista autor da biografia, se valeu de recursos literários, sobretudo no primeiro capítulo, quando retrata um sonho do biografado: Chatô e a filha Tereza na foz de um rio comiam carne de bispos portugueses, como fizeram os índios no século XVI. O livro foi escrito com a ajuda de jornalistas e de

pesquisadores colaboradores nas etapas de pesquisa e entrevista, como consta nos agradecimentos. O autor recebeu uma bolsa pelo Programa do Artista Residente da Unicamp.

Não se trata de uma biografia de louvação da personagem biografada, mas impressa com cargas do realismo – e imaginação, ao que parece – o autor consegue antever o que por último pensou o biografado quando estava em coma e recompor acena a beira da cama do moribundo, por exemplo.

Como pano de fundo está a história do jornalismo e do Brasil na primeira metade do século XX. Complementarmente confrontamos a obra com a biografia escrita por Castello (2013) sobre Rubem Braga e com a autobiografia do jornalista Samuel Wainer (2005).

Biografia, fonte documental fidedigna

Segundo Vilas-Boas (2002), a biografia é um gênero literário transdisciplinar e a autobiografia é um trabalho autoral e, quando realizadas por jornalistas, constituem-se em narrativas jornalísticas impressas não periódicas.

Ao que pese, a existência de poucos estudos sobre biografias e a ausência de um campo metodológico-teórico próprio para o seu estudo e abordagem, a biografia é comumente tratada como gênero literário de não-ficção, por isso, pertence ao campo da literatura e se situa entre o jornalismo e a literatura.

Assim, o jornalismo considera a biografia pertencente ao campo do jornalismo literário. No que pese ser uma narrativa literária, é considerada texto e, por ser texto, é um conjunto de informações que se apresenta como um reunião de fatos que fixam o biografado no seu tempo. A biografia é, portanto, uma reunião de informações factuais e acontecimentos compilados.

Vilas-Boas (2008) procura alcançar um conceito para biografia considerando-a a vida de uma pessoa narrada com arte por outra pessoa. Para as suas considerações a respeito – procurando suportes metodológicos e teóricos que dêem conta de explicar o fenômeno e compreendê-lo –, busca outras disciplinas e dispõe de hipóteses e argumentos do próprio jornalismo, considerando que o *modus operandi* da escrita biográfica agrega os elementos do *new journalism*.

Os recursos literários utilizados na narrativa referem-se à construção cena a cena, diálogo, alternância de foco narrativo e reconstituição minuciosa; e da *creative non fiction*⁴, conhecida como literatura da realidade, cujos pilares são os da literatura de não-ficção: precisão, verossimilhança e ética.

A Nova História, associada à historiografia francesa da Escola dos Annales, também é uma corrente que pode trazer contribuições para a problematização do estudo das biografias, “por seu interesse primordial no detalhe tanto quanto no essencial; na clareza tanto quanto na substância; no registro não-oficial tanto quanto no documento; na covardia tanto quanto na grandeza” (VILAS-BOAS, 2002, p. 69).

Vilas-Boas (2002) considera a visão da Nova História compatível com a proposta da narrativa biográfica tanto quanto a narrativa jornalística proposta para o livro-reportagem.

O livro-reportagem é aquele que reúne uma gama de fatos, oriundos das fontes mais diversas e fruto do trabalho jornalístico de apuração que envolve uma série de procedimentos como pesquisa documental, entrevistas e análise (BELO, 2006).

Chatô: aspectos da vida profissional do biografado

A profissão é o fio que permeia esta biografia. No princípio do texto, o primeiro referente (termo referencial) que o autor usa em substituição ao nome do biografado, é a sua atividade, “jornalista” (MORAIS, 1994, p. 13), portanto, a atividade preponderante dentre os tantos papéis desempenhados pelo biografado durante toda a vida.

O jornalista conservava um ritual diário de escrever à mão o artigo do dia seguinte que enviava de onde estivesse, datando do local onde se encontrasse, louvava a sua importância e autoridade como diretor dos Diários Associados, chegando a exaltar que “eu nunca carreguei um documento em toda minha vida! Sou Assis Chateaubriand, embaixador do Brasil na Inglaterra e diretor dos Diários Associados” (MORAIS, 1994, p. 21).

Outros aspectos revelam as posições assumidas pelo biografado sobre temas caros ao jornalismo, no que tange a liberdade de imprensa – e levando em consideração que, além de articulista, era proprietário de veículos de comunicação, então que empregava jornalistas.

Assis Chateaubriand entendia que os jornais podiam defender posição opostas à do seu proprietário, mas, no entanto, revela o biógrafo, este posicionamento não se via na prática. Em momentos diversos de sua vida, o biografado manifestou-se de forma contrária.

Certa vez, Chatô chegou a declarar a um dos seus repórteres, o repórter David Nasser, em determinada ocasião, quem quisesse ter opinião que comprasse a sua própria revista. O biógrafo revela esta faceta contraditória do biografado e demonstra como era abismal as declarações públicas do biografado e as suas atitudes.

Ao interesse do biografado pelo jornalismo, o biógrafo atribui ao fascínio que o despertou a redação e a oficina do Jornal Pequeno, editado em Recife, no começo do século

XX. O primeiro emprego em jornal, aos 15 anos de idade, foi no Gazeta do Norte, na mesma cidade, recém-fundado, corria o ano de 1906.

Suas credencias foram a caderneta escolar, saber um pouco de francês, alemão e filosofia, e a coleção de artigos escritor por Carlos Laet. Começou assim a carreira como redator de anúncios classificados conhecidos por “manteigas” deste jornal vespertino. Depois passou a redigir notinhas e cartas.

Os jornais aquele tempo eram veículos partidários de políticos e governos e fundados com o propósito de apoiar a estes ou aqueles, contextualiza o biógrafo.

As primeiras dificuldades se apresentam, retrata o biógrafo as condições de trabalho: salários atrasados e a pouca experiência que impedia Chatô de pleitear um novo emprego nos grandes jornais da cidade, também não adiantava procurar os pequenos, pois não pagavam um salário decente a quem quer que fosse.

Desde o princípio é relatado que Chatô assumia o jornalismo como uma vocação, era a carreira que escolheu seguir. Completa o seu aprendizado, assevera o biógrafo, a leitura dos grandes articulistas da época que publicavam nos jornais, inclusive recortava e guardava os textos que lia:

Leu tudo o que escreveram os mais importantes nomes da imprensa de Pernambuco e do Sul (...). Aos poucos foi adquirindo, com aqueles autores, a convicção de que, mesmo em um ensaio publicado num jornal diário, o raciocínio transformado em argumento era muito mais sólido que o mais contundente adjetivo (MORAIS, 1994, p. 54).

O biógrafo procura traçar a peregrinação e as dificuldades que o biografado enfrentou no início da carreira, as penosas condições de trabalho e os baixos

salários e, contraditoriamente, por outro lado, a exigência de uma formação humanística para exercer a profissão, levando-o a concluir que o jornalismo para Assis Chateaubriand só poderia ser uma completa vocação.

Chatô passa por outros jornais do Recife. Consegue emprego no jornal *O Pernambuco* a convite de um amigo de seu pai, na condição de aprendiz. Receberia salário, mas conforme revelasse o talento poderia ser promovido.

Seu nome, no entanto, não apareceria na primeira edição do jornal, infelizmente, expediente utilizado para informar ao público que aqueles nomes eram credenciados a agir em nome do jornal para apuração de qualquer notícia aonde quer que fosse.

A instabilidade da profissão e os baixos salários levaram-no à Faculdade de Direito em busca de estabilidade, no entanto, com o passar do tempo a sedução e a vocação para a atividade do jornalismo conquistaram-no cada vez mais.

Naquele tempo, os jornais detinham-se muito mais à publicação de polêmicas do que às notícias, e jornalista que quisesse fazer carreira como repórter ou grande editor teria que entrar em alguma polemica, na qual, revelaria seu estilo e poder de argumentação.

Assim, o biografado rompe o ciclo que o relegaria a mero funcionário obscuro de jornal e se começa a forjar o grande jornalista que nasceria e se tornaria proprietário de um império de comunicação. O segredo, segundo o biógrafo, estava na perseverança e audácia daquele homem.

Chatô enfrenta a sua primeira polêmica pelos jornais e projeta seu nome no jornalismo. Se meteu em uma entre Silvio Romero e José Veríssimo. A polêmica lhe trouxe prestígio também no meio intelectual.

O resultado veio rápido, ganhou o posto de redator do Diário de Pernambuco com salário de cem mil reis. Mas nem tudo era glamour. Aos dezessete anos, assinava coluna mensal de questões filológicas e à noite escrevia os artigos de fundo para o Diário de Pernambuco e Jornal Pequeno. Como dominava francês e alemão era sempre destacado para realizar entrevista e cobrir eventos com personalidades internacionais.

Jornalista no começo do século XX era aquele que também assumia posição em momentos de crise política e, por isso, sofria as revezes com as mudanças políticas e os momentos de instabilidade.

Neste período, foi preso, e também o seria futuramente, pelas mesmas razões, perdeu o emprego e, para sustentar a família, mãe e os irmãos, o pai morto, conseguiu emprego a 50 mil reis como correspondente em Recife de *O Jornal* de São Luís do Maranhão e arrumou bico de professor particular.

No entanto, revela o biógrafo, exercício da atividade lhe proporcionou algumas experiências notáveis, como acompanhar temporadas de teatro e ópera quando destacado para fazer acobertura destes eventos e voar no avião do francês Lucien Deneau, sobre o qual fez uma série de reportagens.

Acontece que a instabilidade da profissão levou-o diversas vezes a procurar alternativa no exercício da advocacia e do ensino, e também por isso, prestou concurso para uma cátedra da faculdade de Direito.

Pelas posições políticas adotadas no exercício da profissão, também amealhou processos judiciais movidos pelos que se sentiam atingidos. Certa vez, se sentiu ofendido por ter sido desautorizado pelos donos do jornal, por terem passado por cima da sua ordem, como redator-chefe e diretor de redação, de não aceitar a publicação de

uma carta e, por isso, pediu demissão.

Também por sua posição em polêmicas e por ter sido personagem central de uma disputa política amplamente noticiada pelos jornais, foi massacrado por jornais e jornalistas, como João do Rio nas colunas que este escrevianos jornais cariocas para a *Gazeta de Notícias* e *Rio Jornal*, ambos do Rio de Janeiro. E Olavo Bilac que chamou-o de talentoso publicista.

Foi então que decidiu se mudar para o Rio de Janeiro aos 25 anos de idade e começou a trabalhar com a advocacia enquanto movia-o o desejo de ter o próprio jornal. A advocacia trocou pela direção do *Jornal do Brasil*, para o qual foi convidado.

Promoveu diversas mudanças no jornal no cargo de diretor e chegava a trabalhar todos os dias até a madrugada. Neste período, conheceu personalidades do jornalismo, como Júlio Mesquita de *O Estado de S.Paulo*. Assumiu a função de correspondente na Alemanha do *Correio da Manhã* em 1919.

Enviaria dois artigos semanais e a cada dez dias uma longa entrevista era publicada. O contexto dos correspondentes aquele tempo era um salário para se manter com dignidade.

O método de trabalho era a carta de recomendação, as entrevistas eram precedidas de descrição do local e publicada em duas páginas. E sofria ataques, João do Rio o acusava em sua coluna de ser um agente do soldo de Berlim.

Em 1920, era redator-chefe do *Jornal do Brasil* por um breve período, retomando a advocacia com pretensões de juntar um capital monetário para comprar o seu próprio jornal. Aos 32 anos comprou *O Jornal* com as suas economias e angariando com empresários participação em dinheiro para a compra, a título de ações.

No seu jornal, montou uma equipe com os melhores jornalistas e convidou para articulistas personalidades de destaque nacional. Instituiu um departamento de propaganda para angariar anúncios, substituiu os artigos de fundo pela reportagem – observou que a reportagem fazia sucesso na imprensa norte-americana) e começou com as campanhas em prol de alguma causa.

Este foi o princípio da sua cadeia de comunicação que, em 1931, passou a incluir uma agência de notícias. Do que mais se orgulhava era de ser “repórter” e para os seus jornais contratava os melhores jornalistas que encontrava. Rubem Braga, Joel Silveira, Carlos Lacerda, Samuel Wainer, Millôr Fernandes e tantos outros nomes do jornalismo trabalharam nos seus Diários Associados.

Na sua coluna diária, praticava a polêmicas atacando adversários, muitas vezes com insultos e ofensas.

O biógrafo revela que o biografado sempre foi um homem audacioso e investiu na melhora das suas publicações não só procurando se cercar do melhor time de jornalistas a que tivesse alcance, mas também investindo sempre na modernização do parque gráfico, adquirindo para os seus jornais e revistas os equipamentos e maquinário mais avançados.

Chatô, biografias (autobiografias) e jornalismo

Torna-se relevante observar que, de forma transversal, também se pode considerar a biografia *Chatô, o rei do Brasil*, de Fernando de Moraes, capítulo da biografia de outros jornalistas brasileiros que transitaram pelos Diários Associados.

Dentre os jornalistas retratados, destacamos dois deles para exposição dos apontamentos biográficos relatados por Fernando de Moraes em *Chatô*, são eles os jornalistas Rubem Braga e Samuel Wainer.

Há duas biografias existentes sobre o jornalista Rubem Braga, ambas cujos autores são também jornalistas, uma delas, escrita de forma convencional por Carvalho (2007) e outra por Castello (2013) que propõe um novo formato, uma biografia em forma de dicionário onde a vida do jornalista e cronista Rubem Braga é distribuída por temas, cada tema um verbete, cada verbete corresponde a um capítulo.

Jornalismo é um dos verbetes e nele consta um breve resumo da trajetória de Rubem Braga pela imprensa. É a este capítulo que vamos nos deter para observar os fatos elencados por Castello (2013) que vamos confrontar com os episódios narrados por Morais (1994) acerca de Rubem Braga na biografia *Chatô*.

Castello (2013), no seu texto, recupera um Rubem Braga (1913-1990) que considerava a sua relação com a imprensa conflituosa. Braga começou nos jornais em 1928, escrevendo crônicas para o *Correio do Sul*, jornal de sua cidade, Cachoeiro de Itapemirim, Minas Gerais.

No ano seguinte, ingressou no curso de Direito, no Rio de Janeiro; em 1932 está em Belo Horizonte trabalhando no *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, quando começa a atuar definitivamente como repórter escalado para cobrir uma exposição sobre cães de raça.

Em 1934, já está em São Paulo e procura o diretor dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, para pedir emprego. É contratado para trabalhar no *Diário de S. Paulo*; depois vai para o *Diário da Noite* e passa a publicar crônicas em *O Jornal* no Rio de Janeiro.

Rubem Braga aparece na biografia de Assis Chateaubriand como repórter do jornal *Estado de Minas* que pertencia a cadeia dos Diários Associados:

“[Assis Chateaubriand] Ligou para Belo Horizonte dando ordens para que fosse mandado para afrente sul, na boca do túnel situado na cidade

de Passa Quatro, o repórter Rubem Braga, do Estado de Minas, cujo texto cuidadoso e cheio de estilo ele já elogiara publicamente algumas vezes” (MORAIS, 1994, p. 283).

Acredita-se que os fatos vivenciados por Rubem Braga e a sua relação com Assis Chateaubriand tenham sido narrados pelo próprio jornalista Rubem Braga ao biógrafo Fernando de Moraes, pois Braga figura na lista dos entrevistados. Alguns dos episódios servem ao biógrafo como elemento construtivo da personalidade controversa, as práticas de trabalho e relação com os funcionários usuais de Assis Chateaubriand.

Rubem Braga foi testemunha de vários episódios que retratam as práticas profissionais endossadas pelo chefe. Uma delas, que consta na biografia, é o caso de um misterioso funcionário do *Diário da Noite* que chegava todos os dias aos jornais bem cedo sentava lia os jornais apenas.

Depois se vieram descobrir que fora um carcereiro de Chatô durante as prisões a que foi submetido na Revolução de 1932 a quem, em troca de um favor, Chatô não só prometera como cumprira, um emprego nos seus jornais.

Em outra ocasião, na sala do patrão, aonde fora chamado, Rubem Braga viu uma figura feminina deslumbrante, era a argentina Cora com quem Chateaubriand viveria um romance.

Segundo o biógrafo Fernando Moraes, Braga arriscou uma olhada discreta para a moça, ao que o patrão percebendo, retrucou: “– pode desistir, seu Braga, pode desistir. Isto é mulher cara, não é mulher pro seu salário, não...” (MORAIS, 1994, p. 324).

Rubem Braga é retratado por Moraes (1994) como um jornalista provocador. Anteriormente, ainda no tempo em que trabalha no *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, Braga

havia escrito um artigo que foi considerado pela Igreja desrespeitoso. Chateaubriand conseguiu, na ocasião, contornar.

O mesmo motivo levaria a sua saída dos Diários Associados. O crítico Alceu de Amoroso Lima pediu ao jornalista Assis Chateaubriand a demissão do repórter, história que está narrada nos seus pormenores na biografia de Assis Chateaubriand.

Braga havia escrito mais uma vez um texto criticando a Igreja. Alceu Amoroso Lima comunicou que se Braga não fosse demitido, ele retiraria a sua coluna de O Jornal.

Rubem Braga, deu o troco a Chateaubriand aproveitando as agressões do ex-patrão em seus artigos diários a Luís Carlos Prestes, da ANL, Rubem Braga foi o primeiro a peitar nos jornais Chateaubriand enviando um artigo a ser publicado em *A Manhã*.

No Diário de Pernambuco, o repórter Rubem Braga assumiu a página policial e resolveu noticiar um suicídio. Episódios que revelam não só como funcionava a contratação e demissão nos jornais no tempo de Braga como também revela o anedotário que cerca a vida dos grandes repórteres. Desta vez é o seu biógrafo quem escreve:

O centenário jornal pernambucano estampa então, pela primeira vez em sua história, a notícia de um suicídio – tema absolutamente proscrito até ali. ‘Quem era afinal esse suicida?’, um amigo, muitos anos depois, quer saber. ‘Bem, eu não podia publicar qualquer suicídio’, responde. ‘Esperei, então, aparecer um suicídio mais bonitinho’. Entre dezenas de suicídios de miseráveis, Braga simplesmente esperou que uma linda loura se matasse para publicar a notícia pioneira (CASTELLO, 2013, p. 99).

A história de Rubem Braga pelos jornais tem capítulos na *Folha do Povo* (em 1935, do qual foi um dos fundadores) e *A Manhã*; também tem passagem pela revista *Diretrizes*, onde conviveu e brigou com Samuel Wainer, fundador da revista; e na cobertura da Segunda Guerra no front, na Itália, a serviço do *Diário Carioca*; como correspondente do *Correio da Manhã* em Paris, nos anos 1950; e na editoria do jornal *O Comício* com o jornalista Joel Silveira.

Depois disso, definitivamente cronista colaborando com revistas e jornais como a revista *Manchete* e *O Estado de S. Paulo*. Castello (2013) é sucinto ao retratar a passagem de Rubem Braga pela imprensa que, confrontada com a narrativa de Morais (1994), traz novas luzes para a atuação profissional do repórter nos Diários Associados, sua postura profissional e as contingências da profissão.

Já Samuel Wainer aparece em *Chatô* como repórter de *O Jornal* em 1947, após vender a revista *Diretrizes*. Wainer acabava de retornar de uma viagem de dois anos pela Europa, onde fora como enviado especial para cobrir o tribunal de Nuremberg.

Embora, e Morais (1994) atribui a palavras do próprio Wainer, Wainer afirmar que a perspectiva de trabalhar para Chateaubriand o repugnasse, aceitou porque almejava ter experiência de trabalho em um jornal diário. Contratado, ainda segundo o biógrafo de Chatô, por um salário astronômico de 20 mil cruzeiros por mês, passou a cobrir de tudo e em especial à questão do petróleo em solo brasileiro.

Em 1949, Chateaubriand o chama em seu escritório e lhe apresenta uma missão especial: realizar uma série de reportagens que combatessem a opção dos agricultores do sul em cultivar o trigo e que, estando no Sul, lhe viera a

ideia de uma entrevista com Getúlio Vargas – que vivia uma espécie de exílio na sua Fazenda em São Borja.

Assim, segundo Moraes (1994), Wainer expõe o fato na sua autobiografia. No entanto, a versão é contestada pelos seus colegas da direção do jornal a época, conforme constatou o biógrafo. Moraes (1994) apurou que Chateaubriand enviara Wainer especialmente para entrevistas o ex-presidente Getúlio Vargas. E a viagem sobre o trigo funcionara apenas como pretexto.

Quatro anos depois, segundo Moraes (1994), Chateaubriand publica um artigo esclarecendo a história na sua visão de que o repórter fora enviado por ele – fato que, assegura Moraes, não foi desmentido nem por Wainer nem por Vargas e escrito numa circunstância mencionada: Chatô e Wainer estavam rompidos.

A reportagem de Wainer foi o fato político mais importante daquele ano, considera o biógrafo. Moraes (1994) utiliza a autobiografia póstuma de Wainer (2005), *Minha razão de viver*, como fonte documental para relatar a relação do repórter com o seu biografado, ao mesmo tempo, confrontou os dados com os outros depoimentos e testemunhos dos seus entrevistados.

A respeito disso destacamos que a autobiografia e as memórias, segundo Vilas-Boas (2002), são fontes primárias importantes para o trabalho do biógrafo e devem ser consideradas com ressalvas pois “podem omitir mais do que revelar, idealizar mais do que relatar. Podem ainda evidenciar contradições quando confrontadas com testemunhos orais colhidos em entrevistas ou mesmo em outros documentos impressos” (VILAS-BOAS, 2002, p. 59).

Samuel Wainer passou três anos nos Diários Associados, inclusive, registra Moraes (1994), Chatô arcou com o tratamento contra a tuberculose de Wainer e

continuou com o pagamento do salário do repórter.

As relações eram cordiais, segundo Moraes (1994), que informa: “nos arquivos do dono dos Associados ficaram bilhetes igualmente fraternos que ele recebia daquele que se transformara em seu repórter de maior sucesso” (MORAIS, 1994, p. 513) e que, por isso, foi escalado para acompanhar o candidato Getúlio Vargas durante as eleições para presidência da república.

O que aproximou o repórter do presidente e o que levou ao rompimento de Chatô com Wainer. Só por um momento o repórter se afastou da cobertura do candidato para os Associados, foi, a pedido do chefe, para entrevistar o governador de São Paulo, Ademar de Barros. A entrevista aconteceu no avião de Barros e custou 300 mil cruzeiros, preço cobrado por Chatô com um quinhão no valor de 20% destinado ao repórter.

As memórias de Wainer (2005) servem para ilustrar o episódio, ele conta que o patrão não gostou nada daquilo porque não costumava a dividir este tipo de lucro com os funcionários. Com o dinheiro Wainer comprou um apartamento na avenida Atlântica para ex-mulher. Episódio que retrata bem algumas práticas usuais do jornalista Assis Chateaubriand e a posição ética de alguns dos seus repórteres.

A vitória de Getúlio gerou uma expectativa em Wainer, fato endossado por Moraes (1994) e que está na autobiografia de Wainer, de ser promovido a diretor do Diários Associados, no entanto, Chatô lhe ofereceu a diretoria de uma das empresas do conglomerado o que decepcionou o repórter e o fez romper definitivamente com o patrão.

Outro episódio marcante relatado por Moraes (1994) acerca de Wainer refere-se à reportagem publicada pela Tribuna da Imprensa de Carlos Lacerda denunciando que o

Última Hora, jornal de Samuel Wainer, fora financiado, prédio, maquinário e até o papel para impressão do jornal, pelo Banco do Brasil em decorrência de intimidade de Wainer com o presidente Getúlio Vargas.

A campanha ganhou adesão dos Diários Associados de Chateaubriand, que não via o crescimento vertiginoso e incômodo do *Última Hora* com bons olhos. Chatô destacou seu melhor repórter para cobrir o caso. Não adiantara as defesas de Wainer pelas páginas dos seus jornais, os ataques foram vilipendiosos.

Ataques a que Wainer atribuiu em sua autobiografia aos interesses difusos dos dois jornalistas. Chatô queria acabar com a concorrência e Lacerda queria atingir o presidente Getúlio Vargas.

Considerações finais

Apresentamos aqui um estudo de caso sobre a biografia Chatô, o rei do Brasil, de autoria do jornalista Fernando de Moraes, a qual confrontamos com a biografia escrita por Castello (2013) sobre Rubem Braga e com a autobiografia do jornalista Samuel Wainer (2005).

O recorte apresentado figura compondo uma pesquisa sobre o uso de biografias, autobiografias e similares na construção da história do jornalismo (SOBRAL; BULHÕES, 2016). Destacamos, assim, a viabilidade e importância da utilização das biografias como fontes documentais em pesquisas sobre história do jornalismo.

Destacamos também a importância desta biografia como fonte plural para contar a história não só de Assis Chateaubriand, mas de outros jornalistas que passaram pelas redações dos jornais ligados às suas empresas e que conviveram com ele, com destaques, neste artigo, a dois jornalistas que escolhemos para confrontar a partir da biografia de Rubem Braga (CASTELLO, 2013) e a

autobiografia de Samuel Wainer (2005).

Além disso, podemos inferir o valor desta biografia como fonte documental para a história de outros jornalistas – há a presença em diversas passagens da atuação profissional de Carlos Lacerda, Joel Silveira, entre outros – e mais, como maneira de confrontarmos com fontes primárias, como foi o caso da entrevista de Wainer com Getúlio Vargas, em que Wainer conta uma versão na sua autobiografia e Fernando de Moraes apurou outra na biografia Chatô.

O que permite considerar que possamos não só colher em biografias dados autobiográficos, mas confrontar versões de fatos e momentos vividos nas redações dos jornais, comprovando então a nossa proposta de que as biografias e autobiografias dos jornalistas são essenciais para compreender as práticas profissionais e contar a história do jornalismo brasileiro.

2. Jornalistas,

Rubem Braga, jornalista: o cronista repórter

O jornalista Rubem Braga (1913-1990) é considerado pelo cânone literário o maior cronista brasileiro. No entanto, pouco é explorada a sua faceta como jornalista, profissão que abraçou na adolescência e exerceu por toda vida atuando em diversos jornais impressos brasileiros.

O Rubem Braga repórter cedeu espaço à fama que se sobrepôs de ser essencialmente cronista brasileiro. Suas crônicas eram publicadas em toda a rede jornais espalhada pelo Brasil da cadeia dos Diários Associados, o que lhe consagrou.

Quando volta da Segunda Guerra Mundial, em 1945, onde fora correspondente do *Diário Carioca*, Rubem Braga já é um cronista com projeção nacional. Sem contar os inúmeros livros que publicou ao longo da vida, reunindo crônicas; e o livro em que juntou as suas reportagens como correspondente da guerra.

Cronista, repórter, correspondente, Rubem Braga praticou o jornalismo por toda vida. Trabalhou nos principais veículos do país e criou um jornal, duas revistas e duas editoras de livros.

Se a crônica abriu as portas para ingressar no jornal mineiro *Diário da Tarde*, a atuação como repórter também o consagrou desde o princípio. Instado pela redação a cobrir uma feira de cães, voltou com um texto tão bom que o convidaram para ser além de cronista: repórter do jornal.

Neste contexto, nos propomos a enfatizar a atuação profissional de Rubem Braga como jornalista a partir de um levantamento de dados oriundo das duas biografias escritas sobre ele, *Na cobertura de Rubem Braga* (CASTELLO, 2013) e *Rubem Braga: um cigano*

fazendeiro do ar (CARVALHO, 2007) em confronto com algumas de suas obras (BRAGA, 2002, 2011, 2013a, 2013b, 2014).

A proposta metodológica se pauta uso de biografias como fonte de pesquisa e fonte documental, pois acreditamos na viabilidade do uso destas para a construção da história do jornalismo (SOBRAL; BULHÕES, 2016).

No início era o cronista

Rubem Braga, considerado o maior cronista brasileiro, escreveu mais de quinze mil crônicas em sessenta e dois anos de atividade. Consagrou e popularizou a crônica, que foi o seu ganha pão.

Já cronista respeitado, em 1978 assinou contrato com a *Revista Nacional*, encartada nos jornais de domingo e com distribuição de quatrocentos mil exemplares, para publicação de uma crônica semanal recebendo um salário mínimo por semana (CASTELLO, 2013).

Braga checava tudo para ter a absoluta certeza que não se enganava. Os originais eram sempre escritos, reescritos, corrigidos. O cronista cortava palavras, substituía, reescrevia frases. Era minucioso e detalhista e conservou como estilo a brevidade.

Exterminador de adjetivos, dizia que a crônica deveria se aproximar da conversa fiada, ou seja, parecer desprezível para arrebatá-lo o leitor.

A lição para o exercício da crônica acrescia a necessidade de conhecimento amplo. Castello (2013) conta que Bragalía de tudo. Poesia, biografia, literatura estrangeira, romance policial e até tratados sobre jardinagem. O cronista cultivava um conhecimento enciclopédico.

A crônica nasceu no jornal e para ocupar o espaço da narrativa do cotidiano pela visão pessoal, narrativa e lírica

do cronista, que tratou de traçar com os recursos literários disponíveis, portanto, a crônica, tanto na forma, quanto no tema, restou ser um híbrido entre o jornalismo e a literatura no calor da hora da publicação e sobrou para o futuro como um registro autobiográfico, memorialístico e histórico de um tempo.

Estes e outros aspectos biográficos podem ser coletados em suas crônicas. Foram consultadas a reunião das crônicas publicadas em seus livros, a coletânea *200 crônicas escolhidas* (BRAGA, 2013a); a edição conjunta do primeiro e segundo livro de crônicas reunidas em *O conde e o passarinho e Morro do Isolamento* (BRAGA, 2002).

Os perfis e reportagens enviados ao jornal *Correio da Manhã* na temporada parisiense, seleta reunida em *Retratos parisienses* (BRAGA, 2013b) correspondente aos anos de 1949 e 1952; e as reportagens de guerra reunidas em *Crônicas da guerra na Itália* (BRAGA, 2014).

O que se percebe na leitura das crônicas é que Rubem Braga propunha-se a ser confessional no seu texto escrito e nele podemos extrair trechos que discorrem sobre a sua atuação profissional nos jornais impressos brasileiros.

Também se pode extrair das biografias escritas por Castello (2013) e Carvalho (2007) aspectos relacionados à atuação de Rubem Braga como jornalista, sobretudo, o repórter em ação e a sua passagem pela imprensa, uma história profissional que começa aos quinze anos colaborando para o jornal *Correio de Sul*, de sua cidade natal, Cachoeiro de Itapemirim, Minas Gerais, de onde saiu para ocupar outros postos nas redações do *Diário da Tarde*, também um jornal mineiro, sediado em Belo Horizonte, e parte integrante da cadeia de jornais Diários Associados do jornalista Assis Chateaubriand.

O cronista repórter

A crônica é um trabalho de registro da memória que no hoje permite uma releitura do passado. Nas crônicas se observa a presença do cronista como narrador da sua própria história.

A Rubem Braga se atribui a forma lírica, casual, a leveza e a brevidade que a crônica adquiriu nos jornais brasileiros. Rubem Braga a instituiu espaço também para as confissões e declarações pessoais do cronista.

De suas crônicas também se podem extrair dados relativos à rotina do jornalista: “é quando passo a tarde toda trabalhando, e depois ainda trabalho até meia noite na redação. Estou fatigado, mas não me agrada dormir” (BRAGA, 2013a, p. 72).

E notícias do seu cotidiano: “os americanos, através do radar, entraram em contato com a lua, o que não deixa de ser emocionante. Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho” (BRAGA, 2013a, p. 85).

Sua inscrição profissional aparece no meio de uma crônica, *Sobre o inferno de julho*, de 1948: “mas o jornalista profissional Rubem Braga, filho de Francisco de Carvalho Braga, carteira 10836, série 32º registrada sob o número 785, Livro II, fls. 193...” (BRAGA, 2013a, p. 151).

E também em depoimento: “1929-1930 foi uma das fases mais dolorosas de minha vida; perdi duas pessoas muito queridas e minha saúde foi abalada (...)” (BRAGA, 2013a, p. 304); e em uma confissão de plágio:

Aconteceu em São Paulo, por volta de 1933, ou 4. Eu fazia crônicas diárias no Diário de São Paulo e além disso era encarregado de reportagens e serviços de redação; ainda tinha uns bicos por fora. Fundou-se naquela ocasião um semanário humorístico. O Interventor, que depois haveria de se

chamar O Governador. Seu dono era Laio Martins, excelente homem de cabelos brancos e sorriso claro, boêmio e muito amigo. Pediu-me colaboração; o que podia pagar era muito pouco, mas eu não queria faltar ao amigo. Escrevi algumas crônicas assinadas. Depois comecei a falhar muito, e como Laio reclamasse inventei um pretexto para não escrever. Seu jornal era excessivamente político (perrepista, se bem me lembro) e eu não queria tomar partido, na política paulista, mesmo porque tinha muitos amigos anti-perrepistas. Laio não se conformou: “Então ponha um pseudônimo!” Prometi de pedra e cal, mas não cumpri. Laio reclamou novamente, me deu prazo certo para lhe entregar a crônica. No dia marcado estava atarefadíssimo, e quando veio, e quando veio o contínuo buscar a crônica para O Interventor eu cocei a cabeça – e tive uma ideia. Acabara de ler uma crônica de Carlos Drummond de Andrade no Minas Gerais, órgão oficial de Minas, com um pseudônimo – algo assim como Antônio João ou João Antônio, ou Manuel Antônio, não me lembro mais; ponhamos Antônio João. Botei papel na máquina, copiei a crônica rapidamente e lasquei o mesmo pseudônimo. Dias depois recebi o dinheiro da colaboração, juntamente com o pedido urgente de outra crônica e um recado entusiasmado de Laio: a primeira estava esplêndida! Daí para a frente encarreguei um menino da portaria, que estava aprendendo a escrever à máquina, de bater a crônica de Drummond para mim; eu apenas revia, para substituir ou riscar alguma referência a qualquer coisa de Minas. Pregada a mentira e praticado o crime, o remédio é perseverar nesse rumo hediondo; se às vezes senti remorso, eu o afogava em chope no bar do alemão ao lado, e o pagava (o chope) com o próprio dinheiro do vale do Antônio João. O remorso não era, na verdade,

muito: Carlos não sabia de nada, e o que eu fazia não era propriamente um plágio, porque nem usava matéria assinada por ele, nem punha o meu nome em trabalho dele. E Laio Martins sorria feliz, comentando com meu colega de redação: “O Rubem não quer assinar, mas que importa? Seu estilo é inconfundível!” O estilo era inconfundível e o chope era bem tirado; mas você pode ter certeza, Carlos Drummond de Andrade, que muitas vezes eu o bebi à sua saúde, ou melhor, à saúde do Antônio João, isto é, à nossa. Dos vinte e cinco mil-réis que Laio me pagava, eu dava cinco para o menino que batia à máquina; era muito dinheiro para um menino naquele tempo, e isso fazia o menino feliz. Enfim, lá em São Paulo, todos éramos felizes graças ao seu trabalho. Laio, o menino, os leitores e eu – e você em Minas não era infeliz. Não creio que possa haver um crime mais perfeito (BRAGA, 2013a, p. 441-442).

Castello (2013) expõe Rubem Braga como uma espécie de jardineiro poético que escrevia crônicas como quem cultivava rosas. Ao mesmo tempo expõe o temperamento irascível e a contribuição para o jornalismo de Rubem Braga como cronista.

A biografia, ao que parece, tomou por base a leitura de toda a produção em crônica de Rubem Braga e entrevistas a amigos que conviveram com o Urso (como era chamado). O biógrafo lamenta que algumas das possíveis fontes que poderiam elucidar outras questões já terem falecido e também lamenta outras que não quiseram colaborar.

O livro começa com uma explicação do autor para a forma inusual com que se permitiu escrever a biografia, segue para um capítulo em que se entrega a uma reconstrução literária de uma cena na cobertura (o capítulo

“O urso no convés”). Então desfilam em espécie de verbetes os temas que elucidam aspectos biográficos de Rubem Braga, também escolhidos a partir dos temas mais recorrentes.

A biografia escrita por Castello (2013) sobre Rubem Braga se apresenta como uma biografia não convencional. O título remete à cobertura do cronista no Rio de Janeiro, onde viveu boa parte da sua vida, e onde construiu uma espécie de sítio aéreo.

Explica-se: o cronista habitava a cobertura do edifício Barão de Gravatá, em Ipanema, na praça General Osório. Ali nos metros quadrados da cobertura se construiu uma fazenda, um sítio, um jardim, que, além de árvores, pomar e horta, recebia a visita de passarinhos.

Para expor a vertente jornalística de Rubem Braga e contar a sua passagem por jornais e revistas, o biógrafo dedica um verbete especial que não receberia outra entrada que não pura e simplesmente “jornalismo”; esta entrada, em se tratando de observar os aspectos da vida profissional de Braga, se torna fonte para conhecer o pensamento e a trajetória do jornalista Rubem Braga.

Jornalismo é um dos verbetes da biografia escrita por Castello (2013) e nele consta um breve resumo da trajetória de Rubem Braga pela imprensa.

É a este capítulo que vamos nos deter para observar os fatos elencados por Castello (2013), o qual iremos confrontar com os episódios narrados por Moraes (1994) acerca de Rubem Braga na biografia *Chatô, o rei do Brasil*, em que se podem encontrar aspectos relacionados à passagem de Rubem Braga pelos jornais dos Diários Associados.

Castello (2013), em seu texto, recupera um Rubem Braga que considerava a sua relação com a imprensa conflituosa. Braga começou nos jornais em 1928,

escrevendo crônicas para o *Correio do Sul*, jornal de sua cidade, Cachoeiro de Itapemirim, Minas Gerais.

No ano seguinte, ingressa no curso de Direito, no Rio de Janeiro; em 1932 está em Belo Horizonte trabalhando no *Diário da Tarde*, quando começa a atuar definitivamente como repórter, escalado para cobrir uma exposição sobre cães de raça.

Em 1934 já está em São Paulo e procura o diretor dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, para pedir emprego. É contratado para trabalhar no *Diário de S. Paulo*; depois vai para o *Diário da Noite* e passa a publicar crônicas em *O Jornal*, no Rio de Janeiro.

Rubem Braga aparece na biografia de Assis Chateaubriand como repórter do jornal *Estado de Minas*, que pertencia à cadeia Diários Associados:

“[Assis Chateaubriand] ligou para Belo Horizonte dando ordens para que fosse mandado para a frente sul, na boca do túnel situado na cidade de Passa Quatro, o repórter Rubem Braga, do *Estado de Minas*, cujo texto cuidadoso e cheio de estilo ele já elogiara publicamente algumas vezes” (MORAIS, 1994, p. 283).

Acredita-se que os fatos vivenciados por Rubem Braga e a sua relação com Assis Chateaubriand tenham sido narrados pelo próprio Rubem ao biógrafo de Chatô, Fernando de Moraes, pois Braga figura na lista dos entrevistados.

Rubem Braga é retratado por Moraes (1994) como um jornalista provocador. Anteriormente, ainda no tempo em que trabalha no *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, Braga havia escrito um artigo que foi considerado pela Igreja desrespeitoso. Chateaubriand conseguiu, na ocasião, contornar. O mesmo motivo levaria à sua saída dos Diários Associados.

O crítico Alceu de Amoroso Lima pediu ao jornalista Assis Chateaubriand a demissão do repórter, história que está narrada nos seus pormenores na biografia de Assis Chateaubriand. Braga havia escrito mais uma vez um texto criticando a Igreja.

Alceu Amoroso Lima comunicou que, se Braga não fosse demitido, ele retiraria a suacoluna de *O Jornal*. Morais (1994) relata:

– Seu Braga [fala de Assis Chateaubriand], o senhor está querendo arruinar o meu jornal, Como é que o senhor escreve uma crônica completamente idiota como essa?

Tranquilo, Braga ainda tentou se defender:

– Mas Doutor Assis, o senhor é o dono do jornal, pode ler antes de publicar tudo o que eu escrevo. E pode cortar o que não gostar...

Preocupado com a ameaça de Alceu Amoroso Lima, Chateaubriand estava particularmente mal-educado:

– Eu lá tenho tempo de ler porcaria? (...)

Mal-humorado com aquela arenga toda, Rubem perdeu a paciência, saiu da sala de Chateaubriand batendo a portas e pediu demissão. Dario de Almeida Magalhães ainda tento demovê-lo da ideia, sugerindo que mudasse apenas de órgão, permanecendo nos Associados, com um argumento irrefutável:

– Você é louco de brigar com o Chateaubriand, Braga. Jornalista brasileiro não pode viver aqui se brigar com o Chateaubriand. Ou muda de profissão ou muda de país. Braga estava decidido:

– De profissão eu não posso mudar, que não sei fazer outra coisa. Do país também não posso sair, porque não tenho dinheiro. E, como eu já estava cheio de Chateaubriand, vou me mudar de estado. Vou para Recife, fazer o jornal da ANL.

Ao decidir deixar dois dos principais jornais do país

para dirigir o desconhecido *Folha do Povo*, da seção pernambucana da Aliança Nacional Libertadora, Rubem Braga queria também sentir o gostinho de trabalhar para uma organização política que vinha sendo combatida com ferocidade por Chateaubriand (MORAIS, 1994, p. 355-356).

Em 1935 deixou os Diários Associados devido ao caso Alceu Amoroso Lima, foi para a *Folha do Povo*, jornal recifense de apoio à ANL, e mandava colaboração para o jornal satírico *A Manhã*, de Apparício Torelly, o Barão de Itararé.

Uma delas foi uma resposta ao artigo de Chatô que criticava a ANL e o comunismo; referiu-se a Chatô como “Chateaubriand, o Nauseabundo”. Assim, Rubem Braga foi o primeiro a enfrentar Chateaubriand, enviando um artigo a ser publicado em *A Manhã*:

Conhecendo os humores do ex-patrão, tratou-o todo o tempo pelo apelido que Prestes, do exílio em que se encontrava, pusera no dono dos Associados: ‘Chateaubriand, o Nauseabundo’. Ao ler o texto no pasquim humorístico, o jornalista espumava dentro da redação de O Jornal: – Eu sempre disse que esse filho da puta [Rubem Braga] era comunista! É assim que ele me agradece as incontáveis vezes que tirei dinheiro do meu bolso para ele curar suas gonorreias! (MORAIS, 1994, p. 359).

No *Diário de Pernambuco*, o repórter Rubem Braga assumiu a página policial e resolveu noticiar um suicídio. Episódios como este revelam não só como funcionava a contratação e demissão nos jornais no tempo de Braga, como também o anedotário que cerca a vida dos grandes repórteres:

O centenário jornal pernambucano estampa então, pela primeira vez em sua história, a notícia de um

suicídio – tema absolutamente proscrito até ali. ‘Quem era afinal esse suicida?’, um amigo, muitos anos depois, quer saber. ‘Bem, eu não podia publicar qualquer suicídio’, responde. ‘Esperei, então, aparecer um suicídio mais bonitinho’. Entre dezenas de suicídios de miseráveis, Braga simplesmente esperou que uma linha loura se matasse para publicar a notícia pioneira (CASTELLO, 2013, p. 99).

A história de Rubem Braga narrada por Carvalho (2007) passa por jornais e revistas. Tem capítulos na *Folha do Povo*, jornal do qual Braga foi um dos fundadores, em 1935.

No jornal *A Manhã*; na revista *Diretrizes*; no *Diário Carioca*, no qual realizou cobertura da segunda guerra no front, na Itália; no *Correio da Manhã*, em que foi correspondente em Paris, nos anos 1950; e no jornal *O Comício*, do qual pertenceu à editoria junto com o jornalista Joel Silveira.

Depois disso, firmou-se definitivamente como cronista colaborando com revistas e jornais, como *Manchete* e *O Estado de S. Paulo*.

Rubem Braga descobriu o que era trabalhar diretamente na redação de um jornal quando foi para o *Diário da Tarde*: “o que jamais tinha feito, apesar de publicar seus textos havia quatro anos no jornal cachoeirense” (CARVALHO, 2007, p. 164). E assim foi a estreia:

Como teste, pediram ao novo repórter a cobertura da mil vezes sem importância exposição de cães de Belo Horizonte (...). Muitos estavam certos que ele desistiria do cargo ali mesmo. Não desistiu. Voltou e produziu uma pilha de papéis cheios de rabiscos e borrões, como relembra ainda Prates: ‘Passamos as tiras a Guilhermino César, redator-chefe que, por sua vez, achando aquelas tiras pouco convidativas,

passou-as a Otávio Xavier, secretário de redação, que, mal-humorado, começou a examinar a reportagem – enquanto o autor espiava de longe, indiferente. Pouco depois, o secretário de redação chamava o redator-chefe, os dois leram a reportagem com muita atenção, trocaram impressões e foram juntos à mesa do diretor: – Está nascendo um sujeito novo no jornal, no Brasil. Escreve diferente de todo mundo e escreve muito bem. Vai longe este rapaz” (CARVALHO, 2007, p. 164).

Carvalho (2007) propõe uma biografia convencional, percorrendo ano a ano a vida de Rubem Braga, resgatando a ascendência portuguesa, a infância na cidade natal, a adolescência no Rio de Janeiro, a atuação como correspondente no exterior.

Foi preciso, aponta Carvalho (2007), realizar duzentos e setenta entrevistas com pessoas que conviveram com o biografado, consultar seus documentos, inclusive os arquivos inéditos do jornal *Cruzeiro do Sul*, em que tudo começou, entre outros documentos pertinentes para recompor a trajetória de Rubem Braga do qual se pode conhecer a sua atuação não só como cronista, mas também os episódios de sua vida relacionados à sua atividade como repórter.

Em 1932, estava como cronista e repórter do *Diário da Tarde* e cronista do *Estado de Minas*. O trabalho era árduo: “trabalhava que nem um cachorro”, fazendo reportagem política. Trabalho fatigante e inútil. Escorava todos os políticos disponíveis e fazia todas as perguntas imagináveis. No fim de duas, três horas de amolação, saía correndo para o jornal. E a censura proibia que o texto fosse publicado” (CARVALHO, 2007, p. 174).

Neste período, é convocado para cobrir a Revolução

Constitucionalista de 1932, em São Paulo. Cobre o enfrentamento entre as forças legalistas e paulistas; tinha dezenove anos e foi preso pelos revolucionários.

Foi a primeira prisão, pois outras viriam. Opositor do regime ditatorial implantado pelo presidente Getúlio Vargas (1932-1945), Rubem Braga será alvo de perseguição e censura. Neste mesmo período começa a traçar a sua carreira de cronista referindo-se a si mesmo como “o velho Braga”. E a desfilar em suas crônicas aspectos autobiográficos ao narrar cenas do cotidiano.

A transferência para São Paulo se dá em razão de um polêmico artigo publicado sobre Nossa Senhora de Lourdes que ofendeu a igreja católica. Braga era ateu e para evitar problemas com a igreja mineira o patrão, Assis Chateaubriand, opta pela sua transferência.

Braga vai trabalhar para o *Diário de S. Paulo*. Era o ano de 1933. É quando as suas crônicas passam a ser republicadas pelos jornais dos Diários Associados, o que o torna conhecido na imprensa brasileira.

Em 1934, já era visto no Rio de Janeiro como repórter de *O Jornal* e cronista do *Diário do Norte*, ambos jornais cariocas: “‘Quando um automóvel vai de encontro a um poste, ou um camelô vende um sabonete, eu sou aquele que vai passando e para um momento, e não tem nada com nada e vai embora’ (...) o homem em que ninguém repara e repara em tudo” (CARVALHO, 2007, p. 194).

Rubem Braga se firma como “o repórter diário que deve ouvir depoimentos políticos, fazer reportagens sobre temas banais, traduzir telegramas maçantes” (CARVALHO, 2007, p. 196), o que o aborrecia um pouco, embora fosse deste cotidiano que também retirava a matéria de suas crônicas. E dizia ser jornalista.

No prefácio do seu livro *O conde e o passarinho*, suprimido nas edições subsequentes do livro, ele

confessaria que vivia das suas crônicas, e que era jornalista: “sou jornalista, o que quer dizer: nem um literato nem um homem de ação. Escolhi eu mesmo a minha profissão; não me queixo” (CARVALHO, 2007, p. 240).

Para mais adiante declarar que escrevia as suas crônicas na mesa de redação “entre um telegrama a traduzir e uma reportagem a fazer. Raramente na minha vida escrevi alguma coisa que não fosse publicada no dia seguinte” (CARVALHO, 2007, p. 240).

No mesmo ano, em Recife, repórter do *Diário de Pernambuco*, escreve algumas de suas crônicas mais importantes: *O conde e o passarinho* e *O luto da família Silva*. Funda um jornal, *A Folha do Povo*, sofre perseguições e prisões. De volta ao Rio de Janeiro, vai se hospedar no jornal *A Manhã*, assinando com pseudônimo em razão da perseguição política.

Em 1936, está na *Folha de Minas*, em Belo Horizonte, e editando a revista mensal *Problemas*, sobre cultura e política. Em 1938, perseguido político do Estado Novo implantado por Getúlio Vargas, deixa o jornalismo, por pouco tempo, para trabalhar com anúncios publicitários para a agência Inter-Americana e com comércio representando uma joalheria mineira.

Volta aos jornais escrevendo com pseudônimo e participa dos primeiros números da revista *Diretrizes* em companhia do jornalista Samuel Wainer. Foram tempos difíceis para o jornalista, que procurou uma nova alternativa e foi para Porto Alegre em 1939 para escrever para o *Correio do Povo*, conservando uma crônica diária na *Folha da Tarde*.

No ano seguinte, já está no *Estado de S. Paulo*, em São Paulo, e em 1943 passa a escrever reportagens para o *Diário Carioca*, além de crônicas com ilustrações. O título

da coluna era *Ordem do Dia* e ocuparia o espaço até junho, quando começa a se preparar para a cobertura da FEB na Itália.

Em 1944, embarca para Itália como correspondente do *Diário Carioca*, tinha 31 anos e ia cobrir a segunda guerra. Carvalho (2007) esclarece que foi preciso que o proprietário do *Diário Carioca* pressionasse o governo para permitir a ida de Rubem Braga para o *front* de guerra. O governo Vargas não queria jornalistas independentes cobrindo a guerra. E não foi esta a única dificuldade a ser vencida.

Carvalho (2007) conta que o correspondente dependia da via aérea para enviar as suas matérias, o que determinou de alguma maneira a forma como Rubem Braga escreveria seus relatos, também alvo da censura que imperava até na correspondência privada dos combatentes.

O texto de Braga era o único que tinha sobretítulo, título, subtítulo, destaque dos principais tópicos e identificação do autor e sua função. Os textos do correspondente tinham a marca do jornalismo: frases curtas e diretas, discurso indireto, descrições; o jornal classificava o texto de reportagem e chamava Braga de cronista (SANTOS, 2001).

As crônicas-reportagens começam no navio em setembro de 1944 e vão até o fim da guerra, em abril de 1945. “Rubem escreveu uma longa reportagem de 21 páginas, em cinco vias, à luz de velas, sobre esse ataque, minuto a minuto. A censura militar, na Itália, não encontrou problemas; a censura do DIP, no Rio, proibiu a publicação” (CARVALHO, 2007, p. 24).

No prefácio do livro em que reuniu as crônicas de guerra (BRAGA, 2014) ele relatou as dificuldades enfrentadas como correspondente e a censura que

imperava nos jornais brasileiros:

O sonho durou pouco. Para começar, não me foi permitido seguir para Itália no 1º Escalão. Quando afinal cheguei (e cheguei lá porque sou um homem teimoso), havia, contra os correspondentes, um ambiente de desconfiança e mesmo de má vontade que prejudicava muito o nosso trabalho. Isso melhorou com o tempo, mas os jornalistas acreditados junto à divisão brasileira nunca tiveram as mesmas facilidades de informação e de transporte que havia em outras unidades aliadas. Tivemos, além disso, até certa altura da campanha, o peso de três censuras (BRAGA, 2014, p. 11).

As crônicas de guerra se revelam reportagens. Braga anota a experiência dos dias lentos e quentes na viagem de navio até a Europa e reporta histórias vividas *no front* pelos pracinhas, episódios de bombardeio, metralhadoras cacarejando, as minas, a escassez de comida que assolava a população italiana, relatos sofridos e dramáticos da guerra, como a história do sobrevivente João Santana e da menina Silvana.

Braga se vestia da figura de correspondente na função de repórter; diversas vezes faz referência nas crônicas a esta condição de repórter: “o repórter que não tem notícias do mundo...” (BRAGA, 2014, p. 52); “eis aí alguns motivos por que um observador estranho como repórter...” (BRAGA, 2014, p. 142); “outro dia eu estava na estrada à procura de uma reportagem...” (BRAGA, 2014, p. 144).

Também adota os procedimentos da reportagem, afirmando de alguma forma que se o fez na guerra, é reportagem: “esta reportagem não é, porém, baseada nas informações das autoridades aliadas. Eu a fiz pessoalmente, e gastei um dia visitando lugares e conversando com as pessoas” (BRAGA, 2014, p. 278),

além da sua prática de apuração dos fatos: “eu poderia ter ouvido mais pessoas, mas todos os depoimentos coincidem. Detalhes precisos da chacina, ninguém poderá contar, a não ser os que a praticaram” (BRAGA, 2014, p. 287).

Menciona o seu *locus* de correspondente: “o teco-teco merece a ternura dos correspondentes...” (BRAGA, 2014, p. 60); “manhã fria, chuva insistente e a estrada de serra entupida de cerração – e isso para os correspondentes quer dizer bom tempo para passear” (BRAGA, 2014, p. 63).

A censura também está declarada nas crônicas; o repórter avisa que não falará sobre o caso pois bem crê que a censura vai atuar: “a metade do que ele me disse e do que se apurou a seu respeito eu não contarei, de medo que a censura corte...” (BRAGA, 2014, p. 69).

Na volta, passa a colaborar com *A Manhã* e em 1947 é enviado a Paris como correspondente de *O Globo*, de onde enviaria crônicas para publicação. Já no Brasil, em 1952, lança a revista *Comício* e começa a colaborar como cronista na revista *Manchete*. Neste período é apelidado pelo cronista Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, de “o sabiá da crônica”.

Já era o cronista mais popular e lido do Brasil, com livros publicados. Em 1955 viaja ao Chile como diplomata, se afasta do jornalismo diário e deixa de enviar suas crônicas para o *Correio da Manhã* e para a *Manchete*. Segue na carreira diplomática até 1963, quando se desliga do serviço.

É neste período de afastamento que tem a carteira de jornalista suspensa pela Associação de Imprensa, porque havia meses que não pagava a mensalidade. “Ficou tão chateado com essa decisão que preferiu se afastar da agremiação. ‘Não quero mais’, disse ao secretário Edson. Para o jornalista e embaixador, era sabido que ele não

estava no Brasil, e que pagaria o que devia assim que retornasse” (CARVALHO, 2007, p. 438).

Rubem Braga, ao que parece, deixou o jornalismo diário como repórter quando seguiu para as atividades diplomáticas no Marrocos. No entanto, ainda colaboraria com a imprensa como cronista.

O rompimento com a revista *Manchete* é resultado de um episódio narrado por Carvalho (2007) que o biógrafo considera pouco provável: em um restaurante da cidade, Rubem Braga encontra com o *publisher* da revista, Adolpho Block, que o saúda de “o maior cronista do Brasil”, ao que Braga retruca, dizendo que o maior cronista recebia uma ninharia pela colaboração.

Em 1964 Rubem Braga começa a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil*; em 1975 colabora com a TV Globo produzindo comentários para o *Jornal Hoje*. “O emprego é bom, o salário acima do que estava acostumado a receber, não tem sequer necessidade de ir à Globo” (CARVALHO, 2007, p. 522). Em 1978, passa a ser cronista da *Revista Nacional*, colabora com as revistas *Visão* e *Veja* e assume uma coluna em *O Estado de S. Paulo*.

Declarações reafirmam o seu pendor para o jornalismo impresso, seja como repórter, seja como cronista, atividades às quais, haja visto, se dedicou a vida toda e na qual se consagrou, enfrentando o dia-a-dia apesar dos pesares da atividade:

Nossa profissão é dura, exige muita dedicação, batente integral anos a fio e não há compensação financeira. (...) Fiquei preguiçoso depois de mais de 40 anos dando um duro tremendo. Já pensou o que é ter passado tantos anos da vida trabalhando em Belo Horizonte, entrevistando cada sujeito bisonho para, como me diziam, ‘cobrir o pensamento político mineiro’? Que pensamento? Não havia pensamento

algum, cansei de botar ideias inteligentes na boca daqueles políticos (BRAGA, 2011, p. 42).

Até a morte será essencialmente cronista: “sempre fui apenas jornalista... Escrever para mim sempre foi uma coisa ligada ao jornal, não me lembro de ter escrito nada que não fosse para ser publicado no dia seguinte ou na semana seguinte” (FRANCHETTI; PECORA, 1980, p.75).

Rachel de Queiroz, Jornalista

É homem, e Rachel só pode ser pseudônimo, acusou o escritor e jornalista Graciliano Ramos quando leu *O Quinze*. O ano era 1930.

O Quinze era um romance recém-publicado às custas da autora, coisa de 1000 exemplares, que marcou uma virada na literatura brasileira ao narrar em suas páginas o drama dos retirantes nordestinos fugindo das agruras da seca.

Aquele romance, escrito à luz de lampião nas noites escuras da fazenda, alçaria a sua autora, que não era homem coisa nenhuma, era uma menina de vinte anos, chamada Rachel de Queiroz, ao cânone da literatura brasileira e depois a ser considerada protagonista de um movimento literário que ficou conhecido por Regionalismo.

Mulher, letrada, com incentivo dos pais para a leitura de jornais e livros, Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, Ceará. O pai era promotor de justiça, portanto Rachel vinha de uma família abastada e pôde acompanhar o drama dos retirantes quando residia com a família em Fortaleza, durante a grande seca de 1915.

Nesta história, não há diploma de jornalismo, porque faculdades para tal não existiam no Brasil, a primeira é fenômeno do final dos anos 1940, a Cásper Líbero, que foi fundada em 1947. Seu único diploma formal foi o do Curso Normal no Colégio Imaculada Conceição de Fortaleza.

Outra formação, conta a sua trajetória de vida e a biografia não escrita, que é aquela que se espalha por declarações e depoimentos para reportagens e entrevistas (QUEIROZ, 1997), que se fez leitora, depois de formada, dos grandes clássicos da literatura que devorara na vida que levava na fazenda, quando da mudança da família, era fazenda Junco de onde, futuramente, passando férias, enviaria a sua coluna semanal para a revista *O Cruzeiro*.

Futuramente, a menina Rachel colaboraria para a revista, numa longa permanência que vai de 1944 a 1975. Mas antes disso é preciso que se diga que começou, naquele tempo da mocidade, no jornal *O Ceará*, no tempo em que era prática o uso de pseudônimos e o que escolheu no momento foi Rita de Queluz.

Durante toda a sua vida, nas oportunidades que se apresentavam, gostava sempre de dizer que, mais que romancista e escritora, era jornalista. E, assim, os episódios narrados de sua vida sempre vão reforçar este pendão.

Conta a sua história que, escrevendo para o jornal e professora de história na mesma escola em que se diplomara, foi eleita rainha dos estudantes em um concurso promovido entre as aulas.

A coroação com festa e pompa com direito a presença do governador do Estado foi interrompida por um fato e pelo exercício da vocação, naquele mesmo dia, João Pessoa era assassinado, episódio que mudaria a história do Brasil, pois a futura rainha segue às pressas da solenidade para a redação do jornal e sai com uma única justificativa: sou repórter.

Sua participação em *O Ceará* passa a ser perene e Rachel não só se encarrega de escrever um folhetim, que ganhou título de *História de um nome*, como também se encarregou de organizar uma página literária para o jornal.

O destino mudaria um pouco as coisas, a suspeita de tuberculose a leva por recomendação médica a repouso na fazenda, foi aí que, à noite, quando todos dormiam, que ela, à luz do candeeiro, escreveria o primeiro romance.

No ano seguinte, 1931, já era premiada pela Fundação Graça Aranha do Rio de Janeiro. Começa então uma trajetória que a alça ao convívio das grandes personalidades do seu tempo, aproxima-se do partido comunista, rompe com o partido comunista que queria censurar seu romance,

casa-se, mora em Maceió, São Paulo, se separa e definitivamente se muda para o Rio de Janeiro em 1939.

Casa-se pela segunda vez e começa a sua atividade jornalística nos jornais *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário da Tarde* e na revista semanal *O Cruzeiro*, na qual passa a assinar a coluna *Última Página* – chamada dessa forma por sempre figurar a última página de cada edição da revista –, e assim passa a exercer a profissão que considerou por toda vida como a sua, reiterando sempre que muito mais que escritora, era jornalista. O período de Rachel em *O Cruzeiro* começa em 1944 e vai até 1975.

Ressaltamos, assim, a trajetória de Rachel de Queiroz jornalista com ênfase à contribuição que perpassou quatro décadas na revista *O Cruzeiro*. Em seguida traçamos uma análise das crônicas que refletem sobre o fazer jornalístico que foram publicadas na coluna *Última Página*.

Rachel em *O Cruzeiro*

São trinta anos de colaboração com uma interrupção por volta do ano de 1968, depois retomando em 1970. Onde quer que estivesse, em Fortaleza, na fazenda Junco, ou na *Não Me deixes* (fazenda sua e de seu marido onde passava temporadas), em viagens, seja pelo Brasil, foi a Minas e sobre isso escreveu, ou Nova Iorque, onde esteve na função de delegada do Brasil na 21ª Sessão da Assembleia Geral acompanhando os trabalhos da Organização das Nações Unidas, Rachel enviava a sua colaboração à revista *O Cruzeiro*.

Rachel classificou o seu texto de última página – que posteriormente reuniria em coletânea publicando em livro – crônica (QUEIROZ, 2006). No entanto, no expediente da revista aparece como colaboradora e na divisão temática na seção “artigos”. Importa considerar que, seja crônica, seja artigo, seja classificada cronista, articulista ou

colaboradora, Rachel de Queiroz se considerava jornalista e foi jornalismo o que praticou.

Observar as suas publicações na revista *O Cruzeiro* durante seu período de colaboração, que atravessa quatro décadas, revela que, além de sua coluna semanal, Rachel era personagem frequente em reportagens, notas, entrevistas e até como repórter especial registra-se colaboração sua.

Rachel era uma intelectual e escritora respeitada com circulação nos meios sociais e políticos do Rio de Janeiro, inclusive chegou a receber convite do presidente Jânio Quadros, em 1961, para ocupar Ministério da Educação.

Ao declinar do convite, declarou inaptidão para o cargo alegando ser apenas jornalista e era o que gostaria de continuar sendo, e o foi, até o fim da vida.

No entanto, a sua importância a fez membro do Conselho Federal de Cultura em 1967, permanecendo até 1985. Prêmios também revelariam a relevância da sua obra literária e reconhecimentos: em 1957, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra e em 1977 foi eleita imortal da mesma academia (QUEIROZ, 1997).

O Cruzeiro foi lançado em dezembro 1928, sem o “O” que seria acrescentado posteriormente. *Cruzeiro* era uma revista em papel de qualidade, com fotografias, colaboração de articulistas e escritores nacionais e estrangeiros, impressa em quatro cores pelo sistema rotogravura, semanal, com tiragem inicial de cinquenta mil exemplares e distribuição para todas as capitais e principais cidades do Brasil.

Foi idealizada e criada pelo jornalista Assis Chateaubriand e fez parte da sua cadeia de comunicação que reunia diversos jornais impressos, emissoras de rádio e televisão, os Diários Associados.

Inicialmente a revista precisou ser confeccionada em Buenos Aires, Argentina, que dispunha de equipamentos gráficos avançados para o tipo de impressão necessária. A revista foi lançada com estardalhaço pelo jornalista que promoveu uma campanha jamais vista:

No final da tarde de 5 de dezembro, quando a avenida Rio Branco fervilhava de gente que deixava o trabalho ou saía às ruas para as primeiras compras do natal, 4 milhões de folhetos – três vezes o número total de habitantes do Rio – foram atirados do alto dos prédios sobre as cabeças dos passantes. Os volantes anunciavam o breve aparecimento de uma revista "contemporânea dos arranha-céus", uma revista semanal colorida que "tudo sabe, tudo vê" (MORAIS, 1994, p. 187).

Cinco dias depois, no dia 10 de dezembro de 1928, a revista estava nas bancas de todo país, que no editorial prometia ser uma revista de educação e cultura. A revista saiu com sessenta e quatro páginas de conteúdo e anúncios impressa em papel couchê, com fotografias, reportagens, entrevistas, artigos, contos e anúncios e se firmou como grande veículo nacional em poucos meses.

No ano seguinte, o jornalista Assis Chateaubriand já importava máquinas impressoras em quatro cores para imprimi-la no Brasil. A trajetória foi de ascensão, em 1929 já vendia oitenta mil exemplares semanais.

Ao longo de sua história, passou por mudanças na direção e reformas editoriais e gráficas, inclusive por revezes motivados por crises políticas e econômicas. *O Cruzeiro* se tornou a revista de maior vendagem no país e uma revista de grandes reportagens com a chegada do repórter David Nasser e do fotógrafo Jean Mazon nos anos 1940:

Em um país com pouco mais de 40 milhões de habitantes (e uma taxa de analfabetismo que passava dos 30%), estava vendendo quase 200 mil exemplares por semana. Na sua redação era possível ver desde jovens talentos, como Hélio Fernandes (...), Luis Barreto e Jorge Ferreira, até nomes mais experientes como o recém-contratado Samuel Wainer e Carlos Lacerda (...). Em um exemplar daquele ano de 1946, colhido ao acaso, é possível medir o dinamismo de *O Cruzeiro*; na mesma semana em que Wainer enviava reportagens especiais de Caracas sobre a exploração do território venezuelano, Carlos Lacerda escrevia de Paris sobre o bairro de Montmartre, e a dupla Nasser-Mazon mandava do Cairo matérias sobre arqueologia no Egito (MORAIS, 1994, p.472-473).

E na última página, Rachel de Queiroz. Rachel começa em *O Cruzeiro* como colaboradora, na coluna *Última Página*. Nela, semanalmente a jornalista escolhia um tema para apreciação compondo um mosaico variado de interesses e assuntos revelados que compreendem lembranças, impressões pessoais, viagens, aspectos relacionados a questões autobiográficas e memórias; respostas a cartas dos inúmeros leitores que lhe escreviam; comentários de fatos do cotidiano, comentários políticos e de questões em pauta no cenário nacional e internacional e o noticiário, em que Rachel revela de forma mais precisa a sua veia jornalística.

As crônicas de Rachel comentam o noticiário ao que parece ser uma forma reflexiva e crítica. A cronista narra o caso existente, seja cruel, dramático ou torpe, como o crime da menina do retrato, na crônica *Retrato*, de fevereiro de 1951.

Rachel faz um uso particular e apropria-se dos recursos da narrativa para expor o caso, começa de sua perspectiva,

alega não gostar de tirar retratos, tece considerações de ordem geral, os retratos como instrumento da propaganda nazista e desce às raias de uma história comum, de personagens comuns que por uma banalidade da vida acabam envolvidos em um crime:

Não gosto de tirar retratos. Ou são instantâneos de amator e nos pegam desprevenidos sempre no momento pior de todos; ou são retratos de estúdio, sofisticados, retocados, espiritualizados, que a gente acaba se envergonhando de mostrar aos amigos, de tal modo eles nos traem, revelando-nos antes como sonháramos ser do que como somos. Ademais, desde o nascimento do fascismo até hoje, retratos se transformam em arma política, e usar retrato de alguém ficou sendo a mesma coisa que usar braçadeira (...). Assim pois não é de admirar que esses meninos nascidos apôs o quatriênio de Washington Luís, em vez de nossas idiossincrasias, sintam antes uma fê danada no poder da sugestão da imagem impressa. Tem que acreditar em tudo lhes ensina a propaganda – acreditam em horas do Brasil, em salvador, em policial especial e, claro, acreditam na influência mágica dos retratos distribuídos às dúzias. A menina da rua paralela à minha, por exemplo. Foi a um fotógrafo da rua Larga (...) pois a pequena foi nesse fotógrafo, bateu uma chapa igual a certa pose de Lana Turner (...). Mandou reproduzir duas dúzias de fotos e daí danou-se a distribuí-la com tal afã que não perdia para um candidato a vereador (...). Mas acontece que o progresso neste mundo sempre caminha a passo desigual: quando uns vão adiante, os demais ainda se arrastam lá atrás. (...) Assim, se a menina acreditava em retrato somente como fator de publicidade pessoal e, distribuindo-os, supunha que estava fazendo anúncio de si própria, o mesmo não pensavam dois rapazes da rua: esses ainda eram do

tempo em que moça só dá retrato como sinal de muito amor. E como prova de amor particular e único receberam os seus exemplares e colocaram na carteira, por baixo da folha de celofane que os fabricantes põem nas carteiras justamente para este fim. Como os dois chegaram a confrontar as carteiras, não se sabe direito (...). O fato é que o outro achou ruim, mostrou o seu retrato e também acabaram ambos se engalfinhando. (...) Sei que um feriu o outro com canivete (...) e foi esperar a pequena na cerca da casa dela – a garota fora ao cinema com as amiguinhas. Com o mesmo canivete feriu-a também; queria pegar no coração, mas a mão resvalou, ou doeu-se de cortar o seio tão belo, e só feriu os braços e as costelas. Quase só deu para o susto (...) (QUEIROZ, 2006, p.187-189).

Passagem que revela o limiar entre jornalismo e literatura. Para Marques (2009) "produzir textos narrativos, ou seja, que contêm uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística" (MARQUES, 2009, p. 14). Segundo o autor, o que vai definir se uma narrativa pertence ao gênero literário ou ao jornalístico é o contexto:

Há gêneros jornalísticos que permitem uma abertura maior a técnicas literárias, como o perfil de personalidades e reportagens investigativas. Há, também, editoriais com a mesma característica, como a de cultura. Tudo vai depender, afinal, de como nos aproximamos de um determinado texto. Isso não impede que o autor lance mão de técnicas literárias ao construir seu texto. Na perspectiva literária, um texto será tão mais eficaz quanto mais propor novas formas de dizer novas velhas coisas (MARQUES, 2009, p. 19).

Rachel também mostra os desvalidos e menos favorecidos, casos dramáticos, como da menina que nasce com duas cabeças e morre no parto, trágicos, como da criança que morre afogada, revela as agruras das relações sociais e as ilusões, a empregada que se apaixona pelo patrão, tudo, a exemplo do jornalismo, narrado com testemunho de casos particulares que compõem a cena, que desenham o drama, a voz do personagem presente também nas notícias e personagens.

A Rachel de Queiroz jornalista personifica as histórias que reporta em suas crônicas, como se, como fez Bandeira retirando um poema de uma nota de jornal, retirasse das notícias diárias suas crônicas.

Carlos Seffrin, que assina as orelhas das crônicas escolhidas (QUEIROZ, 2006), faz notar que nas crônicas de Raquel cabe de tudo, então elenca drama, comédia, desenho de circunstância, afirmação política, crítica mordaz, trecho de diário, crônica de costumes, memórias, folhetim, relato de sonho, poema em prosa e até romance.

Literatura da brevidade, exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este é o todo objeto e assunto da crônica. João do Rio foi quem trouxe para a crônica o caráter literário que não tinha (SÁ, 1985).

O marco inaugural do gênero é o folhetim no século XIX. Cândido (1992) esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se transformando, encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero.

Moisés (2004) classifica-a como expressão literária híbrida e múltipla porque nela cabe alegoria, necrológio, entrevista, confissão, monólogo, diálogo. Ele a situa entre a

poesia e o conto, e explica: parte de uma visão subjetiva sobre o fato cotidiano. Seu poder está em não ser mera transcrição da realidade, mas na sua capacidade de recriá-la.

A crônica, ensinou Morais (2009), é herdeira dos *essays* ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que ela assumiu de ser livre, casual e lírica, considerando ser obrigação do cronista: “ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista” (MORAIS, 2009, p. 53-54).

A crônica se tornou o gênero brasileiro, nas mãos, sobretudo, naqueles anos 1950 e 1960, de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Rubem Braga, Fernando Sabino, dentre outros.

A crônica é reconhecida hoje como gênero literário e gênero jornalístico por excelência, está na fronteira entre a literatura e o jornalismo.

A crônica não apenas está entre o jornalismo e a literatura, mas resulta da soma desta e daquela em tudo que lhe é pertinente.

Jornalismo, porque seu espaço de publicação é o jornal, e dele herda a precariedade de ser efêmera e de consumo único e diário com a edição do dia, por isso, também, transitória. Toma do texto do jornal a coloquialidade, e do texto da literatura o lirismo. Informar não é a finalidade primeira da crônica.

A crônica pode e não pode ter suporte na realidade – o seu exercício é um exercício de liberdade. Sua motivação é o banal, o diário, cotidiano. Tudo pode ser objeto de uma crônica. A crônica é relato sobre o cotidiano, leve, sem rigor, sem método.

O cronista do jornal é repórter e escritor, e, acima de tudo, um grande redator: “não sendo um bom redator (...), ele se limitará a escrever: ‘João José Gualberto, vulgo

Sorriso, foi preso na madrugada de ontem, no Beco da Felicidade, por ter assaltado a Casa Garson, de onde roubara um lote de discos” (SÁ, 1987, p. 33), ao passo que o cronista, de um quilate de “Sérgio Porto, consciente das técnicas narrativas e dos recursos da língua portuguesa, reescreverá a notícia assim: ‘o Sorriso roubou a música e acabou preso no Beco da Felicidade’” (SÁ, 1987, p. 33).

É o humor, segundo Sá (1987), que confere ao texto da crônica ser no jornalismo uma construção literária: “o jornalista, portanto, não deve simplesmente registrar uma notícia. Cabe a ele explorar o poder das palavras para que o leitor possa vivenciar com emoção semelhante à do repórter, aquilo que está sendo narrado (SÁ, 1987, p. 33).

Outra não é a forma que Rachel de Queiroz imprimiu no seu trabalho, de tudo um pouco e essa junção de elementos que fazem da crônica um gênero híbrido e próprio, se lê nas crônicas de Rachel de Queiroz publicadas em *O Cruzeiro*, revista a qual era cronista exclusiva.

Da sua colaboração para os jornais *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Última Hora* e *Jornal do Comércio*, fez o primeiro livro de crônicas *A donzela e a moura morta*, publicado em 1948.

Dez anos depois, em 1958, o segundo volume de crônicas, *100 crônicas escolhidas*, e outros vieram. Trajetória que a levou a declarar em entrevista: “eu tenho dito que me sinto mais jornalista do que ficcionista. Sempre. Na verdade, minha profissão é essa: jornalista. Há cinquenta e tantos anos que todas as semanas eu escrevo pelo menos um artigo” (QUEIROZ, 1997).

São estes artigos, sobretudo, no que tange as reflexões sobre a prática do jornalismo que serão analisados, dentre os textos publicados em *O Cruzeiro* no período que compreende os anos de 1944 a 1975, quando se encerram as colaborações da cronista com a revista.

Jornalismo na *Última Página*

Para esta pesquisa foi feito um levantamento nas edições da revista *O Cruzeiro*, especificamente na seção *Última Página*, disponíveis no banco de dados digital da Biblioteca Nacional. Da leitura prévia deste material foram selecionadas dentre os trinta anos de produção oito crônicas, que correspondem a reflexões da escritora sobre a prática do jornalismo.

Esta pesquisa nasceu da inquietação acerca dos relatos de jornalistas sobre o seu ofício que trouxessem a partir da sua prática revelações sobre o exercício da atividade (AUTORES, 2016).

Desta forma, surgiu a ideia de pesquisar a atividade jornalística a partir do relato dos jornalistas expresso nos seus textos.

A escolha recaiu sobre a jornalista (e escritora) Rachel de Queiroz a partir da pesquisa de Jury e Santos (2016), que mencionou existência de crônicas de Rachel que traziam referência ao jornalismo². O acesso a todas as edições de *O Cruzeiro* nos permitiu ampliar o período para o tempo em que a jornalista colaborou com a revista.

A partir dos títulos e da identificação de elementos-chave das crônicas, chegamos ao seguinte levantamento: Crônica "Correios & telégrafos", publicada em 11/09/1948; "Jornalistas", publicada em 31/03/1951; "A Ordem dos jornalistas", publicada em 14/05/1955; "Carta de leitores", publicada em 21/10/1961; "Notícias", publicada em 01/04/1961; "David Nasser e o seu 'velho capitão',

²A pesquisadora Leticia Arantes Jury nos forneceu subsídios para pesquisa, apontando que na década de 1950 havia artigos de Rachel de Queiroz a respeito do jornalismo; a partir deste dado, recorremos aos arquivos da Revista *O Cruzeiro* e encontramos outras crônicas referentes ao jornalismo nas décadas de 1940 e 1960.

publicada em 16/09/1961; "Odylo, jornalista", publicada em 24/02/1962; e "Liberdade de imprensa", publicada em 28/01/1967.

Assim, a partir desta fonte documental, podemos ressaltar aspectos preliminares acerca das questões pertinentes ao jornalismo tratadas pela autora.

A proposta metodológica condizente, portanto, é a exploratória, prescinde do levantamento documental (GIL, 2002) e pesquisa qualitativa aprofundada. A pesquisa qualitativa se torna perfeitamente adequada, pois se detém às interpretações da realidade social.

A construção do corpus predispõe uma coleta e seleção dos dados e a análise de conteúdo apresenta suportes metodológicos pertinentes por ser um método de análise de texto desenvolvido pelas ciências sociais empíricas (BAUER; GASKELL, 2002).

Correios & telégrafos (QUEIROZ, 1948) é o título da *Última Página* publicado em 11 de setembro de 1948. Neste texto, Rachel de Queiroz vai refletir sobre o acordo do articulista com o veículo de comunicação.

Rachel aponta que o trabalho do jornalista tem força contratual, é assinado um contrato, e que envolve uma remuneração pelo serviço. No acordo está disposto que deve o jornalista escrever tantas palavras que vão para uma determinada seção e que este trabalho é contínuo e regular, mas eis que, Rachel de Queiroz apresenta a suposição: o jornalista precisa viajar... não há problema, escreverá, basta acertar com o editor que licenciado pela viagem o jornalista envie a sua colaboração regular. Pois, assegura, haja o que houver, doença, viagem etc., o compromisso admitido não pode ser quebrado porque, além do pacto com o veículo, o jornalista tem um pacto com o leitor a quem só interessa ter disponível a coluna, artigo, crônica.

Rachel considera literalmente que a relação entre os envolvidos, jornalista, veículo, leitor é uma relação de consumo em que o texto é a mercadoria, o público é o consumidor e o veículo é o distribuidor.

E o porquê de toda esta ladainha, o caso simples que leva a cronista a estas considerações, é que simplesmente a crônica que enviou do Ceará em 05 de agosto de 1948 foi extraviada pelo correio.

Lamentável o serviço dos correios e telégrafos e com as taxas que se pagam, adverte a cronista. Então propõe a solução: que todos enviem também as suas queixas que ela fará um dossiê e que será remetido aos responsáveis, certa de que entre o meio milhão de leitores da revista, a tiragem é de 220 mil exemplares ela acrescenta para fazer o cálculo, haverá não só aqueles que devam ter sido prejudicados pelo serviço, mas também os responsáveis que devem fazer por onde melhorar a coisa. Ironia e humor marcam assim o texto de Raquel de Queiroz.

Interessante observar a construção argumentativa da jornalista que, com o intuito latente de registrar uma reclamação pública, tangivelmente trouxe elementos para pensar a prática do jornalismo. O jornalismo empresa, tido como negócio, o jornalista prestador de serviço, quando colaborador; e o funcionário, quando repórter.

O jornalismo empresa segue o modelo norte-americano e será aquele que se revelará com o discurso da imparcialidade calcado na notícia e na reportagem marcadas pela promessa da objetividade.

Um jornalismo que será setorizado em editorias: política, cidades, economia, cultura e esporte, para citar alguns, os mais característicos. Processo que começa no jornalismo impresso nos anos 1950, e que resultou também em uma renovação tecnológica, estilística e estrutural

praticando pautas pré-determinadas e utilizando na redação o modelo do lide.

Rachel de Queiroz continuará com as suas reflexões tempo depois, ao publicar na *Última Página* a crônica *Jornalistas* de 31 de março de 1951. Certa de que o jornalismo é profissão, dirá mais: é mais que isso, é vocação. E adverte, pode até ser um clichê, mas é a pura verdade, é um emprego como qualquer outro, com horário, salário e tudo mais, mas é também correr riscos, considera Rachel, coisa que outras profissões não comportam.

Esse risco é um elemento que ela considera eivado de aventura e que pressupõe a identificação personalíssima do jornalista com o seu trabalho. E que envolve amor, sem ele, considera, o jornalista fracassa. O jornalista tem um quê de ator, porque deve dar tudo de si como o artista no palco, e o que faz sair da alma, e tem a luta, que é própria da essência do jornalismo; também é ser um pouco gladiador, porque se arrisca para poder informar.

Mas foi-se o tempo, considera Rachel de Queiroz, que o articulista era quem despertava as paixões, hoje (refere-se ao tempo em que escrevia a crônica, 1951) são os baluartes da carreira, os repórteres. Que são verdadeiros Dom Quixotes pela bravura com que saem em busca das notícias.

Exemplo maior era o seu colega de *O Cruzeiro*, David Nasser, porque é o repórter que:

Tem como dom inicial e básico do seu ofício a ubiquidade, que vai onde outro ser humano jamais se atreveu a pisar, que arrisca a vida não por ouro, nem por poder, nem por fanatismo – apenas para colher uma notícia. Que exerce, na vida real, a função que o romancista se arroga em relação aos personagens que inventa – e assim penetra nos pensamentos, escuta conversas que jamais ninguém deveria ouvir, advinha a hora do desastre para lá comparecer com o seu lápis e a sua máquina, está

sempre no pior da batalha, no momento crucial do comício, no segredo de todas as coisas secretas (QUEIROZ, 1951, p. 130).

O repórter, para Rachel de Queiroz cronista, era o herói. O exemplo da figura de David Nasser, que será futuramente objeto de outra crônica, o exemplo de baluarte do jornalismo.

David Nasser e o seu “velho capitão” será publicada dez anos depois, em 16 de setembro de 1961. Uma homenagem a este cidadão que, segundo a cronista, não quis ser nada mais que repórter. O tom da crônica é o mesmo da passada, o repórter herói que a tudo vence para cumprir a sua missão de informar, sem querer recompensa, apenas pelo simples dever que lhe assiste de informar.

Ser repórter é ofício, vocação e paixão. A ocasião para a crônica era a publicação do livro de Nasser intitulado *Velho capitão*. Rachel de Queiroz aproveitará para rememorar seus vinte e cinco anos de atividade jornalística e os companheiros de atividade pelos veículos em que passou.

E depõe sobre o patrão, o tal velho capitão de Nasser, que nunca interferiu, nos anos todos dela Rachel nos Associados, nas atividades dela como articulista, dizendo assim que exerceu a sua atividade com liberdade de imprensa.

Depois Rachel volta a comentar o livro, e vai traçar mais algumas linhas sobre o que é ofício do repórter e diz que o trunfo de Nasser é ter uma qualidade que não se exige muito dos repórteres: saber escrever.

Mas o que mais cabe destacar neste texto da jornalista é a menção ao papel da mulher na atividade. Rachel vai atribuir a atitude democrática do patrão a uma questão de princípios (o patrão no caso é o jornalista Assis Chateaubriand) para dizer que não foi motivo de censura por ser mulher, cuja condição relegaria seus textos a ter

somenos importância, por serem as opiniões das mulheres desconsideradas. Mas sim, por senso de justiça.

E assim, denota-se um aspecto que mencionado de forma indireta, era questão do seu tempo, o espaço da mulher na vida pública participando da condição das mulheres no mundo, que era apenas dos homens: “Dir-se-á, talvez, que essa atitude dele viria, principalmente da pouca importância que possam ter as opiniões de uma mulher (...) em meio aos problemas e às discussões dos homens” (QUEIROZ, 1961, p. 146).

Aquelas qualidades que se atribuem ao jornalista exemplar e ao vaticínio da profissão serão também elencadas numa crônica, desta feita publicada na edição de 24 de fevereiro de 1962. Rachel de Queiroz falará do jornalista Odylo Costa Filho em *Odylo, jornalista*.

Eleito por unanimidade na roda de amigos como o jornalista brasileiro mais completo e atuante, segundo Rachel de Queiroz, reúne todas as qualidades essenciais dos grandes articulistas e dos fabulosos repórteres (os adjetivos são dela) e isso implica ter cultura, bom gosto e inteligência, que o torna capaz de transformar um fato do cotidiano em notícia:

Como articulista, possui o talento específico de transformar o fato cotidiano em assunto jornalístico, de fazer da controvérsia uma arte e do debate uma ciência, de esgotar qualquer tema sem cair nos dois escolhos antípodas que ameaçam o colunista: ou dar impressão de superficialidade e de improviso, ou cair no pecado oposto – a estreiteza especializada (QUEIROZ, 1962, p. 138).

E o repórter: “é seu aquele faro singular que colhe a boa notícia no ar, antes dos outros, que sabe destilar do boato a informação autêntica, que desencava o fato vivo no chão onde se oculta, que na meia palavra de um prócer pega o

segredo das intrigas mais enredadas” (QUEIROZ, 1962, p. 138).

E traça um vaticínio do seu tempo refletindo sobre o futuro da profissão. A competição com um novo tipo de jornalista que surge nas redações, aquele preocupado com o glamour e a vaidade decorrente da profissão que, ela afirma, mesmo tendo consciência que o jornalismo é uma indústria (posição que verificamos em artigo anterior), a matéria não pode ser produzida em escala e exige estas qualidades e talentos que ela defende como excelência do bom jornalista ou jornalista ideal.

Interessante que Rachel de Queiroz não considera conflituosa essa composição entre o jornalismo-empresa e um fazer artesanal por parte do jornalista que, antes de tudo, deve ser um intelectual.

Os demais artigos em que trata da profissão, Rachel de Queiroz dedicará uma *Última Página* a ordem dos jornalistas; outra a importância da carta dos leitores; trará reflexões sobre o noticiário; e em outra sobre o papel de informar e discutirá mais uma vez a liberdade de imprensa.

A ordem dos jornalistas foi título da crônica do dia 14 maio de 1955. Rachel de Queiroz aborda a campanha que surgia na imprensa para criação de uma ordem dos jornalistas, similar a ordem dos advogados. E passava a defender o bem maior dos jornalistas: a liberdade de imprensa e o respeito a ética (também jornalística) fixando que o primado do jornalismo não é o furo a qualquer preço, mas a legitimidade e a verdade que a notícia apresenta.

E que o jornalismo anda malvisto, pelo desrespeito que alguns profissionais praticam no exercício da profissão. Um jornalismo que desrespeita com as acusações infundadas, publicidade enganosa sobre gente inocente, praticando injustiças até contra autoridades, e o remédio, infelizmente, que é justiça, alega a cronista, é tardia e morosa, sem contar

a legislação que é complacente, e defende uma ordem dos jornalistas, uma ética para os jornalistas, pois apenas eles mesmos, os profissionais, podem e devem agir com zelo e respeito e não são leis mais severas que vão coibir abusos.

Outro ponto defensável ao trabalho do jornalista são as cartas dos leitores. Rachel de Queiroz defende em *Carta de leitores*, de 21 de outubro de 1961, o papel das cartas como termômetro para atividade do jornalista, é quando os leitores desafogam tudo que devem, porque o tom das cartas são: desabafos, reclamações, sugestões, convites, elogios e até pedidos. E são importantes porque sem elas, o jornalista perde o prumo, fica “sem saber direito o que está fazendo”.

E desculpa-se, é impossível, pela quantidade, responder a todas as cartas de tom mais pessoal, que são inúmeras. E que o diálogo entre o cronista e o leitor só é possível na coluna. E finda a coluna completando a função social do jornalismo: publica um apelo de um filho que tendo sua mãe desaparecida há muito, pede que quem souber do seu paradeiro que entre em contato.

Notícias aparece na edição de primeiro de abril de 1961, e o assunto é manipulação. A concentração midiática, denuncia a cronista, tende a manipulação. Os olhos se voltam para a imprensa internacional. A jornalista questiona: quanto dos atritos entre Estados Unidos e Cuba não é refrega da imprensa?

E o Brasil, então, Rachel de Queiroz avisa: é presa fácil do correspondente estrangeiro que recebido (ela alega) com pompas de chefe de estado sai daqui escrevendo o que bem quer, seja lisonjeiro ou não. E desfazer notícia malfeita é trabalho perdido, um bom noticiário nem sempre é capaz de recuperar o estrago.

A última reflexão de Rachel de Queiroz sobre a imprensa em *O Cruzeiro* aparece anos depois e novamente com o assunto da liberdade de imprensa, tanto que é o título da

crônica publicada em 28 de janeiro de 1967; escreve a cronista sobre a censura velada nos Estados Unidos: “e vem eles, agora, do alto do seu dinheiro grosso, nos dar lição de liberdade de imprensa! Ora, não nos façam rir” (QUEIROZ, 1967, p. 126).

Faceta jornalística de Rachel de Queiroz: perspectivas biográficas

Biografias, autobiografias e textos autorais, como artigos e crônicas, acabam por revelar aspectos relacionados à atividade profissional do biografado e, em se tratando de jornalistas, revelam informações sobre os veículos de comunicação em que atuaram, as práticas profissionais, o clima das redações, dentre outras características.

A partir desta premissa, desenvolvemos uma pesquisa que visa observar em textos de caráter biográfico (biografias, autobiografias e similares), que versem sobre jornalistas brasileiros, informações pertinentes sobre a atuação profissional do jornalista, sobre a profissão e consequentemente sobre a história do jornalismo no Brasil (BULHÕES; SOBRAL, 2016).

Em publicação anterior (SOBRAL; BULHÕES, 2016) escrevemos sobre a colaboração de Rachel de Queiroz para a revista *O Cruzeiro*, artigos publicados na seção *Última Página* que tratavam do exercício do jornalismo e de questões relacionadas à atividade profissional do jornalista.

Neste artigo, abordaremos a Rachel de Queiroz jornalista, a partir da autobiografia escrita em parceria com sua irmã Maria Luiza (QUEIROZ; SALEK, 2010), o perfil biográfico escrito por Acioli (2007), uma cronologia biográfica publicada em uma edição dos Cadernos de Literatura Brasileira dedicada a ela (IMS, 1997) e outros textos espalhados nos seus livros de crônicas que têm caráter biográfico (QUEIROZ, 1999, 2006).

Rachel, jornalista

Rachel de Queiroz costumava afirmar que era essencialmente jornalista: “eu tenho dito que me sinto mais

jornalista que ficcionista. Sempre. Na verdade, minha profissão é essa: jornalista” (IMS, 1997, p. 33).

Rachel escreveu romances que a consagraram, dentre eles o primeiro *O Quinze* e o último *Memorial de Maria Moura*, mas a sua produção jornalística não recebeu a mesma atenção e importância: “Registre-se, porém, que várias vezes durante a entrevista Rachel de Queiroz, insistiu que sua obra não lhe agrada, que se sente muito mais jornalista do que escritora e que, no fundo, não gosta de escrever – só faz isso porque precisa ganhar a vida” (IMS, 1997, p. 08).

Outra não foi a sua declaração ao declinar do convite do então presidente da república Jânio Quadros, em 1961, ao cargo de ministra da cultura, “sou apenas jornalista e gostaria de continuar sendo apenas jornalista” (IMS, 1997, p. 13), justificou.

E em entrevista, disse: “quando escrevi *O Quinze* eu já era profissional – trabalhava em jornal e até tinha feito um romancinho em folhetim” (IMS, 1997, p. 22) e também “eu não sou uma romancista nata. Os meus romances é que foram uma maneira de eu exercitar meu ofício, o jornalismo” (IMS, 1997, p. 33). Sobre ser repórter, falou:

Cheguei a trabalhar na reportagem da redação de O Ceará e do jornal O Povo. Depois vim para o Rio, em 1939, e melhorei a minha categoria, escrevendo em casa. Eu tinha me casado e não era comum mulher casada trabalhar em redação à noite. Então passei a escrever meus artigos e crônicas em casa. Mas quando era jovem, achava muito bom ser repórter (IMS, 1997, p. 33).

Sua participação na imprensa escrita consistiu essencialmente como articulista e cronista de jornais e revistas. Algumas destas crônicas Rachel de Queiroz chegou a compilar em livros, publicando uma seleta do que

lançara na imprensa diária, seja nos jornais com os quais colaborou, como o carioca *Diário de Notícias* ou o paulista *Estado de S. Paulo*, seja na seção *Última Página* da revista semanal *O Cruzeiro*, na qual participava com uma crônica sobre temas diversos.

O primeiro deles, o livro intitulado *A donzela e a moura torta* (1948), reúne as crônicas publicadas na década de 1940, especialmente nos anos de 1944, 1945 e 1947, quando Rachel colaborava com os jornais cariocas.

Para edição do livro, as crônicas foram agrupadas em seis seções separadas por algarismos romanos, quase cinquenta textos reunidos sobre os mais variados temas, são registros de viagem, perfis, comentários de fatos do cotidiano.

A crônica de Rachel se apresenta como a classifica Moisés (2004), como expressão literária híbrida e múltipla, porque nela cabe alegoria, necrológio, entrevista, confissão, monólogo, diálogo e que parte de uma visão subjetiva sobre o fato cotidiano. O faro de repórter está presente no texto de Rachel de Queiroz.

Rachel vai procurar conhecer (apurar) para reportar. Em crônica sobre vida no circo, observará os grupos, os espetáculos, registrará o humano, as circunstâncias, os fatos, como são de interesse do jornalismo: “é o domador o homem de poucas falas, baixo, corpo nervudo e magro, olhos parados, boca cerrada com uma risca no rosto. Parece ter nascido domador, mas essa não é a verdade” (QUEIROZ, 1999, p. 07).

Outras circunstâncias também registram a repórter em cena: “ao chegar em Pirapora, depois da jornada tremenda dum trem que parece o antepassado de todos os trens, o viajante despreza o cansaço, despreza a poeira e a fome, pensando numa só coisa: ver logo o rio” (QUEIROZ, 1999, p. 09).

O passado, as recordações também se ensaiam. Na crônica “Romance em Morumbira”: “isto aconteceu no Pará, há muito tempo. Tinha acabado a epidemia da espanhola e eu ia fazer sete anos” (QUEIROZ, 1999, p. 84).

A cronista também é aquela que apresenta informações com caráter contextual. Está em Minas e descreve para o leitor toda aquela geográfica: “ali foi estrada de garimpeiros, foi caminho dos bandeirantes. Mas não há matas, não há floresta escura e inviolável, coisa que a gente sempre associa a bandeirantes” (QUEIROZ, 1999, p. 10).

O tempo presente também figurará. Rachel escreve durante a Segunda Guerra Mundial e não é indiferente à guerra, escreve crônicas com tema de guerra, como “Carta aos soldados que estão combatendo”, “Morreu um expedicionário” e “Saudações ao pracinha”.

A missão do cronista, segundo Moraes (2009), é contrabalancear o peso da realidade do jornal. Confessará quanto custa ao cronista o preparo do seu texto quando a inspiração não vem.

O martírio que é a página em branco e a hora que passa no relógio e pressiona com o deadline se impondo quando é chegado o tempo de enviá-la para publicação.

A queixa revela a faceta jornalística da crônica. Produto para jornal, como as notícias, reportagens e editoriais, está sujeita ao fator tempo, o chamado fechamento da edição, quando se conclui a edição e a envia para impressão. Rachel também pratica a crônica autorreferente, o clássico exercício do cronista de relatar a falta de assunto: “Prezado leitor, adeus, estimo que passe bem. O fim destas mal traçadas é lhe dizer que hoje não espere crônica...” (QUEIROZ, 1999, p. 127).

O perfil é recorrente. Rachel de Queiroz preza pela apresentação e situação das personagens, quando não são protagonistas – ou seja, tema central da crônica –, aparecem

também conferindo o caráter humano da narrativa. Rachel está em viagem na gaiola (barco) pelo rio São Francisco:

Na mesa do comandante, entre outras pessoas gradas, viaja um pernambucano. Não lhe digo o nome, que ele ia incógnito. Há anos foragido em Minas, só Deus e a gente da sua terra sabe por quê. Tem muitos inimigos; foi delegado de polícia, foi cabo eleitoral, foi autoridade. Mas um dia os inimigos subiram, quiseram ajustar contas, e ele teve que deixar a cidade, a família, os haveres. Foi viver entre os mineiros, gente pacífica e discreta que não indaga da crônica de ninguém. Mas de vez em quando a saudade aperta e ele desce o rio, anda dois dias de caminhão, entra escondido na sua cidade e passa uma noite assustada com a mulher e os filhos. Leva cerca de quinze dias de viagem, por amor dessa noite única. Mas volta de coração aliviado; e, sempre que parte, deixa um recado malcriado para os inimigos, uma lembrança qualquer para lhe marcar a presença (QUEIROZ, 1999, p. 12).

Também é o caso do motorista, seu Silveira, da crônica “O caminhão de seu Silveira” ele é o seu caminhão são personagens e figuras centrais do texto. Rachel de Queiroz viaja no caminhão, narra os percalços da viagem e o temperamento do caminhão e do motorista:

Na aba da serra, Seu Silveira e o caminhão declaram-se em greve. Primeiro foi a máquina: cuspiu, tossia como um tísico engasgada com a gasolina misturada ao álcool. Furou um pneu. Entupiu os filtros. Quebrou pela milionésima vez a biela. Seu Silveira já de há muito via uma encrenca; esperava que os passageiros remediassem, que dessem a manivela. Porém no sopé do Araripe nem mais isso quis fazer. Já ia subindo a encosta, palmo a palmo, como um aleijado. De repente, novo enguiço: o monstro e seu dono recusaram-se a

continuar. Seu Silveira olhou para a gente com cara de desafio: - Está aí o caminhão. Está aqui a chave. Quem quiser que pegue a direção e leve este diabo adiante. Eu vou dormir naquele caminhão que vem lá atrás, que tem carga de lã; não gosto de cheiro de café... (QUEIROZ, 1999, p. 18).

Na observação do cotidiano, das pessoas, dos fatos, está sempre a presença daquele que vê; é a cronista, cujo registro também passa ser autobiográfico. Há a presença da cronista não só como depoente e narradora da crônica, mas também como personagem.

O título da crônica é “Ceará” e foi publicada em março de 1944: “depois de mais de quatro anos de ausência, revi fortaleza, meu berço. (...) Quando em 1939 deixei o Ceará, a minha capital seguia o ritmo de marcha rápida das cidades provincianas (...)” (QUEIROZ, 1999, p. 23).

Assim a cronista permanece na cena da crônica expondo seu reencontro com a terra natal e as suas impressões. Há o perfil das figuras do passado, como dona Chiquinha, Mr. David, professor de inglês, figuras como o palhaço Capote, tema de uma crônica, há o catalão que resgata do tempo da infância; a gente da cidade: um senhor que encontra no bonde, um vigia noturno. Está é uma característica que a crônica assume no século XX.

A crônica contemporânea será construída juntamente com o jornalismo impresso dos jornais-empresa, em que o fator notícia é predominante e em que os fatos se distribuem em cadernos temáticos: cidades, política, economia, esportes, e até mesmo em páginas, como a afamada página policial, dedicadas aos crimes.

A crônica é não só uma resposta a esta nova configuração do jornalismo, mas é também fruto da urbanização e da vida nas cidades. O bonde, o telefone, o

comércio, os incidentes, os crimes, também estarão nas crônicas.

Casos policíescos de vingança e morte, típico das rixas de famílias sertanejas, como o narrado na crônica “A donzela e a moura torta” e em “Morreu o moço Jorge”.

O Ceará será sempre matéria presente nos seus escritos e assim o universo do sertão, então desfilarão personagens da sua infância na fazenda o Junco, a gente de casa, como o compadre Antônio Muxió (assunto de uma crônica), figuras de jagunço, o tema das secas, os açudes, a fé na figura do Padre Cícero. Presenças marcantes nos escritos e nas memórias de Rachel de Queiroz.

Biografia, autobiografia e perfil biográfico

Instada pela irmã Maria Luiza, Rachel de Queiroz não pode fugir ao registro das suas memórias, fruto de diversas conversas gravadas com a participação da irmã, que também colabora com as suas lembranças para o livro que resultou deste processo, intitulado *Tantos Anos* e publicado pela editora do amigo de longas datas, José Olympio.

A jornalista já contava com setenta e oito anos quando compôs o relato, era o ano de 1998. Nos registros de Rachel de Queiroz, episódios que retratam a sua atuação como jornalista. Já no terceiro capítulo, intitulado “Rainha dos Estudantes”, a jornalista reafirma a sua vocação e atuação no jornalismo. Rachel se considerava jornalista e em diversas declarações ao longo da vida, em entrevistas, afirmou que mais que escritora, era jornalista.

Tudo começou por volta de 1925 e 1926, na redação do jornal cearense *O Ceará*, cujo diretor e redator eram amigos de seu pai. Era um jornal de oposição. A participação de Rachel nasce de uma carta assinada com o pseudônimo de Rita de Queluz, criticando o concurso da Rainha dos Estudantes, para o qual, ironicamente, no futuro seria uma

eleita, e sobre o qual resultaria outro episódio de sua carreira.

Rachel escreveu uma carta para o suplemento literário do jornal – tinha dezesseis anos, morava na fazenda Junco – que gerou burburinho pela posição contundente e de galhofa e resultou no convite para ser colaboradora. Encarregada pela página literária, passou a receber por isso cem mil réis por mês. O jornal era ateu e anticlerical e metia-se em polêmicas. Rachel permaneceu no veículo até 1928, quando se transferiu para *O Povo*.

Outro episódio marca a sua passagem pelo *O Ceará*: um artigo de fundo do Nordeste mencionava a presença de uma estudante de um colégio de freiras em um jornal profano.

Temendo que a moça virasse alvo de maledicências, o diretor do jornal aconselhou-a a deixar a redação se quisesse, para evitar falatório.

Mas nada abalou Rachel e ela permaneceu, o que demonstra não só um traço da personalidade da jornalista presente em toda a sua trajetória - a coragem -, mas também seu total engajamento com a profissão.

Coragem que a fez membro do partido comunista que, conseqüentemente, levou-a a ser presa diversas vezes, e até deserção do partido, que queria censura-lhe um romance. Nunca se dobrou a censura, qualquer que fosse, e fez da sua atuação o exemplo da liberdade de imprensa e da liberdade de ideias e pensamento.

No *O Povo* foi colaboradora permanente: “Quando escrevi *O Quinze*, entre 1929 e 1930, já era jornalista profissional” (QUEIROZ, 2010, p. 30).

Neste período assumiu também o cargo de professora de história da Escola Normal, e por sua popularidade foi eleita a tal Rainha dos Estudantes. No dia da coroação uma festa grandiosa foi preparada com direito a presença do governador do estado, mas eis que alguém avisa que João

Pessoa acabava de ser assassinado na Paraíba. A vocação prevaleceu, Rachel abandonou tudo e foi se inteirar dos fatos, afinal, era acima de tudo jornalista.

Rachel conduzirá a narrativa da sua vida profissional para fixar a sua convicção de que era jornalista, muito mais que romancista, registrando não só nestas suas memórias a contragosto, mas também nas declarações reafirmará de forma contundente a importância de sua produção jornalística que, talvez, considerasse diminuída face o sucesso e a sua consagração pública como romancista.

O jornalismo, considerava, foi o seu meio de vida, de onde obteve recursos financeiros para sobreviver, e o espaço em que atuou com mais regularidade e perenidade. Interessante observar que o jornalismo é o tema mais presente e recorrente das suas memórias. As experiências de vida estão atreladas à profissão.

A repercussão de *O Quinze* e as atividades do partido comunista levaram-na a diversas viagens ao Rio de Janeiro. Depois de casada, acompanha o marido funcionário do Banco do Brasil em peregrinação a outros estados até definitivamente separar-se e ir residir no Rio de Janeiro em 1939, quando começa a colaborar como jornalista para o *Diário de Notícias*, onde trabalhava até tarde da noite.

O jornalismo foi quem lhe possibilitou o firmamento de amizades, o diálogo, o debate e a troca de ideias no efervescente Rio de Janeiro dos anos 1940.

Na saída, o pessoal da redação ainda se reunia para tomar canja no Café Globo, antes de ir para casa: Evandro Moreira Pequeno, Barreto Filho, Alfredo Lage, Osório Borba, Raul Lima, dentre outros. Neste tempo do Rio conviveu com jornalistas e intelectuais como Mário de Andrade, Rubem Braga, Murilo Miranda, Moacir Werneck de Castro e Carlos Lacerda, grupo chamado de “roda”.

No *Diário de Notícias* colaborava com um artigo por semana, poderia escrever o que quisesse, até ficção (um conto), e talvez tenha sido a partir da sua participação neste jornal que tenha traçado o estilo inconfundível dos seus textos, ora tratado por artigos, ora por crônicas, e que depois seriam reunidos em livros e publicados como coletâneas de crônicas. A definição do gênero, neste contexto, parece não importar. Considerar a colaboração de Rachel como jornalista sim.

Jornalista não é só aquele que exerce as atividades assinaladas de editor, redator, revisor, repórter. Articulistas e cronistas também são considerados jornalistas, na condição de colaboradores. Rachel foi colaboradora assídua e regular e remunerada pelos veículos para os quais escreveu suas crônicas.

E se considerava sujeita a todos os ditames da profissão, respeitar os códigos de conduta e ética, expor os fatos, opinar, ser uma crítica do seu tempo, é que se pode inferir da leitura dos textos publicados. Rachel colaborou com outros veículos nas suas memórias cita, além dos dois jornais cearenses e do carioca *Diário de Notícias*, atuação no *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *O Estado de S. Paulo* e um jornal fundado por ela e por amigos: *A Vanguarda Socialista*.

Rachel de Queiroz destaca também em suas memórias um episódio que foi marcante em sua vida e que fora objeto de suas crônicas para *O Cruzeiro*, o Caso Sacco e Vanzetti.

Rachel conta que acompanhou o caso pelos jornais, quando tinha dezesseis anos. Trata-se da execução a mando da justiça norte-americana, nos Estados Unidos da América, de dois anarquistas, Sacco e Vanzetti.

A crônica seria publicada em dezembro de 1947, em *O Cruzeiro*, lembrando o caso. Portanto, Rachel afirma assim o registro da sua atividade no tempo e o papel da

cronista-articulista em refletir sobre as questões contemporâneas e os temas em discussão. O Brasil passava pelo período de redemocratização, com nova constituição em 1946 e fim da Era Vargas.

Democracia e liberdade de imprensa eram temas em pauta. Rachel apresenta a sua forma de fazer jornalismo expondo os fatos numa estrutura que se pode identificar como uma espécie de técnica.

A princípio a provocação que a leva a expor o assunto na crônica, neste caso a carta de um leitor, depois expõe a sua relação pessoal com o caso, quando era jovem e acompanhou todo o drama pelos jornais, depois apresenta um resumo do caso de uma forma que é o próprio desenho de uma notícia, como se incorporasse no seu texto o *modus operandi* do jornalismo: “a 15 de abril de 1920 foi assaltada uma fábrica de calçados no Estado de Massachusetts, USA, em dia de pagamento do pessoal. Eram dois homens os assaltantes, os quais, além de levarem o dinheiro da folha, assassinaram o guarda e o pagador” (QUEIROZ, 2006, p. 96).

O jornalismo também lhe proporcionaria outras experiências, como a primeira viagem à Europa, no período do pós-guerra. Foi a partir de uma crônica queixosa em *O Cruzeiro* que conseguiu a viagem, ela narra o episódio nas memórias: “Eu escrevera um artigo na Revista *O Cruzeiro*, muito lamentoso, dizendo que todo mundo ia à Europa, só eu não ia” (QUEIROZ, 2010, p. 155).

A crônica é também a própria vida do cronista, a personalização do jornalista-cronista é importante para fixar um jornalista-autor cujos desejos, anseios, opiniões se confundem com as questões do seu tempo. O cronista é um porta-voz da sociedade.

Quando Rachel escreve que deseja ir à Europa, esclarece. Não vai a passeio, não vai viver o luxo, em tempo

que ir à Europa além de ser dispendioso não era uma rotina costumeira de viagem internacional a passeio, vai imbuída da missão do repórter- cronista, de contar como segue a Europa do pós-guerra, como se recupera da destruição da guerra e principalmente, qual a condição da mulher.

Na crônica Rachel estabelece a sua pauta. A ideia é de uma correspondente de pós-guerra. Deve-se levar em conta que, se quase impossível foi ao cronista Rubem Braga furar o cerco e ser correspondente no front de guerra (SOBRAL; BULHÕES, 2016a), imaginar que era impensável a presença da mulher-correspondente.

A crônica foi publicada em *Uma rede, um alpendre, um açude* com o título “Viagem à Europa”:

Se eu tivesse dinheiro e consentimento de quem me manda, faria agora uma viagem à Europa. Seria uma espécie de visita de pêsames, tão de uso ainda nas nossas províncias; (...) o meu destino não seria ver as ruínas (...) iria ver especialmente o povo, e entre o povo, as mulheres (QUEIROZ, 2006, p. 24-25).

Conseguiu assim a viagem e foi para uma temporada na Europa com o marido, o médico Oyama. Rachel nesta altura já cultivava a *Última Página* na revista *O Cruzeiro*, dos Diários Associados.

Rachel colaborou com *O Cruzeiro* entre os anos 1944 e 1977 (SOBRAL; BULHÕES, 2016). Pode-se até afirmar que inaugurou na revista brasileira a última página também como um espaço nobre para os articulistas de revista:

Através não me lembro de quem recebi um convite de Assis Chateaubriand (eu já colaborava nos Associados) para trabalhar em *O Cruzeiro*. Logo recebi um telefonema de Leão Gondim, diretor da revista, e fui combinar com ele a colaboração. A primeira página de *O Cruzeiro* era onde saíam habitualmente as colaborações das amigas de Chatô. A ideia de Leão era ‘reabilitar’ a primeira página e

manter lá a minha crônica semanal. Eu recusei e sugeri a última página da revista. Leão achou ‘uma loucura botar uma colaboradora ‘do meu nível’ na última página’. Argumentei que o que faz a página é a matéria nela impressa. Se a minha colaboração interessasse, o leitor encontraria a última página com a mesma facilidade com que encontrava a primeira. Além do mais – creio que foi isso que o convenceu –, uma crônica assinada, na última página, iria valorizar a capa de trás em matéria de publicidade. Intitulamos a minha crônica “A última página” e a minha sugestão deu tão certo que ficou no mesmo lugar durante trinta anos batidos – desde 1945, quando lá me iniciei, até 1975, quando a revista morreu (QUEIROZ, 2010, p. 203).

Outro ponto a considerar na trajetória do jornalista é o seu pendor para a escrita. O jornalista é aquele antes de tudo se forma escritor, no tempo em que não havia as faculdades de jornalismo e em que escrever antes de tudo era uma vocação assinalada.

Acioli (2007) no breve perfil biográfico que traça sobre a jornalista, atribui o interesse de Rachel pela leitura ao ambiente da casa, que era de leitores. Tanto o pai quanto a mãe da romancista eram leitores dos jornais diários e clássicos da literatura universal, motivando na menina Rachel o interesse e o gosto pela leitura.

Outra não será a perspectiva da seção “memória seletiva”, uma cronologia biográfica sobre Queiroz (IMS, 1997), quando atribui à mãe o gosto pela leitura, ela estava “sempre atualizada em relação aos lançamentos literários – não só os brasileiros, mas também os clássicos franceses” (IMS, 1997, p. 10). Também o fará textualmente em entrevista: “eu nasci numa casa de intelectuais, onde todo mundo lia muito” (IMS, 1997, p. 22).

A pesquisa de Acioli (2007) é resultado de entrevistas com Rachel de Queiroz e pesquisa bibliográfica acerca da vida e obra da autora. Ela nos permite afirmar que a menina Rachel despertou a vontade de ler ao ver os adultos com o jornal na mão. Ou seja, considera que a vocação para o jornalismo vem do berço.

Há uma dubiedade entre esta vocação para escrita e a presença dos jornais na vida da jornalista desde a infância, o que assevera o grau de vocação para o jornalismo e, quando relata as experiências de vida, o espaço do jornalismo como *modus vivendi*.

O perfil biográfico por Acioli (2007) também atribuiu o talento de Rachel para o jornalismo à aptidão para a pesquisa, pois não prescindia, quando inventava de escrever um romance da pesquisa de campo, de investigar e apurar sobre o tema escolhido, e não foi diferente com *O Quinze*.

A primeira fase de Rachel na imprensa é nos jornais do Ceará, como ela mesma asseverou em suas memórias autobiográficas seguida de um interregno, quando se casa pela primeira vez e passa a acompanhar o marido que era bancário aos postos que assumiu pelo Brasil. Rachel passa pela Bahia, Alagoas, São Paulo, até, ao se divorciar, mudar-se definitivamente para o Rio de Janeiro e assumir mais uma vez como profissão, o jornalismo.

No Rio de Janeiro adotará a atividade de jornalista, escrevendo crônicas para diversos jornais e atuando como tradutora e em adaptação de romances estrangeiros para a editora José Olympio. Em entrevista, declarará: “durante um bom tempo, a tradução me ajudou a sobreviver. Mesmo depois que comecei a escrever para *O Cruzeiro*, continuei traduzindo” (IMS, 1997, p. 25).

Este registro denota um aspecto da profissão que é a má remuneração do jornalista levando-o sempre a colaborar

com mais de um veículo para sobreviver, ou conjugar a atividade com outras alternativas, a tradução foi uma delas.

Sobre a sua colaboração com os Diários Associados, dirá sobre o patrão, o jornalista Assis Chateaubriand em crônica publicada em *O Cruzeiro*, quando traça considerações sobre o repórter David Nasser, da mesma revista. Diz Rachel que Chateaubriand nunca interferiu nas atividades dela como articulista, e que assim pode exercer a sua atividade com liberdade de imprensa (QUEIROZ, 1961).

A figura dúbia de Assis Chateaubriand exposta por Morais (1994), era a do patrão-jornalista que, reconhecendo o talento dos seus colaboradores, não prescindia da sua presença nas páginas dos seus jornais e revistas e permitia-lhes a plena liberdade de expressão e opinião desde que não fosse contra aos seus interesses. Parece que a relação com a colaboradora Rachel de Queiroz foi sem atritos, diferente do que se registrou com o repórter e cronista Rubem Braga (SOBRAL; BULHÕES, 2016a).

Considerações finais

O jornalismo foi considerado por Rachel de Queiroz como atividade diária, ganha pão. Rachel frisa esta faceta da atividade profissional, o quesito sobrevivência, embora haja dito que a vocação para escrita vinha de casa e que de alguma forma a exerceu. A crônica foi, portanto, a sua atividade laboral. E quanto a isto as declarações da própria jornalista não devem ser ignoradas.

Ela tentou a todo tempo frisar a importância da crônica na sua vida profissional. E que, destacamos, é capaz de traçar o contexto de um tempo do jornalismo.

André Seffrin (QUEIROZ, 2006) faz uma observação que talvez não tenha sido percebida e que o jornalismo ainda precisa levar em conta nos seus estudos: quando será que o jornalismo dará o devido valor e importância à

crônica? E quando se proporá a estudos pontuais que explorem a riqueza conteudística que ela encerra?

Rachel considerava o jornalismo mais profissão que vocação, como registra Seffrin (QUEIROZ, 2006), o que é um ponto importante para refletir ao pensar que a escritora quebra com a tendência romanesca do jornalismo-vocação, do “chamado” e põe o jornalismo no quesito labuta, trabalho diário, ofício, ganha pão.

Também se deve registrar a preocupação, por Rachel de Queiroz, ao selecionar crônicas para publicação em livro, de fixação deste trabalho para além do efêmero do diário, semanal ou mensal dos jornais, revistas, relegando o jornalismo a outro status, a de fonte documental.

Rachel iniciou nos jornais nos anos 1920 e segue publicando crônicas até o fim da vida. A preocupação nasce desde cedo, porque em 1948 sai o primeiro livro jornalístico (de crônicas, como ficaram classificados, talvez até pela popularidade do gênero dos jornais, e por isso, ter apelo para vendagem), o que fez com que estas crônicas, hoje de difícil acesso, por subsistirem apenas em arquivos de instituições quando se dedicam a coleção e conservação de jornais do passado, ou no próprio arquivo pessoal da escritora, não só atingissem o grande público no tempo da publicação, mas também que perdurasse o seu acesso com a presença do livro em biblioteca e reedições. Ignorar biografias, autobiografias, memórias e crônicas é desconhecer a história do jornalismo.

Jornalismo e literatura na crônica de Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz se considerava essencialmente jornalista e, durante toda a vida, escreveu crônicas para jornais e para a revista semanal *O Cruzeiro*, conforme abordamos em pesquisas anteriores (SOBRAL; BULHÕES, 2016).

A partir da leitura de seus escritos, é possível identificar na página do jornal diário a crônica como parte de um sistema, resultado de uma comunicação midiática e, portanto, instância de produção de sentido.

Embora não haja ainda estudos que se debrucem sobre as crônicas de Rachel de Queiroz, a proposta deste trabalho é procurar revelar o conteúdo simbólico que encerram em si. São registros memorialísticos? Revelam aspectos da história, política, sociedade, transformações urbanas? Demonstram questões autobiográficas?

Este novo olhar sobre a crônica, portanto, procurará demonstrar seu valor como texto cultural de uma sociedade, procurando revelar que singularidades individuais e que aspectos da vida social foram construídos como conteúdo simbólico.

Assim, tratamos neste texto de uma compilação dos principais temas tratados nas crônicas de Rachel de Queiroz escritas entre os anos 1940 e os anos 2000, reunidas em sete livros publicados (QUEIROZ, 1963, 1976, 1993, 1994, 1995, 1999, 2006), compreendendo cerca de sessenta anos de atividade da jornalista escritora.

Crônica e jornalismo

A crônica é um misto de gêneros. Equilibra o que está em cena, o jornalismo quente (um fato do cotidiano), com a análise dos objetos culturais consagrados, sobretudo,

quando permite uma releitura. É atividade exclusiva do cronista.

Lustosa (1996) aponta que a especialização do trabalho jornalístico é resultado da divisão do trabalho dentro das redações a partir das reformas implementadas nos grandes veículos de circulação nacional, como o *Jornal do Brasil*, tomando por modelo a sistemática do jornalismo norte-americano em criar departamentos nas redações, as chamadas editorias especializadas, responsáveis por cobrir áreas ou setores específicos, sob o comando de uma redação central, representada pela figura do editor-chefe.

Um veículo pode contar com quantas editorias quiser, conforme suas áreas de cobertura. As tradicionais são: geral, política, economia, esportes e cultura. Em algumas redações, cinge-se na figura do redator final, responsável pela uniformização das notícias produzidas, imprimir a linguagem do jornal. O cronista é sempre um colaborador e a crônica, neste sistema, orbita à margem destas editorias, invadindo os seus espaços.

A crônica também é fruto da modernização dos jornais, que resultou também em uma renovação tecnológica e estilística trouxe um novo padrão para o jornalismo brasileiro, próximo do modelo norte-americano. Os jornais abandonam os afamados “artigos de fundo”, transformando-os na crônica e abraçaram as pautas pré-determinadas e o modelo do lide. As reformas instituíram a Era da notícia objetiva, direta, impessoal.

O jornal-empresa descobriu novos artifícios para atrair os leitores: folhetins, quadrinhos e horóscopos, multiplicando a oferta de produtos jornalísticos. No entanto, a notícia continuou sendo a matéria-prima principal, conformando-se a padrões industriais através da técnica de produção, de restrições do código linguístico e de uma estrutura relativamente estável.

A crônica, fruto deste novo jornalismo, também passou a obedecer às regras do modelo e o cronista não deixou de ser um produtor de conteúdo que deveria respeitar as mesmas normas e regras impostas, limite de espaço na página do jornal, confecção de um título para a crônica, e deadline das redações.

Se há uma padronização na forma e uma diversidade no conteúdo na notícia, não diferente é o que se pode verificar na crônica. O fato é único, a forma de narrar tem amarras, como o lide, mas não deve perder de vista que há um componente há mais que é a ideologia do repórter e do jornal, que vem expressa na linguagem da matéria. Tornou-se imperativo ao jornalismo superar o texto meramente informativo, e a crônica se instituiu com esta pretensão.

Outra exigência, não é a que se faz ao cronista, que ao se debruçar sobre o cotidiano o faz em perspectiva e impõe com a presença de seu ponto de vista um juízo crítico sobre a realidade. No entanto, o cronista vive o paradoxo: ao mesmo tempo em que deve respeitar as normas instituídas para a preparação do texto, é ele o transgressor da língua que impõe inovações estilísticas e narrativas nos jornais.

Lage (2001) aponta que o texto jornalístico caminha entre o formal e o coloquial. Ao tecer considerações sobre o formal o comparará com a linguagem dos relatórios: a diferença básica reside no fato desta última (a cartorial), além de ser específica, tem um formato próprio. Considera a linguagem jornalística uma linguagem em movimento e que, por isso, se submete constantemente à renovação e à crítica.

A crônica oferece um caráter transgressor, seu papel é de inovação nos jornais. Foi a crônica que abriu os caminhos para as inovações no texto jornalístico. Ao absorver todas estas regras e/ou desrespeitá-las, fundou-se como o espaço

para o exercício da transgressão e da liberdade no jornalismo e para o estabelecimento do texto autoral.

Em que pesem as notícias, muitas vezes, não terem a marca da autoria, as reportagens assumiram tão logo a assinatura do autor, a crônica que fundou estes caminhos fez o mesmo, passou do uso do pseudônimo para a fixação do nome do autor como a sua marca de personalismo aceitando a subjetividade como um elemento às claras para o leitor.

Melo (1996) classifica jornalismo informativo, a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista; e jornalismo opinativo: o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta. No entanto, Chaparro (2008) se propõe pensar o jornalismo para além desta divisão demarcada.

Chaparro (2008) identifica a diversidade em que o jornalismo se expõe, com gêneros mais fortalecidos, como a reportagem, e a diversificação destes gêneros em subespécies. Os gêneros não são formas transparentes, com características próprias, imutáveis e de fácil identificação e classificação. A expressão do jornalismo é múltipla, o gênero não é puro e inalterável em suas disposições.

A crônica pelo jornal se tornou o gênero brasileiro, nas mãos, sobretudo, nos anos 1950 e 1960, de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Rubem Braga, Fernando Sabino, entre outros. A crônica é reconhecida hoje como gênero literário e jornalístico, é considerada, portanto, na fronteira entre a literatura e o jornalismo.

O princípio básico da crônica é registrar o circunstancial. A crônica não apenas está entre o jornalismo e a literatura, mas resulta da soma desta e daquela em tudo que lhe é pertinente. Jornalismo, porque seu espaço de publicação é o jornal, e dele herda a precariedade de ser efêmera e de

consumo único e diário com a edição do dia, por isso, também, transitória. Toma do texto do jornal a coloquialidade, e do texto da literatura o lirismo.

A liberdade e o descompromisso são a marca da crônica. Se um texto é essencialmente jornalístico, tem a função de informar; e informar não é a finalidade primeira da crônica.

A crônica pode e não pode ter suporte na realidade – o seu exercício é um exercício de liberdade. Sua motivação é o banal, o diário, cotidiano. Tudo pode ser objeto de uma crônica. A crônica é relato sobre o cotidiano, leve, sem rigor, sem método.

Seja dos fatos ocorridos, impressões, ou temas em discussão no momento, a crônica contribui com uma margem ampla de trabalho e investigação em que todos os aspectos relacionados podem ser encontrados como resultado de um processo de construção simbólica da realidade.

Para um estudo da crônica para além do seu caráter literário e, sim, invocando os seus aspectos simbólicos e de produção de sentido, tendo em vista ser um produto jornalístico, e fruto de um processo de comunicação.

A crônica é uma matéria que, relegada ao título de literatura, e literatura menor, não tem visibilidade no campo jornalístico como matéria de primeira relevância por reunir na sua configuração todos os aspectos primos que o formam, quais sejam, a presença de um fato transcrito pela luz e voz da subjetividade do cronista que podem revelar aspectos culturais e simbólicos que afirmam a sua importância para além do corriqueiro e do diário, a que está relegado o jornal.

A própria definição da crônica é puramente técnica e empírica, lançada pelos cronistas que expurgam nela o modo de fazer do ofício ou a dificuldade de exercê-lo. Vinicius de Moraes foi um deles.

Moraes dedicará duas crônicas a esse tema, e com o mesmo título “O exercício da crônica” (MORAES, 2009), fazendo graça e forçando um falso drama dirá o quanto custa ao cronista o preparo do seu texto quando a inspiração não vem.

O martírio que é a página em branco e a hora que passa no relógio e pressiona com o deadline se impondo quando é chegado o tempo de enviá-la para publicação.

A queixa revela a faceta jornalística da crônica. Produto para jornal, como as notícias, reportagens e editoriais, está sujeita ao fator tempo, o chamado fechamento da edição, quando se conclui a edição e a envia para impressão.

O cronista então aconselha: o ideal é sempre ter uma crônica adiantada, ou duas, para evitar o suplício quando o tema não vem; para tão logo desconversar, corroborando para uma visão poética do ofício.

Moraes (2009) ensina que a crônica é herdeira dos *essays* ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que ela assumiu de ser livre, casual e lírica.

Segundo Sá (1985), o jornalista João do Rio foi quem trouxe para a crônica o caráter definitivo que assumiu até os dias atuais. João do Rio era fruto da crescente circulação dos jornais no começo do século XX, da popularidade dos jornalistas e da sua capacidade de inventar um jornalismo em forma de crônica.

O marco inaugural desse gênero é o folhetim no século XIX. Cândido (1992) esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se transformando, encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero.

A crônica conflui todos estes elementos o que faz dela expressão e representação. A presença da memória para a

construção da autobiografia ficcional é a revelação ao mesmo tempo da história particular e coletiva, é o cunho da universalidade que está presente na matéria narrada (CÂNDIDO, 1992).

Além de permitir uma leitura comparativa e complementar confrontar o trabalho destes cronistas permite recuperar a história de um tempo a partir da soma de perspectivas. À crônica cabe a assertiva: “a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade” (CÂNDIDO, 1992, p. 56).

Jornalismo em crônica

A Rachel de Queiroz jornalista personifica as histórias que reporta em suas crônicas, como se, como fez Bandeira retirando um poema de uma nota de jornal, retirasse das notícias diárias suas crônicas.

Carlos Seffrin, que assina as orelhas das crônicas escolhidas (QUEIROZ, 2006), faz notar que nas crônicas de Raquel cabe de tudo, então elenca drama, comédia, desenho de circunstância, afirmação política, crítica mordaz, trecho de diário, crônica de costumes, memórias, folhetim, relato de sonho, poema em prosa e até romance.

Outra não é a forma que Rachel de Queiroz imprimiu no seu trabalho, de tudo um pouco, e esta junção de elementos que fazem da crônica um gênero híbrido e próprio. Lê-se nas crônicas de Rachel de Queiroz publicadas em *O Cruzeiro*, revista a qual era cronista exclusiva. Da sua colaboração para os jornais *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Última Hora* e *Jornal do Comércio*, fez o primeiro livro de crônicas *A donzela e a moura morta*, publicado em 1948.

Dez anos depois, em 1958, o segundo volume de crônicas, *100 crônicas escolhidas*, e outros vieram. Trajetória que a levou a declarar em entrevista: “eu tenho

dito que me sinto mais jornalista do que ficcionista. Sempre. Na verdade, minha profissão é essa: jornalista. Há cinquenta e tantos anos que todas as semanas eu escrevo pelo menos um artigo” (QUEIROZ, 1997, p. 33).

Na observação do cotidiano, das pessoas, dos fatos, está sempre a presença daquele que vê, é a cronista, cujo registro também passa ser autobiográfico. Há a presença da cronista não só como depoente e narradora da crônica, mas também como personagem.

O título da crônica é “Ceará” e foi publicada em março de 1944: “depois de mais de quatro anos de ausência, revi fortaleza, meu berço. (...) Quando em 1939 deixei o Ceará, a minha capital seguia o ritmo de marcha rápida das cidades provincianas” (QUEIROZ, 1999, p. 23).

Assim, a cronista permanece na cena da crônica expondo seu reencontro com a terra natal e as suas impressões. Há o perfil das figuras do passado, como dona Chiquinha, Mr. David, professor de inglês, figuras como o palhaço Capote, tema de uma crônica, há o catalão que resgata do tempo da infância; a gente da cidade: um senhor que encontra no bonde, um vigia noturno. Está é uma característica que a crônica assume no século XX.

A crônica contemporânea será construída juntamente com o jornalismo impresso dos jornais-empresa, em que o fator notícia é predominante e em que os fatos se distribuem em cadernos temáticos: cidades, política, economia, esportes, e até mesmo em páginas, como a afamada página policial, dedicadas aos crimes.

A crônica é não só uma resposta a esta nova configuração do jornalismo, mas é também fruto da urbanização e da vida nas cidades. O bonde, o telefone, o comércio, os incidentes, os crimes, também estarão nas crônicas.

Casos policíescos de vingança e morte, típico das rixas de famílias sertanejas, como o narrado na crônica “A donzela e a moura torta” e em “Morreu o moço Jorge”.

O Ceará será sempre matéria presente nos seus escritos e assim o universo do sertão, então desfilarão personagens da sua infância na fazenda o Junco, a gente de casa, como o compadre Antônio Muxió (assunto de uma crônica), figuras de jagunço, o tema das secas, os açudes, a fé na figura do Padre Cícero. Presenças marcantes nos escritos e nas memórias de Rachel de Queiroz.

A vocação da crônica de Rachel de Queiroz é autobiográfica quando trata dos sonhos que teve outra noite (um dos temas recorrentes) e com a chegada dos 50 anos (lá pelos anos 1960) é a velhice e os netos; outro ponto de predileção são as histórias de crime em que pesa em algumas delas um pouco de surrealismo, de fantástico, tipo das histórias de Trancoso, dos causos do sertanejo.

Rachel de Queiroz merece um estudo aprofundado desta produção para jornais e revistas. Há as memórias, gente de antigamente e suas vidas, um pequeno episódio do cotidiano faz rememorar as coisas da cidade como a volta dos bondes às ruas do Rio de Janeiro (“Os Bondes”, 1975); carta do leitor que provocam a reflexões.

A crônica muda de tom como muda a vida, a cronista dos anos 1960 em diante já se considera a velha senhora que escreve “mulher de funcionário, tratei de também de cavar a vida num pequeno jornalismo e dando aulas particulares” (QUEIROZ, 1995, p. 164).

As crônicas do final dos anos 1950 (1957-1959) trazem o tema da guerra fria, as desilusões de uma funcionária do comércio, um elogio à figura humana do presidente norte-americano Lincoln, o Sputink no espaço.

Todos os temas em voga no momento foram objeto de sua apreciação e reflexões: literatura do presente que é um retrato do passado em tempo real.

Rachel resolve descer às raias do estilo para falar afinal que sim, se mete mesmo a escrever umas histórias que são o sertão mesmo – diz que os de casa acabam de chamá-la de Guimarães Rosa, troça, alegando que ela segue o tema e a forma escrita dele – mas ela diz que nem é regionalista (tem horror ao termo, e é preciso dizer que regionalismo foi um nome que inventaram para taxar os autores que escreveram sobre sertão, Nordeste etc.): “essa linguagem que tento nos casos do sertão e mesmo nos casos de cidade pode representar, com efeito, procura de caminhos novos, mas à minha limitada maneira, não à dele” (QUEIROZ, 1994, p. 21).

E nestes mais de 20 anos de trabalho, ela vai dizendo, consegui uma linguagem que se aproxima da oral, “naturalmente no que a linguagem oral tem de original e espontâneo, e rico, e expressivo” (QUEIROZ, 1994, p. 21).

Noutra crônica “Os tempos eternos” põe em consideração a matéria do cronista. O ponto de partida é uma carta do leitor que reclama: por que os jornalistas fogem dos temas eternos? Tema eterno, leia-se é amor, morte, essas coisas.

E dita o que se é o assunto do cronista as efemeridades, quais sejam, a vida urbana, reclames dos serviços públicos, os dramas do dia-a-dia etc., e que os temas eternos estão aí presentes sob outros ângulos, porque os temas da vida estão no cotidiano. Então aparece nos jornais (e na tevê) uma espuma no rio Tietê. E não é um tema eterno a ecologia?

Se hoje, Rachel de Queiroz escreve em setembro de 1975, data da crônica, a juventude só pensa em preservar, muito diferente era em 1930, quando só queria atacar e acabar com tudo, construir o novo, terreno para civilizar-se.

Então, costura no terreno de suas meditações ali expressas que o progresso, isto tudo é para apontar esta lição, erguendo argumento a argumento.

Rachel sabe que é necessário com equilíbrio trazer um ponto de vista necessário para a questão em comento que, se noticiada pelos jornais, é tema de interesse do coletivo, da sociedade, e que não custa trazer alguma coisa a respeito, então dirá que o progresso é um fator que deve estar em equilíbrio com a manutenção do *status quo*, pois o que será e seria se tudo permanecesse intocável?

A mulher tem espaço recorrente em suas crônicas. A dura realidade da mulher do Nordeste que menina já começa a trabalhar, cuidando dos irmãos menores, assistindo nas tarefas de casa, trabalhando na lavoura, Raquel de Queiroz faz as suas crônicas reportagem de uma realidade que precisa ser vista.

Outra se põe a contar um fato que aconteceu no sertão, ela em sua fazenda no Ceará passando temporada, vai explicando: “o fato que vou contar aconteceu ontem, 13 de maio de 1960, na minha fazenda Não Me Deixes, distrito de Daniel Queiroz, município de Quixadá, Ceará” (QUEIROZ, 1994, p. 29).

Apareceu um disco voador e a coisa foi vista por muita gente por lá. A revista *O Cruzeiro* entrevistou Rachel de Queiroz e fez também reportagem. Há também crônicas retiradas de notícia de jornal: “já não é a primeira vez que leio nos jornais a notícia de que inúmeros agricultores belgas, ora desalojados do Congo, estavam interessados no Brasil” (QUEIROZ, 1994, p. 36).

Há tanto do ofício de repórter envolvido no trabalho de cronista, a apuração necessária para colher a matéria que faz com que Rachel de Queiroz declare volta e meia o método e sempre se trate por jornalista nos seus textos.

Escrevendo sobre as casas de farinha foi saber da alimentação dos moços que nela labutam e não se fez de rogada: “andei indagando como é a dieta deles” (QUEIROZ, 1994, p. 49).

Quando o tema da crônica é a mulher e as atividades domésticas, traz a mudanças dos tempos, sempre opondo o passado (o seu passado) aquele tempo presente em que escreve.

A mulher, escreve Rachel de Queiroz, não aprende mais a sequer pregar um botão, andou conversando numa roda de mocinhas e perguntou, poucas, só duas, em dez, sabiam esse rudimento da costura, tão útil, inclusive para aplacar os nervos em momento de tensão, bordar sempre foi uma distração para mulher, uma forma de meditação, aponta Rachel.

Seja aqui, ou nos Estados Unidos, cuja indústria trouxe para a mulher americana toda sorte de equipamentos modernos, o “lavoro” (bordados) que é uma atividade que tranquiliza e acalma, tratou de desaparecer.

E essa mulher que ainda borda é uma espécie de anacrônica, na qual ela confessa se enquadrar, mais uma vez firmando seu ofício de jornalista dentre os outros papéis que exerce na vida diária: “tiro uma espécie de equilíbrio do uso alternado do jornalismo e do crochê, literatura e bordado à mão, política e cozinha” (QUEIROZ, 1994, p. 77) e assim põe em pé de igualdade as atividades domésticas ao fato de ser politicamente atualizada e exercer uma profissão. E a crônica é de 1964!

A recusa de um hoteleiro em hospedar a cantora negra Elza Soares é motivo para expor o preconceito velado que há no Brasil e a contrapropaganda que o Brasil faz de si no exterior, de país da tolerância e do convívio harmônico entre as raças. Que tanto é tema de sua reflexão como as minas Icomi, no Amapá, são uma espécie de propaganda.

A crônica-propaganda da mina lembra os informes publicitários, pois após sapecar elogios aquela maravilha de organização, a mina tem cidade com todos os equipamentos e é autossustentável, não deixa de avisar ao leitor que foi a convite com passagem e hospedagem paga.

Também contribui para a propaganda do Brasil ao brasileiro desvendando mitos: a região Norte é tão Brasil quanto São Paulo e a Bahia.

Rachel também fixa as suas crônicas como um observatório dos Estados Unidos, dos fatos, acontecimentos, dos costumes, de um tudo da vida norte-americana, é certo que enviou crônicas de Nova Iorque descrevendo a cidade, uma ode por sinal, encantada com o cosmopolitismo da cidade mundial, porque até lá andou como representante brasileira numa conferência das Nações Unidas sobre direitos humanos.

Mas seja em Nova Iorque, seja em Quixadá, seja no Rio de Janeiro, este olhar permanece aparecendo volta e meia na crônica.

Há tantas menções que vão da corrida espacial, passa pela guerra fria, atenta para o racismo latente e a vocação imperial dos Estados Unidos, “a Roma do mundo moderno” (QUEIROZ, 1994, p. 97).

Nas crônicas, aqui e acolá, revela não só o que pensa da profissão, suas opiniões e considerações sobre determinados fatos que escolhe abordar, mas também pistas do seu *modus operandi*, aquele “indagar” aos farinheiros, as notícias do impresso, que ela lá desconfia que soam mentirosas.

Isto porque há sempre o ideal do jornalista, sua visão do mundo, a forma que ele interpreta, diferente do rádio, que ela conta, passou dias lá no sertão mas não pensem porque andou sem seus jornais que ficou desatualizada, às seis da

manhã já sintonizava o rádio para saber dos acontecimentos.

E se tudo era assunto para crônica, a moda do *nude look* foi o assunto em 26 de fevereiro de 1966, os estilistas colocando o corpo das mulheres à mostra e a cronista preocupada com o que seria da senhora idosa recata mostrando tudo que já é passado.

Rachel se firma como termômetro crítico da sociedade, atuando como orientadora, conselheira, como se dissesse e aqui de forma humorada: olha lá, tudo tem limite.

Apontando a sandice que aos olhos passam despercebidas da obviedade. Rir-se aqui dos modismos, e também não deixa de tratar das plásticas, desta mania do sempre jovem a qualquer custo.

Perfil, duas crônicas de Nova Iorque, uma delas a problemática, ela lê nos jornais, “pois agora os jornais estão falando de mais um problema: a grande quantidade de crianças, frutos de amores ocasionais entre moças vietnamitas e soldados americanos” (QUEIROZ, 1994, p. 140) e quando não um puxão de orelha na imprensa norte-americana, que assume um imperialismo desnecessário no tom das suas notícias.

A crônica de Rachel de Queiroz, assim, está sempre afinada ao momento vivido, seja político, cultural, social, econômico. E assim a cronista vai enfrentando as décadas de 1960 e 1970.

A Rachel dos anos 1980 não é outra, prossegue com a sua visão crítica do cotidiano, a condição da idade: a televisão como objeto exclusivo de uso da propaganda; São Paulo cidade *mutatis mutandis*, as crianças de rua, a velhice e os velhos, os temas contemporâneos, a mulher, a pílula e a revolução sexual.

A condição da mulher, seus direitos e papel na sociedade, a maternidade, são os temas que registram

posicionamentos da autora e que alçam a crônica para além do cenário do idílico, do transitório, dos temas amenos, crônica como retrato e reflexão do presente.

Rachel problematiza a liberdade da mulher e se põe de forma provocativa e questionadora, afinal, que liberdade é esta de produção independente quando beneficiário é o pai da criança que será eximido de suas responsabilidades? Criar o filho sozinha, sem ajuda do outro ser que o concebeu, por preferir a concepção independente é liberdade?

E assim argumenta que não pode haver posições absolutas neste debate homem-mulher. Consciente que entrar na arena do debate é estar suscetível à reação das feministas de plantão em taxarem-na reacionária e chata (palavras dela).

“As meninas”, crônica, é se não uma continuidade desta questão corrente. O retrato não poderia ser o mais social do comportamento de uma geração, e mais uma vez é o que ela anda ouvindo e indagando, conversando com as jovens, e que percebe ser um comportamento paradoxal: anseiam pela liberdade do sexo casual sem culpa e, no entanto, anseiam a paz da vida doméstica que encontram no casamento.

O lugar onde vive (se mudou da Ilha do Governador para um edifício de apartamentos no Leblon) também é objeto do seu olhar crônico: a praia e os seus frequentadores habituais, as mulatas às 5 horas da tarde, as “patéticas senhoras de maiô preto inteiriço” (QUEIROZ, 1976, p. 46), os velhos senhores de caminhada, os meninos gordos, os casais de namorados.

E assim expõe outra característica latente do ofício: a observação permanente que revela o olhar para o cotidiano no que está, também, além dos jornais e é parte da vida que a cronista vê diante da janela, na rua.

Quando foi deixar o poeta Manuel Bandeira na porta de casa para que tomasse um transporte e, não passando um táxi, tomou um ônibus, ouviu, ao despedir-se do poeta, a conversa de duas senhoras na parada: e não era aquele o poeta Bandeira?, disse uma; ao que a outra replicou: imagina, um poeta como Manuel Bandeira de ônibus, onde já se viu!

O que além do humor do fato lhe provoca a reflexão sobre a ostentação e o brilho que no mundo impera entre as notáveis celebridades de carro de luxo e mansão. Em suma, a vida é a pauta da cronista.

Zila Mamede, jornalista

Uma faceta desconhecida de Zila Mamede é a sua atuação como jornalista. Zila Mamede (Nova Palmeira/PB, 1928; Natal/RN, 1985) começou publicando poemas, crônicas e reportagem no jornal *Tribuna do Norte*, em circulação no Rio Grande do Norte até os dias de hoje. Mas pouco se sabe de sua colaboração e sua atuação no jornalismo, ao contrário do que se observa da sua atuação enquanto poeta, bibliotecária e pesquisadora.

A obra poética de Zila Mamede é reconhecida pela crítica positiva exposta nos principais jornais do Brasil. Antônio Olinto, Nelson Werneck, Osman Lins, que publicavam nos jornais *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio* e *Folha da Manhã*, escreveram sobre a poesia de Zila.

Zila era incansável não só como poeta, mas também como pesquisadora, compondo bibliografias, organizando acervos e bibliotecas, em constante formação e aperfeiçoamento. Poeta e bibliotecária, Zila Mamede se destacou nos dois campos com trabalhos exemplares e reconhecimento pelo seu mérito literário e intelectual.

É vasta a sua produção. Seis livros de poemas publicados em vida: *Rosa de Pedra* (1953), *Salinas* (1958), *Arado* (1959), *Exercício da Palavra* (1975), *Navegos* (1978) e *Herança* (1984); somados a dois póstumos: *Navegos Herança* (2003) e *Exercícios de poesia textos esparsos* (2009); e dois estudos bibliográficos de peso: *Lúis da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual, 1918-1968* (1970) e *Civil Geometria: bibliografia crítica e anotada de João Cabral de Melo Neto* (1987); e, em conjunto com Deífilo Gurgel, pesquisador, poeta e folclorista, *Bibliografia anotada sobre Xico Santeiro* (1966).

Pela importância e relevância, a poesia e o trabalho bibliográfico realizado por Zila foram objeto de uma série de estudos acadêmicos. No entanto, a Zila jornalista ainda resta ser estudada. Assim, propomos um levantamento das publicações da autora no jornal *Tribuna do Norte* no período de 1950 a 1952.

Poeta, bibliotecária e jornalista

O despertar para a poesia começa com a mudança para a cidade de Natal durante o período da Segunda Guerra Mundial. O pai era mecânico e a presença americana na cidade, fruto do movimento da guerra, trazia oportunidades de emprego.

A família vivia em Caicó, sertão do Rio Grande do Norte, para onde havia emigrado, oriunda de Nova Palmeira, estado da Paraíba, onde a poeta nasceu em 1928.

Em Natal, Zila estudou no Colégio Imaculada Conceição, quando começou a escrever os primeiros poemas. Jovem, para se manter, fez curso de contabilidade e foi trabalhar na firma de Sérgio Severo, na Ribeira (SOBRAL, 2015).

Zila começa um curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, nos anos 1950, o primeiro. No Rio de Janeiro, teve o privilégio de conviver com o poeta Manuel Bandeira. Procurando constantemente se aperfeiçoar, Zila se voltou a um mestrado na área em Biblioteconomia, que não chegou a concluir.

Já a sua escola poética se estabeleceu com a correspondência perene com os poetas Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto (SOBRAL, 2016).

Zila manteve uma correspondência e uma amizade profícua com poetas, escritores e críticos brasileiros que se desenrolara por toda a sua vida até a sua morte, em 1985.

Ela era a Zila azul querida, assim a tratava o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Rosa de Pedra (1953), o primeiro livro, saiu pela Imprensa Oficial do estado do Rio Grande do Norte por obra do crítico literário, poeta e diretor da Imprensa, Antônio Pinto de Medeiros.

Incentivador da poesia de Mamede, crítico literário da cidade que atuava nos jornais e autor de uma coleção que, naquela década de 1950, publicaria outros poetas potiguaros que entrariam para o cânone da literatura do Rio Grande do Norte.

Zila começou publicando seus poemas no jornal. Era comum nos jornais e revistas a publicação de poemas enviados por colaboradores e outros poetas assim procederam, como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

A pesquisa nos jornais revelou poemas inéditos nunca publicados em livro e a colaboração de Zila ao Jornalismo, profissão que abraçou na década de 1950, concomitante as outras atividades que desenvolvia, seja como poeta, escrevendo e publicando poemas; seja como bibliotecária, construindo a sua formação na área; seja trabalhando diariamente na Firma Sérgio Severo. Zila Mamede foi por toda vida polivalente.

O Jornalismo parece uma opção declarada nesta década e a sua atuação merece registro não só pelo papel e pioneirismo que desempenhou na cidade, mas também pela diversidade de sua colaboração.

Zila se torna colunista interina, cronista e repórter bissexta na *Tribuna do Norte*, posteriormente redatora do *Diário de Natal* e correspondente internacional do jornal carioca *O Globo* para a cobertura na Europa do Congresso Mundial da Juventude Operária Católica.

Além disso, colaborou com os suplementos literários de jornais de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Zila estava integrada ao grupo poético pernambucano de Mauro Mota, Ledo Ivo, Carlos Pena Filho, entre outros.

O interesse de Zila Mamede pelo Jornalismo, assim como em suas demais áreas de atuação, foi crescente. Pode-se perceber que uma característica sua era sempre buscar capacitação para o que fazia.

Não espanta que tenha frequentado em 1953, nos meses de novembro e dezembro, o curso de extensão universitária I Seminário de Jornalismo promovido pela Universidade de Recife em parceria com a Associação de Imprensa de Pernambuco.

Ainda não havia faculdade de Jornalismo em Natal – que só seria implantada em 1962, se configurando como uma das primeiras do país.

Em 1957, Mamede passou a trabalhar como redatora no *Diário de Natal*, se registrando como jornalista profissional admitida na Associação Norte-rio-grandense de Imprensa.

E também viajou como correspondente. No mesmo ano de 1957, recebeu as credenciais do jornal *O Globo* para cobertura jornalística em Roma do Congresso Mundial da Juventude Católica.

Embora a sua atuação no Jornalismo não seja perene nem regular, merece o registro e o levantamento de sua produção para a imprensa e o seu manifesto interesse em pertencer à categoria dos jornalistas, tendo, inclusive, procurado se registrar na Associação Norte-rio-grandense de Imprensa.

Ainda falta à sua bibliografia algum estudo que observe a sua colaboração para o Jornalismo e quiçá um levantamento desta produção nos jornais da época. Alguns textos esparsos publicados na *Tribuna do Norte* foram reunidos (MAMEDE, 2009).

Uma pesquisa nos arquivos do jornal *Tribuna do Norte*, do ano de 1950 a 1952, recupera a colaboração de Zila Mamede para a coluna Revista da Cidade, por um breve período, e sob pseudônimo de Maiana; crônicas publicadas numa seção intitulada Aspectos da Cidade; colaboração para a seção Tribuna Social e reportagem. Além disso, uma infinidade de poemas.

Zila na coluna Revista da Cidade

O jornal *Tribuna do Norte* foi fundado em Natal no ano de 1950 pelo jornalista norte-rio-grandense Aluizio Alves. Funcionava com duas linotipos e circulava com doze páginas. Havia como seções fixas a Revista da Cidade e a Tribuna Social, espaços em que Zila aparecerá como colaboradora: “Eu me lembro que assinava uma coluna na *Tribuna do Norte* e, em vez de escrever esta coluna (que era meio política, meio social), eu comecei a publicar um poema por dia” (GALVÃO, 2005, p. 24).

A coluna provavelmente era Revista da Cidade. Zila temporariamente substituiria o titular, Rômulo Wanderley. Rômulo Chaves Wanderley era advogado, professor e atuava como colunista-articulista da *Tribuna do Norte* na Revista da Cidade até, posteriormente, se mudar para outro espaço no jornal, a coluna Nota da Manhã. Revista da Cidade foi uma coluna híbrida em que figurava uma crônica ou artigo e notas diversas.

Zila assume temporariamente Revista da Cidade sob o pseudônimo de Maiana. No entanto, a experiência foi por um breve período, entre 10 de janeiro e 8 de fevereiro de 1952. Não era uma coluna diária, nem tampouco tinha um dia fixo na semana. Funcionava como uma coluna social que registrava aniversários, nascimentos, casamentos, festas e felicitações para pessoas de destaque na cidade.

Um levantamento nas edições da *Tribuna do Norte* aponta as colaborações de Zila no período e mostram que não havia um dia fixo para a coluna Revista da Cidade. A colaboração de Zila assim se configura:

Quadro 1: Colaboração de Zila na coluna Revista da Cidade, do jornal *Tribuna do Norte*

Datas das publicações
Quinta-feira, 10 de janeiro de 1952
Sábado, 12 de janeiro de 1952
Domingo, 13 de janeiro de 1952
Quarta-feira, 16 de janeiro de 1952
Quinta-feira, 17 de janeiro de 1952
Sexta-feira, 18 de janeiro de 1952
Sábado, 19 de janeiro de 1952
Domingo, 20 de janeiro de 1952
Terça-feira, 22 de janeiro de 1952
Quarta-feira, 23 de janeiro de 1952
Quinta-feira 24 de janeiro de 1952
Sexta-feira, 25 de janeiro de 1952
Sábado, 26 de janeiro de 1952
Domingo, 27 de janeiro de 1952
Terça-feira, 29 de janeiro de 1952
Quinta-feira, 31 de janeiro de 1952
Sexta-feira, 01 de fevereiro de 1952
Sábado, 02 de fevereiro de 1952
Domingo, 03 de fevereiro de 1952
Terça-feira, 05 de fevereiro de 1952
Quarta-feira, 06 de fevereiro de 1952
Quinta-feira, 07 de fevereiro de 1952
Sexta-feira, 08 de fevereiro de 1952

Fonte: Autoria própria

Zila não propõe um jornalismo estritamente feminino, como Clarice Lispector fará depois, na década de 1960, ao colaborar sob pseudônimo para colunas femininas que entraram em voga nos jornais cariocas *Correio da Manhã* e *Diário da Noite* (LISPECTOR, 2008).

No entanto, há uma voz clara e autoral da jovem jornalista Zila, aos 24 anos de idade, uma poeta à procura da sua voz e uma profissional à procura do seu destino.

Zila busca corresponder ao propósito de uma coluna social, mas o faz de forma autoral e extremamente provocadora, talvez, por isso, tenha se vestido sob pseudônimo.

A coluna além desta estampa do social se lança a outros propósitos. A colunista toma a voz dos moradores da rua Trairi, onde residia, e de forma provocadora cobra providências para a instalação de telefones.

Também há espaço para as variedades, por exemplo, quando trata das sessões de cinema de forma crítica, opinando e comentando sobre filmes e anunciando que o fará na próxima coluna.

Zila torna Revista da Cidade um espaço plural, amplia o repertório para a seara cultural, que era de fato a sua área de interesse, visto que era poeta e convivia com a intelectualidade da cidade.

Subverte o tom brando da coluna social, embora continue a anunciar os expedientes de praxe: nascimentos, batizados, casamentos, mortes e viagens, mas não deixa de fixar uma tribuna com um olhar crítico para a realidade, seja nos comentários ácidos ou nos reclames.

Espaço de todas as conveniências, a colunista também se desculpa pelos erros. Maiana divulgou uma nota sobre o teatro de amadores e então teve que se retratar. O título da nota é “Cuidado com as aparências” e foi publicada em 18 de janeiro de 1952:

Certa senhorita publicando uma crônica sobre a revista do Teatro de Amadores de Natal, ligou a mesma ao nome do Sr. Sandoval Wanderley. Mas, o que houve foi um engano de sua parte, pois a pessoa que ela identificou como sendo Sr. Sandoval era, de fato, um Wanderley: mas, o que usa

costeletas... cuidado, senhorita, as aparências quase sempre enganam (MAMEDE, 1952a, p. 01).

Entrava na pauta outros *fait-divers*, como a visita do médico industrial Tarcísio Maia à redação do jornal (nota "Visitando a Tribuna do Norte", publicada em 19 de janeiro). Desmentidos: o poeta e vaqueiro norte-riograndense José Praxedes não fora assassinado (nota "Não perderam os vaqueiros o seu poeta", publicada em 20 de janeiro). Fofocas: "aos nossos ouvidos chegou um fato interessante. Contaram que uma certa poetisa da nova geração..." (nota "Pretensão dos novos", publicada em 20 de janeiro); e até fantasia de carnaval: "este ano o Sr. Aureliano de Medeiros vai se fantasiar de Urubu Malandro..." (nota "Tarde e atrasada", publicada em 22 de janeiro).

O jornalismo feminino no século XX já contava com Rachel de Queiroz escrevendo reportagens, notas e colaboração para os jornais cearenses na década de 1920 e para os jornais cariocas na década de 1940. Nos anos 1950, Rachel já era jornalista da *Revista Cruzeiro* (SOBRAL; BULHÕES, 2017).

As mulheres assumiam cada vez mais espaços nas redações atuando como repórteres, redatoras, pauteiras, revisoras, dentre outras funções. No entanto, segundo Rachel de Queiroz (QUEIROZ, 2010), havia restrições à atuação das mulheres no *front*, o que não a impediu de tratar de assuntos antes restritos ao universo masculino, como a política, ao se fixar como articulista e cronista.

Determinadas, tanto Zila quanto Rachel começaram muito jovens nas redações e firmaram o espaço do jornal impresso como um campo de expressão. O caminho de Zila não será diferente neste curto período na Revista da Cidade, entre a festa profana, um carnaval no Clube da Redinha e uma festa religiosa da diocese de Natal, a autora toma a voz

da defesa das inverdades: “chegou aos ouvidos da coluna que o Teatro Carlos Gomes teria exibido cenas de imoralidade”, o que ela veementemente afirma que só pode ser a mais pura verdade (nota "No teatro Carlos Gomes", publicada em 25 de janeiro).

Outros temas passeiam pelas notas e afirmam o tom de variedade da coluna. Há anúncio de um curso de aperfeiçoamento rural e até internação no hospital Miguel Couto: “internou-se ontem a Srta. Zélia Varela Cocentino, funcionária da Panair do Brasil” (nota "No Miguel Couto", publicada em 26 de janeiro).

Mesmo assim a colunista avisa, ao que parece, a falsa falta de assunto. Uma desculpa, talvez, para a publicação de uma carta ao leitor. No caso de Zila, parece mais uma provocação e publica a carta-reposta de um leitor indignado com o comentário da poeta ao cinema brasileiro.

Além da coluna, Zila concomitantemente continuou a publicar os seus poemas no jornal. No dia 02 de fevereiro a coluna não aparece assinada. Será ainda Maiana?

Provavelmente, pois na edição seguinte continua a temática exposta na coluna não assinada, que tratava do leprosário de Natal. Maiana segue até o dia 8 de fevereiro de 1952, parte sem se despedir, e no seu lugar assume o Príncipe Ibis. Quem reaparecerá no jornal não será mais Maiana e, sim, Zila, na Tribuna Social e em Aspectos da Cidade.

Na Tribuna Social, Aspectos da Cidade e reportagem

Na Tribuna Social, Zila publicou poemas, era colaboradora assídua. Tratava-se de uma coluna do jornal *Tribuna do Norte* que contava com uma série de notas que contemplavam horóscopo, aniversários, nascimentos, falecimentos, crismas, viajantes, e ainda uma seção Leitura

com quadrinhos, curiosidade, pensamentos, conselhos e humor, em intertítulos demarcados.

Durante todo o ano de 1951, Zila participa do jornal com o envio dos seus poemas. A mesma tônica adentra no ano seguinte, no entanto o espaço de publicação dos poemas não é mais a Tribuna Social. Ora aparece livre na página do jornal, ora aparece na Revista da Cidade.

Na Tribuna Social, Zila publica o primeiro texto em prosa no dia 4 de janeiro, sexta-feira, com o título de “Eu li Phoenix”. Sim, ela leu a Phoenix, afirmará.

Phoenix era a revista do Teatro de Amadores de Natal. No artigo Zila fará a defesa da qualidade e do conteúdo da revista, afirmando que não era nada “fraquinha”, como haviam anunciado. Foi o seu texto inaugural em prosa. Seis dias depois da publicação deste artigo, assumirá a Revista da Cidade assinando como Maiana, atividade que segue até o dia 8 de fevereiro.

A colaboração dos textos em prosa de Zila transitará pelo jornal sem espaço fixo ou periodicidade. Neste íterim, aparecem poemas e mais poemas. Dia 13 de março, quinta-feira, Zila retoma a prosa na página dedicada a escritos diversos, artigos e crônicas, com o texto “O menino da autolotação”:

Era um calor danado. Apanhei o primeiro transporte que apareceu, um auto-lotação que faz a linha Ribeira-Alecrim, daqueles que correm tanto, fazem um cem número de zigue-zagues, “voam tão baixo”, por assim dizer que a gente fica tonta. Felizmente ainda havia um lugar de verdade. Às vezes estão absolutamente superlotados e o motorista ainda grita – “cabe mais um”. Bem, mas não estou querendo falar do serviço de auto-lotações, sobre o que, aliás, muito teria a dizer. Refiro-me ao menino... (MAMEDE, 1952b, p. 01).

A vida na cidade, as impressões do dia-a-dia serão as marcas destes textos escritos com tom de crônica, ou seja, observação do cotidiano pela leitura subjetiva da cronista.

Um levantamento da sua participação no jornal no ano de 1952 revela, para além destes primeiros textos publicados no primeiro semestre, uma reportagem.

Zila só reaparecerá na função de cronista com mais uma curta investida, feita numa nova seção, Aspectos da Cidade, no final de novembro. Abaixo está o levantamento de colaborações diversificadas de Mamede no ano de 1952.

Quadro 2: Colaborações diversas de Zila no jornal
Tribuna do Norte

Data	Seção/classificação		Título
Sexta-feira, 04 de janeiro de 1952	Tribuna Social	Eu li Phoenix	
Quinta-feira, 13 de março de 1952	Seção: diversos	O menino da autolotação	
Quinta-feira, 27 de março de 1952	Seção: diversos	Natal na manhã de domingo	
Quarta-feira, 16 de abril de 1952	Classificação: reportagem	1º Centenário do Compositor brasileiro Henrique Oswald	
Terça-feira, 25 de novembro de 1952	Aspectos da Cidade	O quartirão branco	
Domingo 30 de novembro de 1952	Aspectos da Cidade	Miramonte, o castelo	
Domingo, 07 de dezembro de 1952	Aspectos da Cidade	Festival Beethoviano	
Domingo, 14 de dezembro de 1952	Aspectos da Cidade	Posto de salvamento	

Fonte: Autoria própria

A reportagem "1º Centenário do Compositor brasileiro Henrique Oswald", assinada por Zila em abril de 1952, narra a festa realizada no Instituto de Música do Rio Grande do Norte em homenagem ao compositor Henrique Oswald. O texto é efusivo, extremamente narrativo, semelhante ao estilo jornalístico empregado nas reportagens de então.

A Zila repórter, assim como a Zila cronista, se revela dentro do seu próprio tempo, ou seja, do Jornalismo que era comumente praticado. Não se destaca, nem revela ou antecipa nenhuma mudança. Foi sua única reportagem, outra só viria dois anos depois.

A poeta jornalista só aparecerá em prosa em 1952 no final do segundo semestre, com Aspectos da Cidade. O tom é tanto de reportagem como de crônica, o que levar a crer que a classificação de gênero no trabalho de Zila é arbitrária. Não há características próprias e demarcadas que permitam afirmar ser artigo, crônica ou reportagem, mas por estarem na página do jornal impresso, se trata de Jornalismo.

Considerações finais

Ainda não havia a técnica do lide nos jornais brasileiros quando Zila escrevia os seus textos. O artigo e a crônica já eram gêneros definidos, imperava a reportagem e a notícia, mas não havia uma categorização precisa quanto aos seus elementos constitutivos.

Podemos apreender que era reportagem aquilo que se autodenominava reportagem, artigo o que se chamava de artigo e crônica o que se chamava de crônica.

Rachel de Queiroz, que como mencionamos já publicava na revista *Cruzeiro* neste período, tinha seus textos classificados como artigos nos expedientes da revista, mas ela os reconhecia como crônicas e sob essa nomenclatura os reunia posteriormente em livros (SOBRAL; BULHÕES, 2017).

O jornalismo praticado por Zila é como o jornalismo praticado por Rachel. Ambas imprimem a própria voz em tudo que escrevem, seja crônica, artigo, nota etc.

Desta forma, devemos levar em conta que não importava a que gênero pertencia, e sim quem o assinava. Quando o

jornalista queria revelar a sua marca, assinava com o nome próprio, quando era preciso se proteger para agir com liberdade crítica, adotava o pseudônimo, como Zila o fez.

Um jornalismo que se pode chamar autoral, porque era devidamente assinado, diferentemente das demais seções do jornal, que comumente não eram assinadas.

A matéria assinada se destinava ao colaborador, que geralmente atuava como articulista ou cronista em seção fixa, mas não era considerado pelo cânone como "jornalista de verdade".

A opção de Rachel e Zila de se firmarem jornalistas e não, respectivamente, romancista e poeta, revela que no espaço que habitavam eram essencialmente jornalistas, mas jornalistas com vozes próprias, vozes autorais.

Assim, Zila Mamede praticava um Jornalismo híbrido que poderia ser nota, reportagem, crônica e artigo. Mas que, na verdade, constitui um jornalismo autoral, pois era eivado pelas características de estilo que se identificam permanentemente nas declarações de autor.

A ironia, a escolha dos temas, dentre outros, o que permite afirmar e classificar este jornalismo para além dos gêneros. Ela exercia um Jornalismo marcado pelas características subjetivas e com a sua marca, sua visão sobre o mundo, um olhar atuante e participativo no dia-a-dia da cidade. A cidade era o seu tema, e a visão crítica e a ironia, a sua marca. Zila Mamede foi jornalista.

3. Crônica

Crônica: jornalismo autobiográfico nos jornais da cidade do Natal

A história da vida cotidiana está na crônica. A crônica nasceu no jornal para ocupar o espaço da narrativa do cotidiano pela visão pessoal, narrativa e lírica do cronista, que utiliza em seu trabalho os recursos literários disponíveis. Assim, figura como um híbrido entre o jornalismo e a literatura tanto na forma, quanto no tema e funciona como um registro autobiográfico, memorialístico e histórico de um tempo.

A crônica pode ser incluída também como modus da “escrita de si” (BRANDÃO, 2008), tendo em vista que é puro exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este que é o todo objeto e assunto da crônica.

Dessa forma, propomos fomentar um resgate histórico da memória do jornalismo praticado no Rio Grande do Norte por meio do estudo de crônicas produzidas na capital do estado entre as décadas de 1950 e 1980.

Os cronistas que se sobressaíram e perduraram na atividade nesse período foram Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros, jornalistas que tinham suas crônicas publicadas nos jornais impressos que circulavam na época, *A República*, *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*.

Nesse contexto, selecionamos fragmentos das crônicas de Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros a partir da consulta aos arquivos dos jornais mencionados e a antologias e coletâneas de crônicas dos ditos cronistas (presente nas referências) que correspondem a produção do período de atividade delimitado (décadas de 1950 a 1980) e relacionamos com as próprias trajetórias dos jornalistas, formando um relato ensaístico-biográfico que

traz à tona as nuances da vida dos cronistas e da vida na cidade à época. Esta pesquisa é continuação de outras que vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos (SOBRAL, 2014, 2016).

Crônica: entre o jornalismo e a literatura

A crônica é uma literatura-jornalismo. Reconhecida hoje como gênero literário e gênero jornalístico por excelência, seu princípio básico é registrar o circunstancial. Toma do texto do jornal, o coloquial, e da poesia, o lirismo.

O cronista do jornal é repórter e escritor, e, acima de tudo, um grande redator. A liberdade e o descompromisso são as marcas da crônica. Esse gênero pode e não pode ter suporte na realidade – o seu exercício é de liberdade. Sua motivação é o banal, o diário, o cotidiano.

Tudo pode ser objeto de uma crônica. Ela popularizou a literatura brasileira, apresentou os romancistas e chamou o público a pular da página do jornal para a leitura dos romances e dos livros de contos. Os poetas também assim ganharam popularidade.

No Brasil, a crônica tem uma boa história. Até se poderia dizer que, sob vários aspectos, é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou e a originalidade com que aqui se desenvolveu.

A origem da crônica no jornal é o folhetim, artigo de rodapé sobre questões do dia (políticas, sociais, artísticas, literárias). Com o tempo, diminuiu de tamanho, tornou-se mais leve e chegou ao que hoje se conhece por crônica. A mudança foi o tom informativo e de comentário para a função de divertir.

O marco inaugural é o folhetim no século XIX. Cândido (1992) esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se transformando,

encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero.

Literatura da brevidade, exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este é o todo objeto e assunto da crônica. Cresceu com a circulação dos jornais no começo do século XX e a popularidade dos jornalistas e da sua capacidade de inventar um jornalismo em forma de crônica.

Moraes (2009) foi taxativo ao apontar que na crônica está o coração do jornal, é herdeira dos *essays* ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que assumiu de ser livre, casual e lírica.

Coisa que Moraes (2009) acusa: ela estaria perdendo por uma prática de um tipo de crônica que ele, numa espécie de crítica, chama as crônicas vagas, temperamentais, ególatras, à clef, para alertar para a missão do cronista de contrabalancear o peso da realidade do jornal, por isso, é obrigação do cronista é “ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista” (MORAES, 2009, p. 53).

Em Natal, no Rio Grande do Norte, a crônica moderna nasce após a Segunda Guerra Mundial, período que transformara a cidade. A população aumentou, os hábitos mudaram, novos jornais surgiram na praça. A *Tribuna do Norte* foi fundada em 1950, com duas linotipos e uma impressora, distribuindo dois mil exemplares, uma edição de doze páginas e uma seleção de colaboradores.

Jornais eram sete em circulação: *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*, *O Poti*, *A Ordem*, *Jornal de Natal*, *Jornal de Comércio* e *A República* (MADRUGA, 1998).

A transformação também implicou a fundação da faculdade de jornalismo Eloy de Souza, em 1962, criada por lei estadual, que funcionava no edifício da e sob a administração da Fundação José Augusto.

O jornal impresso basicamente era a reportagem, a notícia e a entrevista, o artigo, a coluna e a crônica. Em 1951, o Jornal do Brasil fez uma reforma e adotou a conhecida técnica do lead, invenção do jornalismo norte-americano, cuja notícia é estruturada a partir da resposta a questões do tipo: o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu e porque aconteceu.

O curso de jornalismo também era novidade, começou na Universidade do Brasil, Rio de Janeiro (1935) e foi esperar até 1947, para aparecer outro, e foi em São Paulo na Cásper Libero.

Em Natal, a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza é de 1962. Eloy de Souza em homenagem ao político e jornalista do Rio Grande do Norte. Mantida pelo governo estadual, cujo órgão responsável pela sua gestão era a Fundação José Augusto.

O primeiro diretor foi o mineiro Luís Rabelo, que foi o responsável pela reforma do Jornal do Brasil e era diretor executivo da famosa Revista Senhor (1959- 1964).

E, assim, a crônica teve a sorte de registrar os fatos, a vida e a cidade e assim, os cronistas fundaram definitivamente a crônica moderna nos jornais e a praticaram-na fazendo dela uso preciso.

Contar a vida a partir da própria perspectiva, as coisas da cidade e as andanças pelo mundo. O cronista foi então o historiador do presente e o biógrafo da própria vida.

A crônica é um sistema em o cronista fala de si próprio, por isso é possível fazer uma leitura em múltiplos ângulos. As personagens da história são os próprios cronistas, amigos, pessoas da cidade.

A crônica conflui todos estes elementos o que faz dela expressão e representação. A presença da memória para a construção da autobiografia ficcional é a revelação ao mesmo tempo da história particular e coletiva, é o cunho da

universalidade que está presente na matéria narrada (CÂNDIDO, 1989).

A gênese do estudo sobre crônica é o seu *savoir faire*. Taxada de literatura da brevidade, é considerada por uns uma atividade jornalística; para outros, pura literatura (SOARES, 2014).

A crônica é um gênero em trânsito consagrado. Jornalistas e escritores brasileiros revezaram o título nas páginas dos jornais pelo ofício da crônica.

Elegendo por temas a observação da vida e a composição da vida na cidade, pelo retrato das pessoas, ruas, lugares, acontecimentos, compõe uma história diária do tempo presente da cidade, merecendo, então, ser revisitada como objeto de investigação.

A crônica é um manancial literário, histórico, geográfico, memorialístico e sentimental, social e cultural, interessa às ciências humanas em todas as suas vertentes. É importante destacar que poucos são os estudos que levam em conta a crônica como suporte ou objeto de investigação.

Desprezada como literatura menor, relegada ao efêmero da página do jornal do dia e ao bolor dos inacessíveis arquivos dos jornais, totalmente esquecida e desprezada é também suplantada como literatura (SOARES, 2014).

A memória involuntária também se manifesta na crônica, um dado acontecimento, objeto, lembrança, pode desengatilhar algum aspecto revelador do passado que será motivo para uma crônica.

A crônica não é só registro do presente. Bosi (1994) esclarece que lembrar não é reviver, mas sim reconstruir as experiências do passado. A crônica, portanto, é um trabalho de registro da memória e que no hoje permite uma releitura do passado.

Halbwachs (2006) explica que todo processo de construção da memória passa pelo sujeito. A memória,

portanto, é ressonância do passado no presente e a capacidade de reter informações do passado. Assim se tece a memória individual, cada olhar é único (BRANDÃO, 2008).

A construção do passado é formada por um background em que se inserem as relações familiares, ou seja, as vivências com a família, as relações pessoais com os amigos e outras pessoas e a própria formação intelectual do memorialista/cronista (BOSI, 1994).

O cronista que antes de tudo é um memorialista responde a este comando, fixa as memórias por escrito, seu papel é o de registrar o acontecimento cotidiano que elegeu por objeto de sua crônica.

Seu papel é também o do historiador, cuja meta é refazer no discurso presente acontecimentos do passado ou reconstituir os fatos (BOSI, 1994). E tudo se transfigura pela arte da narração, o narrador é aquele que narra a própria experiência.

A memória é fruto dos relacionamentos e uma construção do passado no presente. O estudo da memória social é meio fundamental de abordar as questões do tempo e da história, alertando que a evolução da memória e o aparecimento da escrita são trabalhos do desenvolvimento urbano.

Nas crônicas se observa a presença do cronista como narrador da sua própria história, seja apenas descrevendo uma cena do cotidiano, que não se passa sem que o enquadramento da cena, seja a própria visão do cronista contemplando a vida, ou quando narra um acontecimento presenciado, ou até dito por um amigo, um familiar; seja dos fatos ocorridos no passado, as lembranças da infância, as histórias de família ou do passado.

A crônica contribui com uma margem ampla de trabalho e investigação em que todos os aspectos relacionados

podem ser encontrados. Uma leitura prévia, e empreendida, da obra dos cronistas, sejam crônicas de Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Fernando Sabino, Raquel de Queiroz, e tantos outros escritores brasileiros que se revelaram também pela crônica no jornalismo, e dos cronistas dos jornais de Natal, Berilo Wanderley, Newton Navarro e Sanderson Negreiros, traçam este marco característico e elementar da crônica, que recuperamos nestes pequenos-ensaios- crônica-perfil de Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros. Ei-los, os cronistas:

O cronista das bolhas de sabão, vivente da cidade

Newton Navarro passava na Tribuna do Norte com a crônica datilografada à máquina ou escrevia na própria redação. Agitador cultural, pintor, artista que voltou à cidade em, 1948, vindo da efervescência cultural de Recife, onde fora a pretexto de estudar Direito e terminou nas aulas de desenho de Lula Cardoso Aires.

Lançou arte moderna em Natal de cachecol, fantasiado de pintor, como seus amigos relataram em obra dedicada às memórias sobre ele, Saudade de Newton Navarro (ALMEIDA; RUBIANO; SOBRAL, 2013). Becos, ruas, bares, o rio, os viventes, as figuras emblemáticas são as suas crônicas sem dia certo. A crônica na obra de Navarro é um exercício múltiplo de suas habilidades literárias. Autobiografia não escrita e uma história da cidade revelada.

Newton Navarro Bilro (Natal, 1928-1991) foi um vivente da cidade, das festas oficiais, dos palanques políticos, das mesas dos bares, dos salões literários e da festa das exposições, frequentou todos os espaços, andou por todos os bairros. Personalidade conhecida e reverenciada. Teatrólogo, cenógrafo, ator, orador, poeta, cronista, contista, novelista, muralista, desenhista, pintor.

Confesso baudelairiano, inventor de si mesmo, circulava pela cidade construindo o mito Navarro, ao mesmo tempo em que se dedicava com afinco e cuidado a preparar uma obra artística sólida, ao escrever e encenar peças de teatro, ao publicar crônicas e ao eleger temas caros à literatura brasileira.

A tudo isso Navarro impregnou com o seu toque existencialista numa atitude, a exemplo de Hemingway, de um escritor que parte de sua realidade para criar a sua ficção. Era preciso viver, conhecer e sentir para contar. As suas crônicas são parte e exemplo bem-acabado de um projeto literário que criou, compartilhando a cena da cidade e o exercício da crônica.

Sobem bolhas de sabão. O cronista admira a menina que, do alto da varanda, encanta a garotada com seu sopro mágico, e escreve: “Fluidas, passageiras, levadas pelo vento na hora da manhã. O entusiasmo do pequeno público que a tudo assistia deslumbrado. A vida passando nas bolhas que a menina espalhava no tempo” (NAVARRO, 2013, p. 128).

O cronista é Newton Navarro no desenho da vida, nas páginas da Tribuna do Norte e do Diário de Natal, jornais em exerceu a atividade de forma irregular, ao sabor do tempo. Não há precisão de quando se estampou a primeira ou de quando saiu a derradeira, mas é certo o fato de que Navarro publicou febrilmente nos anos 1960.

Há uma linha de agrupamento que as irmanam em certos temas, o que já sinaliza a matéria que Navarro dedicava para as suas crônicas: o círculo familiar e de amizade, as coisas da cidade e a poética do cotidiano. Navarro escreveu sua autobiografia em seus textos e ao mesmo tempo biografou a cidade que tanto venerou e viveu.

Os espaços da cidade definidos e demarcados com pinceladas vivas da presença de corpos da cidade na paisagem fulgurante em que se encenam o amanhecer, o

entardecer e o passar das horas e dos dias na paisagem. O rio, o Forte dos Reis Magos, a ponta do Refoles, a barra, o porto, os casarões, os botecos, a Ribeira.

A noite é uma das grandes personagens, a poesia do narrador e a boêmia instalada. As lembranças são também fio condutor e personagens. É através delas que Navarro passeia no tempo das histórias e causos da vida no dia a dia, e assim justifica a missão de cronista, e da coletividade, sendo ele a voz das tantas vozes, o narrador da irmandade.

Contam os amigos que Navarro sentava diante da máquina de escrever e rapidamente redigia a sua crônica (ALMEIDA; RUBIANO; SOBRAL, 2013). Dizem que era gestada no caminho de casa para redação.

Descia lá Navarro, que morava em Petrópolis àquele tempo, rua Potengi, em direção à redação da *Tribuna do Norte*, na Ribeira, e no caminho tirava a matéria da crônica do dia. Assim, por certo, nasciam as crônicas impregnadas, e tanta coisa do cotidiano, como o falar dos passarinhos, amor que dividia com Rubem Braga, o escritor que se fez na crônica e fez dela literatura e literatura moderna.

O cambiante de temas da razão dos dias e do sabor das horas. Navarro sentava e escrevia desafiando o tema do dia, embora esse método de trabalho e essa característica da crônica de ser de tudo possa apontar um quadro caótico em que não se identifiquem certos temas, predileções etc. O brilho de sua literatura na riqueza das descrições e perfis dos personagens, na facilidade com que agarra qualquer tema pueril e encontra nele a beleza e o sentido da vida.

As construções são sempre imagens poéticas que arrebatam o leitor e levam o corriqueiro da vida à categoria do que realmente é o importante. O criador, o memorialista, não pode partir de outro ponto que não dá sua experiência de vida. Mais que observador, Navarro foi um cronista

vivente, por isso, talvez, para a realização de sua arte tenha vivido de forma tão plena e intensa.

Um cronista sentimental na crônica “Milhã” e dramático na crônica “Elpídio Soares Bilro”, que lembra o retrato do pai esboçado por Vinicius de Moraes, quando também sofria a perda paterna. De maneira que na crônica está a biografia de Navarro, sobretudo a sentimental. Os temas se espelham quando escreve a crônica “A alma do grande sertão” (NAVARRO, 2013). Nessa crônica, se observa a forte característica prática do gênero de fixar os dias nas coisas diárias.

Há a solta presença não identificada das pessoas do seu círculo de convivência e amizade que brotam ao natural em suas reminiscências, cuja identidade se perde no tempo e no anonimato do afeto: quem foi Helena da casa grande do Tirol (personagem de uma crônica) que fazia doces?

Poeta dos passarinhos, existencialista nas conversas com Sanderson Negreiros, relator dos personagens da cidade, Xarias e Canguleiros, a conversar com os leitores, a homenagem aos amigos, o leitor dos seus pares, defensor do Ateneu, admirador dos artistas amigos, o desenhista dos dias lentos, dos belos dias, das bolhas de sabão, domingo e paisagem, Newton Navarro consagrou a crônica por completo porque exerceu por ela toda a diversidade que lhe é permitida.

B.W., o cronista da cidade

Francisco Pinheiro Berilo Wanderley (Natal, 1934-1979), o B.W., foi jornalista, promotor, professor e diretor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pertencente a geração brasileira cuja crônica saía reflexo do cotidiano, da vida na cidade.

Lá ia o cronista na lotação lendo o seu livro e colhendo episódios fatídicos do dia-a-dia, da música popular

brasileira que se ouvia, do cinema, da literatura, reflexo do movimento cultural de então, que transformava no objeto do seu jornalismo. Tudo isto está nas suas crônicas que hoje perduram nas coletâneas e antologias e no arquivo dos jornais (WANDERLEY, 1980, 1994).

Muito mais que cronista, B.W. foi jornalista cultural, está na sua coluna quase que diária, a Revista da Cidade, publicada no jornal *Tribuna do Norte*, todas estas facetas, objetos do seu interesse, a vida da cidade (matéria da crônica), o cinema (matéria de suas resenhas), a música e a literatura, e ainda mais notas da conversa da cidade. Revista da Cidade não era um mundo à parte, era Natal do seu tempo.

Tudo começou na Revista da Cidade, coluna do jornal *Tribuna do Norte*, em 1956. Berilo ia para substituir, numa coluna que mantinha com o título de Revista da Cidade, o jovem estudante de Direito e cronista social Woden Madruga de viagem marcada para Maceió.

Na coluna desfilavam casamentos, batizados, noivados, aniversários, chegadas e partidas, a conversa diária, os famosos fait divers, percussores do que seria a crônica moderna no Rio Grande do Norte.

Berilo seguiu à risca o conteúdo proposto para a coluna, mas foi modificando aos poucos, foram saindo os batizados, os casamentos, as notinhas e foram chegando os comentários sobre livros e cinema e definitivamente a crônica, que se tornou o carro chefe de sua atividade.

Na *Tribuna do Norte*, foi inteiramente senhor do seu pedaço, a Revista da Cidade e a Revista da Europa, depois a coluna A vida e os homens e a Jornal de B.W.; posteriormente, em *A República*, escreveu a coluna Encontro, e quando retornou à *Tribuna do Norte*, onde até o dia da morte escreveu a sua crônica, voltou para o espaço da Revista da Cidade.

A coluna era um pouco de tudo. Encabeçava oficialmente uma crônica, a que se seguia uma seção de notícias da cidade, quem estava, o que fazia, o que aconteceu, no monde dos artistas, intelectuais e boêmios.

Estão nas suas crônicas as cervejas com o poeta, jornalista e amigo Celso da Silveira e Luís Carlos Wanderley, o que há de melhor e o que precisa a cidade de Natal, pelo também poeta, amigo e jornalista, Sanderson Negreiros, e tantos outros, noticiados pela convivência amiga e diária pelos cantos da cidade, as casas de amigos, os bares e botecos, os lançamentos de livro, a cidade movimentada dos anos 1960, em pleno governo de Djalma Maranhão. Depois vinha resenha e comentário de livros e as novidades da livraria e o cinema.

Cronista naquele tempo era profissional de carteira assinada por Agnelo Alves, o diretor da *Tribuna do Norte*, e salário. Consta que a primeira atividade do dia do cronista era escrever a crônica. Berilo acordava bem cedo, cinco horas da manhã e já se punha a procurar o assunto para a sua crônica e a reunir os elementos necessários para compor cada uma das seções de Revista da Cidade (SOBRAL, 2016).

As crônicas dos anos 1950 registram a solidão do cronista e a companhia dos livros, era o tempo da faculdade, da cerveja, do vinho, das moças bonitas. Quando o sol quebrava por trás do rio de águas sujas que o poeta Ferreira Itajubá via um lençol azul de águas diáfanas, Berilo por ali vagava. Tomava o caminho da saudade, atravessa a Rua da Floresta e saía em busca do sabor das saunas fritas no dendê acompanhadas de tapioca, obra de dona Eliza.

Angústias e cansaços se dissolviam na cerveja que acompanhava, que gelada explodia numa festa de espuma dentro do copo. Quando não se entregava a uma parada numa casa de gelados para espantar o calor do verão com

uma laranjada. Duas pedrinhas de gelo flutuando a borda do copo diminuindo o calor dentro de nós.

Tempo de ler deitado na rede, de ouvir música e receber cartas, de não gostar de conferências e dormir cedo, tempo de sábado com pasteis, futebol e boatos. Tempo de firmar as amizades. Berilo e o jornalista Woden Madruga se conheceram no começo dos anos 1950. Natal era uma cidade de pouco mais de 150 mil habitantes.

Discutia política, literatura, coisas da vida e a autolotação a três cruzeiros levava e trazia o cronista da casa na Presidente Bandeira ao jornal e a faculdade na Ribeira, sempre com o pensamento mergulhado na leitura de um livro e um olhar atento para a cena do cotidiano. Quando ia lotado o ônibus da Ribeira-Candelária o cronista sabia haver matéria para a escrita do seu ofício.

A crônica, o lirismo: Sanderson Negreiros

A precocidade acompanhou José Sanderson Deodato Fernandes Negreiros (1939-2017). Saiu menino do Colégio Santa Águeda, em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, aos nove anos de idade, para o Colégio Salesiano, em Natal. Teve vida breve no Seminário São Pedro, renunciando ao futuro sacerdócio e incorporando-se à vida da cidade.

Passou pelo Colégio Marista, cursou o Atheneu Nortério-grandense, foi para faculdade de Direito no Recife, voltou para a faculdade de Direito de Natal, por fim, bacharel em 1963. Foi a sua formação. Outra escola foi o jornalismo.

Começou a escrever aos 16 anos, cronista da *Tribuna do Norte*. Com sensibilidade de poeta, no mesmo ano lançou o primeiro livro de poesia, *Ritmo da Busca* (1956), bem recebido pela crítica e pelo público. Continuou poeta publicando livros, engajado com a turma do poema processo em Natal na década de 1960. Foi o autor do

manifesto. Redator de *Manchete e Visão* no Rio de Janeiro numa curta temporada, adjunto de promotor em Ceará-Mirim e Santa Cruz, dentre outras funções anotadas no seu currículo (SOBRAL; BULHÕES, no prelo).

Cronista desde o princípio, escreveu para a *Tribuna do Norte* e o *Diário de Natal*. A crônica sempre foi a sua revelação do mundo e um diário íntimo. Existencial, fez cálculos sensatos e decentes, lia no mínimo dois mil livros ao ano, o amor cultivaria para sempre bem amar, o pessimismo era para abandonar para longe no cotidiano de cortar o cabelo, tomar o ônibus e engraxar os sapatos (NEGREIROS, 1998).

O cronista Sanderson é um terráqueo, tem os pés no chão e nas coisas a fazer. Sonha ler mais poesia e pretende estudar Camões, nunca perder tempo e sempre ganhar espaço. Cumprirá suas atividades e será feliz. O cronista é um homem de fé e falso resignado na sutil ironia que lhe convém.

O cronista é maroto e espreita mistérios. Entre prós e contras, desfilam suas crenças e ideologias. Só o comove o destino das pessoas humildes, mais do que tudo, são anônimos do heroísmo diário.

Não o conforma a baba dos invejosos, a traição dos covardes e a falta de cerimônia dos fracassados. Contrário ao derrotismo, à ingerência, o despotismo e à falência que povoa o mundo, impõe um remédio: a poesia e o amor que cabe na finitude do homem e do universo.

Sabe das questões mais urgentes: a do amor e as mulheres. Oscila entre as inquietações maiores da existência e as coisas do dia a dia, sobretudo, as do coração. Da cidade, anota os problemas do cotidiano, falta de luz, telefone mudo, ruas esburacadas, trânsito, enxerga os seus habitantes: poetas especialistas em jazz, boêmio em levitação, loucos e chatos.

E muito mais. Uma cidade em trânsito e o Grande Ponto fervilhando. A Natal, cidade que há 100 anos era uma festa. Também se pinta de cores Ceará-Mirim da infância revisitado, saudade que dói como a Itabira, de Drummond. Assim o cronista revela a crônica, o seu diário íntimo na paisagem urbana.

Considerações finais

Constatamos através da leitura das crônicas de Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros, publicadas nos jornais da cidade do Natal, entre 1950 e 1980, que o cronista, além de fixar a sua imagem particular de temas do cotidiano, aponta traços de sua trajetória nos seus escritos que aqui incorporamos na composição destes perfis ao estilo da crônica.

A crônica revela não só o pensamento, mas a ação do cronista em movimento na vida e na cidade e revela uma construção de mundo que não é só individual, mas também coletiva, e assim representa a história do seu tempo.

Inegável a contribuição destes cronistas para a fixação do gênero nos jornais da cidade e para a construção de um jornalismo impresso plural, em que a crônica funciona como gênero tão importante e necessário quanto a reportagem, a notícia, a entrevista e o artigo.

Impossível construir a biografia destes cronistas sem recuperar os traços biográficos espelhados em suas crônicas; impossível contar a história do jornalismo no Rio Grande do Norte, e na cidade do Natal, sem contar a atuação e a contribuição destes três jornalistas que de forma perene e contínua desempenharam o papel de cronistas por décadas.

Assim, a crônica ainda merece um olhar dedicado e acurado que amplie a sua capacidade de revelação para além do seu lirismo, haja vista que ela é capaz de revelar

aspectos autobiográficos do cronista, transformando-se, dessa forma, no que entendemos por jornalismo autobiográfico.

Considerá-la um registro da memória coletiva é estender a sua capacidade, tornando-a documento necessário e fidedigno e objeto de estudo em outros campos, quais sejam da biografia e da história do jornalismo.

Narrativas autobiográficas na crônica de Berilo Wanderley

O arquivo do jornal natalense *Tribuna do Norte* revela-se um manancial ainda não explorado capaz de contar a história do jornalismo no Rio Grande do Norte.

Fundado pelo jornalista e político Aluísio Alves, passou a circular em 24 de março de 1950 e permanece até os dias atuais em atividade. Um jornal que pouco a pouco foi ganhando, além da equipe da redação, um time de colunistas - dentre eles os primeiros cronistas da cidade.

Folheando as edições das décadas de 1950 e 1960 encontramos uma lista de cronistas assíduos em suas páginas, dentre eles Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Joel Silveira e Carlos Heitor Cony, e os cronistas da cidade: Rômulo Wanderley, Newton Navarro, Sanderson Negreiros e Berilo Wanderley.

Berilo Wanderley começou na *Tribuna do Norte* em 1956, assumindo a coluna diária Revista da Cidade, e desde então foi cronista até o último dia de sua vida, quando falece em 1975.

As crônicas de Berilo eram publicadas na Revista da Cidade entremeadas por notas diversas sobre literatura, cinema, eventos culturais e festivos. A crônica, no entanto, era o carro-chefe e Berilo não pensou em interromper a atividade quando agraciado com uma bolsa de estudos para a Espanha, onde passaria um ano, compreendendo o segundo semestre de 1960 e o primeiro de 1961.

Berilo passa a enviar semanalmente de Madrid, na Espanha, uma crônica para o jornal *Tribuna do Norte* que passou a ser publicada em uma coluna chamada Revista da Europa. O levantamento deste material revela 29 crônicas, sendo a primeira publicação de 13 de novembro de 1960 e a última de 29 de junho de 1961, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1: Crônicas publicadas na Revista da Europa

Título da crônica	Data de publicação
Apresentação de Madri	Domingo, 13/11/1960
O noivado real	Domingo, 20/11/1960
Madri Noturna	Domingo, 27/11/1960
De touros e toureiros	Domingo, 04/12/1960
As joias de Dali	Domingo, 18/12/1960
Um homem, uma história	Domingo, 25/12/1960
A cidade branca	Sábado, 31/12/1960
Antes de ver Paris	Domingo, 08/01/1961
Paris, primeiras noites	Domingo, 15/01/1961
Jazz e mocidade	Domingo, 22/01/1961
Les bouquinistes	Domingo, 29/01/1961
O velho Basilio	Domingo, 05/02/1961
A volta	Quinta-feira, 16/02/1961
Carta a Newton	Domingo, 19/02/1961
Passa a “tuna”	Domingo, 26/02/1961
A propósito de rinocerontes	Domingo, 05/03/1961
Um brasileiro na classe	Domingo, 12/03/1961
Toledo	Domingo, 19/03/1961
Lendas	Domingo, 26/03/1961
Era del ano la estacion florida	Domingo, 02/04/1961
Andaluzia: primeiro pouso	Domingo, 16/04/1961
Andaluzia: segundo pouso	Domingo, 23/04/1961
Andaluzia: terceiro pouso	Domingo, 30/04/1961
Andaluzia: quarto pouso	Domingo, 07/05/1961
Em cierto lugar de la Mancha	Domingo, 14/05/1961
Pessoas	Domingo, 21/05/1961
Um francês	Domingo, 04/06/1961
A cidade na chuva	Domingo, 11/06/1961
Portugueses no trem	Sexta-feira, 29/06/1961

Fonte: Elaborada pelos autores.

Apresentado este contexto, nos propomos nesta pesquisa a analisar os temas apresentados por Berilo Wanderley nas 29 crônicas publicadas.

Acreditamos que que a obra representa um documento fruto da memória individual do cronista que é capaz de traçar um registro da memória coletiva do seu tempo, bem

como representa narrativas autobiográficas do jornalista em questão.

A partir da crônica, registro de lembranças, se pode delinear aspectos culturais e históricos, fatos sociais, econômicos e políticos. Além disso, esta pesquisa compõe outras que reforçam o resgate da história do jornalismo no Rio Grande do Norte (SOBRAL; BULHÕES, 2016).

A pesquisa qualitativa se torna perfeitamente adequada pois se detém as interpretações da realidade social. Uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais exige muitos métodos e dados: um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica” (BAUER, GASKELL, 2002, p. 18) que predispõe observação, interpretação e análise sistemática.

A pesquisa social apoia em dados sociais construídos nos processos de comunicação que constroem as maneiras pelas quais a realidade é representada.

A crônica e as narrativas autobiográficas

A crônica pode ser incluída como modus da “escrita de si” (BRANDÃO, 2008), tendo em vista que ela é puro exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este que é o todo objeto e assunto da crônica.

Moisés (2004) classifica-a como expressão literária híbrida e múltipla porque nela cabe alegoria, necrológio, entrevista, confissão, monólogo, diálogo. A situa entre a poesia e o conto, e explica: parte de uma visão subjetiva sobre o fato cotidiano. Seu poder está em não ser mera transcrição da realidade, mas na sua capacidade de recriá-la.

O cronista é o historiador do presente e o biógrafo da própria vida. A história da vida diária está na crônica. A crônica nasce no jornal e passa a ocupar o espaço da

narrativa do cotidiano pela visão pessoal, narrativa e lírica do cronista que tratou de traça-la com os recursos literários disponíveis, portanto, a crônica tanto na forma quanto no tema restou ser um híbrido entre o jornalismo e a literatura no calor da hora da publicação e sobrou para o futuro como um registro autobiográfico, memorialístico e histórico de um tempo.

A presença da memória para a construção da autobiografia ficcional é a revelação ao mesmo tempo da história particular e coletiva, é o cunho da universalidade que está presente na matéria narrada (CÂNDIDO, 1989).

Para Sacramento e Lerner (2015), a autobiografia é um relato de si, ideia próxima à que Brandão (2008) tem da crônica; há uma concomitância entre autor, narrador e personagem principal, logo há a "confiança na narrativa porque ela é narrada por quem a viveu e a assinou" (SACRAMENTO; LERNER, 2015, p. 58).

Assim, os autores defendem que as narrativas biográficas (estando incluídas as autobiográficas) surgem à medida em que observamos a preponderância do indivíduo como valor.

A crônica é um sistema em o cronista fala de si próprio, por isso, permite a possibilidade de leitura em múltiplos ângulos. As personagens da história são os próprios cronistas, amigos, pessoas da cidade. A crônica conflui todos estes elementos, o que faz dela expressão e representação.

À crônica cabe a assertiva: "a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade (CÂNDIDO, 1989, p. 56). Por isso, é imprescindível conhecer a trajetória dos cronistas que é parte integrante da sua própria obra.

Nas crônicas se observa a presença do cronista como narrador da sua própria história, seja apenas descrevendo uma cena do cotidiano, que não se passa sem que o enquadramento da cena seja a própria visão do cronista contemplando a vida, ou quando narra um acontecimento conhecido presenciado, ou até dito por um amigo, um familiar; seja dos fatos ocorridos no passado, as lembranças da infância, as histórias de família ou do passado.

A crônica contribui com uma margem ampla de trabalho e investigação em que todos os aspectos relacionados podem ser encontrados.

A gênese do estudo sobre crônica é o seu *savoir faire*. Taxada de literatura da brevidade, é considerada para uns atividade jornalística; para outros, pura literatura (SOARES, 2014). A crônica é um gênero em trânsito consagrado. Jornalistas e escritores brasileiros revezaram o título nas páginas dos jornais pelo ofício da crônica.

A crônica é um manancial literário, histórico, geográfico, memorialístico e sentimental, social e cultural, interessa às ciências humanas em todas as suas vertentes. Assim sendo, é preciso compreender a crônica não como um mero texto de jornal, ou apenas uma peça literária, mas também como um registro do passado e uma fonte perene para investigação do passado berço da história e da memória coletiva.

Berilo e a Revista da Europa

Quando desceu na Europa, Berilo já era um cronista experimentado. Havia começado em 1956, com a coluna Revista da Cidade, no mesmo jornal, substituindo o titular Woden Madruga que viajara para Maceió

E conquistou o espaço desenvolvendo um jornal próprio, espécie de revista de variedades: comentário de livros, filmes, notas rápidas sobre os últimos

acontecimentos, enquetes, publicações de poemas e cartas do leitor. E a crônica, carro-chefe da coluna.

A crônica era o que se fazia no momento. Era a literatura do registro diário no jornal. E assumia o papel de revelação do cotidiano, impressões do cronista, comentário de algum fato do presente, confissões, autobiografia, conversa fiada, tudo que ainda hoje é possível no balaio da crônica.

Berilo não fugiu da cartilha, mas apresentou estilo e temas próprios, escolheu falar da vida da cidade de Natal que era a sua vida, das suas impressões de leitura, do cinema que era a sua paixão e da literatura e, com Revista da Europa, voltaria à cena noticiando um mundo estrangeiro.

Tudo documentado e enviado pelo Atlântico para as páginas do jornal impresso *Tribuna do Norte*, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, para a alegria do seu fiel público leitor que o conhecia da sua afamada coluna diária, a Revista da Cidade.

O cronista havia se despedido da Revista da Cidade por um breve período, alegando que aprendeu sobre a Espanha na mesa com o espanhol Nemésio Marquenho, que contou saudades de sua terra e mandava ao irmão, em Granada, uma caixa de charutos pelas mãos do cronista.

Berilo partiu. Retornaria com notícias do além-mar, inaugurando a Revista da Europa com crônicas da viagem. Seguiu para Espanha no final de setembro de 1960, rumo ao Colégio Mayor Universitário Hispanoamericano Nuestra Señora de Guadalupe para uma pós-graduação em Direito, oportunidade ofertada pelo consulado da Espanha.

Seria sua primeira e única estadia no continente europeu, de lá o cronista retornaria um cidadão do mundo e faria de Revista da Europa o retrato de um tempo vivido e da Espanha do começo dos anos 1960.

Revista da Europa deve ser considerada a continuidade de um processo que começa na Revista da Cidade. Berilo

traça o mesmo projeto de ver a vida da cidade, as pessoas, registrar os momentos e as suas impressões de tudo. Só que agora abria-se um museu de novidades, o cronista estava na Europa e havia de contar o que via, ouvia e vivia.

É a experiência no Velho Mundo, como um diário aberto, uma reportagem do dia, uma narrativa histórica, um perfil bem acabado o que se encontra na Revista da Europa que, reunida, forma um conjunto harmônico, um álbum de retratos que, revisitado, revela um frescor atual, como se o tempo não tivesse passado e pudéssemos voltar à Espanha, à Europa, naquele começo dos anos 1960 e sonhar entre um fino e outro e viajar agora não só mais no espaço, mas também pelo tempo decorrido.

O que se verifica na crônica passado o tempo da sua publicação é a sua perenidade. É possível, nestas crônicas, recuperar a Europa de 1960 e 1961, por isso, um documento de interesse que transpõe as fronteiras do Rio Grande do Norte. Nelas estão acontecimentos e personagens fixados num dado momento que é o tempo presente da crônica. A narrativa contempla os fatos e não há imposição de se fazer um registro histórico. A descrição é do presente e é sobre o intangível da vida que se preocupa o cronista.

A crônica é um olhar para o cotidiano e também, porque não, relato de viagem como serviu aos viajantes e aventureiros do passado para contar o que descobriram e encontravam nos lugares visitados geralmente desconhecidos do público leitor.

Com Revista da Europa, Berilo retoma este caráter utilitário e de registro histórico característico da crônica de viagem. Há um *ensablaje*, rica, flutuante e incomum, porque há também um que de notícia e reportagem.

Revista da Europa estava reservada para os domingos na *Tribuna do Norte*, considerado o dia nobre, de maior circulação dos jornais. As crônicas, portanto, eram

semanais, talvez e também, por uma mera razão dos sistemas de comunicação e transporte disponíveis na época, vinha tudo pelo serviço postal.

Berilo era um jovem de vinte e seis anos, recém-formado em Direito, na primeira turma da Faculdade de Direito de Natal, na Ribeira, praça Augusto Severo; solteiro, boêmio, jornalista por ofício e total vocação para cronista, personagem de destaque na cidade, frequentando círculos intelectuais em torno dos temas do seu interesse e instituindo-se como um guia das gerações mais jovens, amigos dos nomes que faziam o jornalismo e a literatura do Rio Grande do Norte entre tantos outros, o jornalista e poeta Celso da Silveira os poetas Miriam Coeli, Luís Carlos Guimarães, Zila Mamede, Newton Navarro, o jornalista Woden Madruga, o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo e o escritor Moacyr Cirne (SOBRAL, 2016).

Embora tenha cursado Direito, sua vida profissional começou no jornal. Berilo se considerava essencialmente jornalista e viajou assim caracterizado no seu passaporte.

Revista da Cidade, que praticou de 1956 até viajar no ano de 1960 para Espanha, era um verdadeiro Caderno B, que é aquele onde se publicam as notícias, reportagens, resenhas, críticas, comentários, notas que tratam dos temas culturais, quais sejam, literatura, cinema, teatro, música, as artes em geral, um caderno de cultura completo de tudo que havia de necessário à época: a crônica, o cinema, a música, a literatura, entretenimento e a vida da cidade em notas.

A crônica era parte deste seu jornal publicado diariamente nas páginas da *Tribuna do Norte*. Berilo seguia uma escola que havia sido lançada por Rubem Braga, e que angariava cronistas do naipe de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos entre outros.

Berilo pertence a geração dos cronistas modernos que nasceu no século XX, aquela em que cada cronista traça o

seu próprio caminho para explorar o gênero e assim defini-lo. Jornalismo e literatura, a crônica também é um registro do tempo presente, portanto, documento.

Gênero textual, apresenta características próprias dentro de uma variedade de temas e práticas como se percebe na sua construção histórica que se pode ter como marco inaugural, no Brasil, a forma e o tratamento que lhe concedeu o cronista carioca João do Rio e o seu ancestral o folhetim, prática dos jornais do século XIX. E Revista da Europa é um exemplo disso: a crônica é um registro histórico de uma época. Um documento que deve ser também explorado como tal. E, por isso, perdura. Longe de ser efêmera, sua perenidade e importância é a sua razão de ser: o registro do cotidiano.

Ao mesmo tempo em que Berilo, em suas crônicas, mantém o traço com que ela se configurou nos jornais, uma curta narrativa ou descrição de um fato cotidiano, o cronista mantém, ou resgata, o espaço da crônica como o espaço do folhetim era utilizado: para registro de comentários, acontecimentos, publicação de pequenos ensaios, poemas, contos.

Berilo incorporou um pouco de tudo isso a Revista da Cidade. A coluna, como dito, compunha-se da crônica em si e de outras seções que contemplavam os temas culturais: cinema, literatura, música. Revista da Europa não fugiria a este modelo. O modelo lançado por Berilo se instituiu no jornalismo impresso do Rio Grande do Norte e gerou não só admiradores, mas também seguidores.

Os cronistas da cidade ainda em atuação Woden Madrugá e Vicente Serejo são adeptos da escola de Berilo em que se denota o emprego ironia, a perspicácia, a formação humanística e cosmopolita do cronista, sem os quais seria impossível alcançar o jornalismo de excelência que exercem.

A lição de Berilo é de quem incorporou da crônica moderna (a que começa a ser praticada por João do Rio e se define com Rubem Braga) o tom literário de quem também fazia reportagem no que escrevia, com o uso dos recursos literários em seus textos.

Então há a composição de cenas, perfis, diálogos. E também reportagem. A reportagem é um gênero jornalístico para o registro de fatos em profundidade. Enquanto a notícia é breve e totalmente informativa: o que aconteceu, onde, quando e porque, ensina a técnica do lead; a reportagem vai além e procura explicar, descrever, contextualizar.

Berilo foi jornalista que de fato nunca fez reportagem no sentido estrito, mas que, procurou um novo caminho expressivo para o registro da sua viagem. E conferiu às suas crônicas de viagem o tom da reportagem. Assim, recupera os fatos históricos em contexto, trata dos costumes e hábitos em terras de Espanha e segue a proposta de ser cronista da cidade, papel que está intimamente ligado à sua vida e as suas vivências onde quer que esteja o cronista.

Há uma faceta demarcada das crônicas-reportagem de Berilo, a construção de perfis. São retratos de figuras que observa ou com quem convive na Europa, há o professor Carmona apaixonado, o português Alberto Torres, o jovem poeta em Paris, Janiel dos cabelos longos, o velho Basílio, o casal francês, o Peruano, Josefina, Jean Pierre, e até o presidente brasileiro Jânio Quadros em passagem pela Europa, há as cidades como personagens, Madri, Paris, Córdoba, Sevilha, Toledo, Málaga Granada, Lisboa.

É possível seguir os passos de Berilo ainda hoje pelas ruas e pelas praças, pelas salas de cinema e teatro, está tudo lá a espera de quem quiser viver a Europa. Há nas crônicas um roteiro de viagem incomum. Aborrece o cronista os pontos turísticos, que não deixa de visitar, e resta a lição de

que para conhecer uma cidade é preciso viver as suas ruas, os seus espaços, confundindo-se com os cidadãos.

Observador da vida, das pessoas que passam, do que acontece, o cronista vive a perseguir a vida na cidade em busca de personagens e situações. Imprescindível é viver. Mesmo que esteja com um livro aberto e absorto na leitura – o cronista sempre está com um livro aberto – ele não deixa de perceber e registrar o que está ao seu redor.

E sabe que, como um diretor de cinema, que é ele quem determina o enfoque, o enquadramento, os elementos da cena e tudo parte do seu ponto de vista.

Não é mera descrição do que está diante de si, mas são as suas impressões da vida, o que lhe interessa e que se escreve com a sua visão de mundo, carga de humor e sarcasmo, ironia. São as suas experiências individuais. Além de observador e narrador, o cronista é personagem, está íntegro ao que conta, presente no momento dos fatos, é autor das impressões que registra, e registra porque vive.

Ao contar o que vê, revela como vê. O repórter está em cena. O cronista está na Europa, mas a sua terra natal não sai de perspectiva, é ponto de referência é o contraponto para as suas observações é o espaço de resgate das suas memórias, vivências, família e círculo de amizades. Sopra o vento numa tarde em Madri assobiando nos telhados.

O cenário do momento é a Fazenda Nova Cruz dos avós maternos, no Rio Grande do Norte, onde cresceu a infância. Decididamente, Berilo tem a sua geografia sentimental como parte e referência permanente em suas crônicas.

É a fazenda, é Natal, é onde vive, é de onde parte o seu olhar para o mundo, seu ponto de referência. O Potengi, a cerveja com peixe frito, a família, os amigos seja cá, seja lá, seus temas estão definidos.

Natal é o seu mundo e é sobre o seu mundo que o cronista escreve. Berilo teve a preocupação de fixar Natal na sua

história. A sua proposta de cronista da cidade não arrefece. Distante, é para o jornal de Natal que remete as sua Revista da Europa e é Natal que será lembrada em certos momentos.

A Europa para Berilo começa e termina na Espanha. Uma determinada Espanha que se fixa em Madri, onde o cronista está sediado e parte para incursões nas redondezas.

O cronista vai explorar em viagens a região da Andaluzia e algumas de suas cidades. O sul da Espanha é um espaço pleno de ambientação, estamos no mar mediterrâneo de clima quente e úmido como a sua Natal. O cronista deixa Natal no último domingo de setembro, chega a Madri em outubro.

É lá em Madri ou Madrid (as duas formas estão corretas, e o cronista ora usa uma, ora usa outra) que fixa residência pelo período de estudos. É de onde parte para conhecer outras cidades da Espanha, ir também a Paris para o Ano Novo e Lisboa. Madri é o centro da Revista da Europa.

Nas suas crônicas estão o vinho, a comida típica, os ciganos, as touradas, a paisagem e o clima, as pessoas nas ruas. As cidades são aquelas em que se anda a pé e se come e bebe pelos bares, em que se anda em grupo, os estudantes do colégio universitário, oriundo do Brasil, da América Latina. As mulheres, ele as vê por todo canto, e se encanta com a beleza que anuncia.

Os primeiros iberos chegaram a Espanha há mais ou menos três mil anos e deixaram a imagem do touro tomando conta dos caminhos de gado que lá havia. A praça dos touros assim se institui como ponto nevrálgico e central das cidades da Espanha e o toureiro passa a representar a bravura e a sensualidade com seu traje emblemático, disposto para matar ou morrer.

A tourada é um ritual que Berilo assiste com desprezo por considerar um excesso de brutalidade. “Fui a uma dessas touradas, escreverá, num certo domingo de outubro,

e a conclusão que tirei e que tourada é espetáculo que só espanhol entende e aplaude e que estrangeiro vê por uma curiosidade infantil que todo turista carrega consigo”.

Para mais adiante confessar: “foi de uma monotonia exemplar, se é que um espetáculo selvagem pode comportar monotonia”. Mesmo assim, não deixará de frequentá-las, o cronista entende que não se pode escrever sobre aquilo que não se vive, e não se pode absorver e entender os costumes e paixões de um povo, se vivenciar seus hábitos.

Para Berilo “tudo se resumiu em uma porção de toureiros sem nenhuma maestria nem arte de que sempre se ouviu falar como dons naturais do bom toureiro, matando sangrenta e primitivamente, meia dúzia de touros”.

A tourada na Espanha é um espetáculo. O toureiro se mede pelos chifres do touro e começa o balé com a capa, olé, olé, e controla, acua, põe no centro da arena o touro bravo e sanguinolento provocado pelo tecido vermelho que lhe atíça. O toureiro movimenta os pés e o corpo em passos orquestrados, baila, dança com o touro. A plateia fica em suspensão à espera do desfecho.

Há touradas por toda Espanha e a que Berilo mesmo contrariado participara um tanto de vezes para reforçar o seu enfado por aquela manifestação despropositava de violência ao animal, mas um traço profundo e milenar da cultura de Espanha que o cronista não poderá deixar de fixar. A crônica de Berilo não foge ao testemunho, o cronista aponta o espetáculo da tourada, explora o ritual, e não deixa de registrar o seu recado pessoal.

A crônica então é uma viagem cultural pelos lugares e costumes. O embate entre Hemingway, o grande escritor norte-americano, badalado por seus livros de ficção com o tom de reportagem, um vivente da Europa da guerra e do pós-guerra, admirador das touradas, e o toureiro madrilenho Dominguin, era a polêmica do momento. Hemingway

acusava de performático o grande toureiro, ao que o Dominguin retrucava. Considerado o maior toureiro da Espanha naquele tempo, admirado e venerado, com flertes e namoros com as atrizes badaladas Greta Garbo, Ava Garden e Sophia Loren e tantas outras, dizia: o americano nada entende de touradas, e assim seguia a discussão pela revista *Gaceta Ilustrada* (1956), uma revista no estilo da *Time*, *Match* e da *Veja* brasileira, celeiro das grandes novidades, semanal, frequentada por grandes.

Berilo estava sempre atualizado, lia revistas e jornais da Espanha, também acompanhava a imprensa francesa, e registrava nas notas finais a cada Revista da Europa, um apanhado de novidades.

Havia outras formas de diversão, sobretudo, quando se encerravam as temporadas. Cinema, teatro, os *night clubs* e as caves, espécie de bares, onde se bebe vinho se ouve boa música e todos cantam em clima de confraternização, ali choram os violões, eram os pontos de frequência e encontro de uma cidade festiva em que circulavam a gente do povo, os artistas e os poetas e os espetáculos de dança flamenca que por lei deviam funcionar até às 2h30, enquanto os bares poderiam descer à noite até às 3h30 da manhã.

A dança flamenca é típica da Espanha e tradicional da região da Andaluzia. As mulheres dançam, sapateiam, batem as castanholas, o público bate palma e o violeiro acompanha tudo na sua guitarra (como chamam o violão na Espanha) e ao som do batuque na caixa de percussão.

É um espetáculo de balé, em que a dançarina com seu vestido rodado trabalha o movimento das mãos, do corpo, e joga as mãos para o alto, e vive e interpreta a música como um sentimento, enquanto o violão chora e o sapateado marca o passo. A bailarina, dança, dança, e dança, até que a música termina e os aplausos substituem as palmas.

O cronista recomenda o show do Corral de la Moreria, casa fundada em 1956, ainda em atividade, e deve-se ressaltar é a casa de flamenco mais famosa da Espanha. O espetáculo que Berilo assistiu numa Madri de novembro de 1960, compunha-se de cinco bailarinas e três guitarristas, à mesa vinho e a comida servida com molhos.

Em novembro, começa o inverno na Espanha é preciso se esconder sob os agasalhos e o refúgio ao frio abaixo de zero chega a ser estar em casa, para o viajante uma opção tediosa que resolve saindo na rua tão logo suba um pouco a temperatura ou apareça uma proposta de sol.

O frio também se resolve com um bom conhaque, um destilado produzido a partir do vinho, bebida forte, entre 40 a 60 por cento de teor alcóolico, tradicional na Espanha, e que tão necessário no inverno que o espanhol o trata por "el sol embotellado", em tradução livre, por "sol engarrafado".

O inverno de 1960, sucedeu um outono dos mais chuvosos. Só quando o sol retoma e a primavera se anuncia que o cronista se anima. Aliás, lhe explica a moça que vende castanhas na Calle de Princesa, uma das ruas de comercio das mais movimentadas, que um inverno como aquele anuncia uma agradável primavera.

O cronista não levava mais que quatro minutos a pé do colégio até ali, fundado em 1947, como parte as atividades do Instituto de Cultura Hispânica, sendo parte integrante da Universidade de Madrid.

A Calle de Princesa é uma das principais artérias da cidade, assim denominada em homenagem à princesa das Astúrias Isabel de Bourbon, nasce na Praça de Espanha, centro histórico da cidade, onde está abrigado o Monumento a Cervantes.

Da praça se avistam os edifícios España e Torre de Madrid e de lá se toma caminho para a Gran Via, primeiro pouso do cronista. O cronista logo que chega se abriga

numa pensão na Gran Via, conhecida como a Broadway madrilena, por concentrar teatros, cinemas, hotéis, bares e cafés com seus terraços. A rua, larga, espaçosa, dos grandes edifícios.

Lá estão, o edifício Coliseum, os teatros Compac Gran Via, Lope de Vega, Rialto, o Cine Capitol, o centro da sua Espanha festiva. Uma rua com aspecto de avenida bastante movimentada e agitada numa cidade em que convivem com ruas estreitas e antigas que tanto fascinaram Berilo ao flunar pela cidade.

O cronista também será visto na taberna Las Cuatro Puertas, onde foi calhar assim que pousou na cidade, solitário com suas leituras e copo de vinho, nos espetáculos noturnos no Fontana e até na boate El Elefante Branco e na Plaza de Toros atento aos espetáculos das touradas. A temporada em Madrid era uma festa para o estudante que levava da sua cidade Natal o hábito de viver a vida e a cidade.

Após o ano novo em Paris, a volta às aulas e a vida em Madri, o cronista encontra no feriado da Semana Santa a oportunidade, formando um grupo com os colegas brasileiros e estrangeiros do curso, de andar pela região da Andaluzia, sul da Espanha. Na Andaluzia estão as cidades de Córdoba, Sevilha, Toledo, Málaga e Granada.

Uma região histórica, ocupada no passado pelos romanos e pelos mouros, cada qual com seu período de dominação, deixando registrada a sua passagem em construções e em influências culturais que permanecem. Cortada pelo rio Guadalquivir, que forma um vale, a Sierra Morena e cordilheiras.

O clima mediterrâneo impera na região da Andaluzia, que se torna lugar de refúgio no inverno, em razão das temperaturas mais amenas e da presença do sol. As praias

são badaladas, a proposta e turística e à mesa há fartura dos frutos do mar frescos que se serve com vinho branco.

A cerveja também é hábito, não só o vinho. Tapas, mariscos e pescados são as delícias da culinária andaluz, sempre acompanhada do vinho. A uva emblemática da Espanha é a Tempranillo, de casca mais grossa e baixa acidez, o nome vem da palavra tempo, que significa "cedo", pelo fato de que a uva amadurece antes das demais.

A Andaluzia é famosa pela produção do Jerez. Jerez, ou fino, como são conhecidos, é um tipo de vinho fortificado e doce, como o vinho do Porto português, Manzanilla é dos mais conhecidos, é dele que se fartara o cronista no seu passeio pela região. O cronista vai se regozijar com o pescaito (peixe frito e empanado com farinha de chicharro), jamón serrano e gaspacho. E as tapas.

A história das tapas é capítulo primoroso da mesa na Espanha. Nas tabernas, servia-se o vinho coberto com uma fatia de jamón para cobrir o copo e acompanhar o vinho. A tapa servia para tapar o fino, e qualquer comidinha passou a servir como tapa. O cronista vai se fartar delas com vinho nas mesas de Sevilha. E também se deliciará com os mariscos e pescados de Guadalquivir.

Impressiona a presença das mulheres nos bares tomando vinho com os seus maridos e até uma senhora tomava naturalmente a sua cerveja naquela Semana Santa, março de 1961, em Sevilha.

Hábito que o cronista adquirirá, será sempre visto com a sua Maria Emília (namorada, noiva e esposa), nos bares da cidade de Natal, tomando o seu vinho, no Granada Bar, avenida Rio Branco, Cidade Alta, Natal, do amigo espanhol Nemesio, e até nas barracas de praia. A vivência na Espanha também veste o cronista de novos hábitos que incorporará à sua vida (SOBRAL, 2016).

Considerações finais

Toda viagem é também um processo de transformação do viajante e de autoconhecimento e que fica para sempre impressa nas crônicas, em sua completa função de ser, registrar a vida no momento em que acontece.

Berilo foi, viveu e, mais que isso, tomou a crônica como diário e, assim, registrou o perecível da vida, que são os acontecimentos dos dias que sobrevivem ao seu leitor contemporâneo e que chega ao futuro como testemunho de um tempo.

Quando retorna da Espanha, pronuncia um discurso em 19 de agosto de 1961 na seção do Instituto de Cultura Hispânica de Natal. O cronista já não é mais o mesmo rapaz que deixou Natal. Volta para o jornal, mas não mais para Revista da Cidade, escreve agora nos mesmos propósitos uma coluna que assina Jornal de B.W. e pretende novos voos, deseja conquistar o Rio de Janeiro, capital federal aquele tempo, e anuncia a pretensão de escrever para os grandes jornais do país.

A aventura carioca não funciona, tenta nova aventura em São Paulo, volta à Natal e se estabelece promotor de justiça e professor da faculdade de jornalismo, escrevendo as suas crônicas todos os dias até o fim. Autoridade em cinema na cidade, fundador da crônica moderna, figura marcante da cidade, subitamente falece em 1979, acometido por infarto enquanto dormia, aos 45 anos de idade.

De suas crônicas podemos extrair, além aspectos culturais e históricos, fatos sociais, econômicos e políticos de um tempo, narrativas com marcas autobiográficas que nos ajudam a captar este tipo textual além de suas definições.

Referências bibliográficas

O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro

- BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COSTA, Cristiane. *Jornalistas escritores no Brasil*. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 62-83.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- MARQUES, Fabrício. *Jornalismo e literatura: modos de dizer*. Conexão, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, jul. a dez. 2009.
- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. *Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular, 2013.
- MORAES, Vaniucha. *Memórias, biografias e histórias de jornalistas*. Tomo, n. 25, jul. a dez 2014.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil. A vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PENA, Felipe. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. Anais do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.
- PENA, Felipe. *A Teoria do Jornalismo no Brasil: após 1950*. Publicado em 2006. Disponível em: <<http://felipepena.com/artigos/>>. Acesso em 31 maio 2016.
- TRAQUINA, Nelson. *A tribo jornalística: uma comunidade transnacional*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- VILAS-BOAS, Sérgio. *Biografias & biografos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.
- VILAS-BOAS, Sérgio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Unesp, 2008.

A biografia como fonte documental para pesquisas sobre história do jornalismo: impressões a partir de 'Chatô, o rei do Brasil'

- BELO, Eduardo. *Livro-reportagem*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CARVALHO, Marco Antônio de. *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

UOL. *Para Morais, "liberdade é ilimitada"*. Publicado em 05 dez. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0512200407.htm>>. Acesso em 28 jun.2016.

VILAS-BOAS, Sérgio. *Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sérgio. *Biografismos: reflexões sobre as escritas de vida*. São Paulo: Unesp, 2008.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Org. e ed. Augusto Nunes. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Rubem Braga, jornalista: o cronista repórter

BRAGA, Rubem. *200 crônicas não escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013a.

BRAGA, Rubem. *Cadernos de Literatura Brasileira*. v. 26. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2011.

BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BRAGA, Rubem. *Retratos parisienses: 31 crônicas (1949-1952)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013b.

CARVALHO, Marco Antônio de. *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

FRANCHETTI, Paulo; PECORA, Alcir. *Rubem Braga: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, Ricardo Luis Meirelles dos. *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. (Dissertação de mestrado) Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.

Rachel de Queiroz, jornalista

BAUER, M; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

JURY, Leticia Arantes; SANTOS, Goiamérico. *A trajetória da "revista contemporânea dos arranha-céus": um estudo sobre O Cruzeiro na década de 50*. In: Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Goiânia, 2016.

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e literatura: modos de dizer. *Conexão*, v. 8, n. 16, Caxias do Sul, jul. a dez. 2009.

MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil. A vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

QUEIROZ, Rachel de. *Cadernos de Literatura Brasileira, nº 4*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

QUEIROZ, Rachel de. *Um apêndice, uma rede, um açude*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

QUEIROZ, Rachel de. *Correios & telégrafos*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 11 set. 1948. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 28 jun. 2016.

QUEIROZ, Rachel de. *Jornalistas*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 31 mar. 1951. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 28 jun. 2016.

QUEIROZ, Rachel de. *A Ordem dos jornalistas*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 14 maio 1951. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 28 jun. 2016.

QUEIROZ, Rachel de. *Carta de leitores*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 21 out. 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 28 jun. 2016.

QUEIROZ, Rachel de. *Notícias*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 01 abr. 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 28 jun. 2016.

QUEIROZ, Rachel de. *David Nasser e o seu "velho capitão"*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 16 set. 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 28 jun. 2016.

QUEIROZ, Rachel de. *Odylo, jornalista*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 24 fev. 1962. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 28 jun. 2016.

QUEIROZ, Rachel de. *Liberdade de imprensa*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 28 jan. 1967. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 28 jun. 2016.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

A faceta jornalística de Rachel de Queiroz: perspectivas biográficas

ACIOLI, Socorro. *Rachel de Queiroz*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro. *Temática*, v. 12, p. 206- 221, 2016.

CARVALHO, Marco Antônio de. *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

IMS. *Cadernos de Literatura Brasileira, n° 4*: Rachel de Queiroz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil. A vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: MORAES, Vinicius. *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

QUEIROZ, Rachel de; SALEK, Maria Luiza de Queiroz. *Tantos anos*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

QUEIROZ, Rachel de. *Um alpendre, uma rede, um açude*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

QUEIROZ, Rachel de. *David Nasser e o seu "velho capitão"*. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 16 set. 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 01 jun. 2017.

QUEIROZ, Rachel. *A donzela e a moura torta*. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Siciliano, 1999.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. *Rachel de Queiroz, jornalista*. In: Anais do Encontro de História da Mídia, Macció, 2016.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. *Rubem Braga, jornalista: o cronista repórter*. *Leituras do Jornalismo*, n. 6, v. 2, ano 3, 2016a.

Jornalismo e literatura: a crônica de Rachel de Queiroz

- CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil*. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro/RJ: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquem e d'alémmar: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: Editora UnB, 1996.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- QUEIROZ, Rachel de. *A donzela e a moura torta*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1999.
- QUEIROZ, Rachel de. *Cadernos de Literatura Brasileira, n° 4*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.
- QUEIROZ, Rachel de. *Um alpendre, uma rede, um açude*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- QUEIROZ, Rachel de. *As menininhas e outras crônicas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- QUEIROZ, Rachel de. *As terras ásperas*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- QUEIROZ, Rachel de. *O brasileiro perplexo: histórias e crônicas*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.
- QUEIROZ, Rachel de. *O caçador de tatu: 57 crônicas escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.
- QUEIROZ, Rachel de. *O homem e o tempo: 74 crônicas escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1995.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.
- SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. *Rachel de Queiroz, jornalista*. In: Anais do Encontro Nordeste de História da Mídia, Maceió, 2016.

Zila Mamede, jornalista

- GALVÃO, Cláudio (2005). *Zila Mamede em sonhos navegando*. Natal: Moura Ramos.
- LISPECTOR, Clarice. NUNES, Aparecida Maria (Org.) (2008). *Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos*. Rio de Janeiro: Rocco.

MAMEDE, Zila. ARAÚJO Humberto Hermenegildo; GALVÃO, Maria José Mamede; GALVÃO, Marise Adriana Mamede (Orgs.) (2009). *Exercícios de poesia: textos esparsos*. Natal: EDUFRN e NCCEN.

MAMEDE, Zila (1952a). *Cuidado com as aparências*. Tribuna do Norte, 18 de jan. 1952.

MAMEDE, Zila (1952b). *O menino da autolotação*. Tribuna do Norte, 13 de mar. 1952.

QUEIROZ, Rachel (2010). *Tantos anos*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

SOBRAL, Gustavo (2016). Zila Mamede e José Mindlin, breve relato da correspondência e de amizade. *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, v. 46, p. 36-50.

SOBRAL, Gustavo (2015). *Zila*. Publicado na Revista Bzz. Natal/RN, ano 3, nº 24, jun. 2015, pp. 58-62.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana (2017). Rachel de Queiroz, jornalista. *Estudos de Jornalismo e Mídia*, v. 14, p. 39-50.

Crônica: jornalismo autobiográfico nos jornais da cidade do Natal

ALMEIDA, Ângela; RUBIANO, Helton; SOBRAL, Gustavo (Org.). *Saudade de Newton Navarro*. Natal: Edufrn, 2013.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, V. M. A. T. *Labirintos da memória: quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

CÂNDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: CÂNDIDO, A. *A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CÂNDIDO, A. Poesia e ficção na autobiografia. In: CÂNDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MADRUGA, W. Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado). In: NEGREIROS, S. *A hora da lua da tarde*. Natal: Liv. Independência; Fundação José Augusto, 1998.

MORAES, V. O exercício da crônica. In: MORAES, V. *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NAVARRO, Newton. MELO, Paulo de Tarso Correia; SOBRAL, Gustavo Leite (Org.). *Sete poemas quase inéditos e outras crônicas não selecionadas*. Natal: Edufrn, 2013.

NEGREIROS, Sanderson. *A hora da lua da tarde: crônicas*. Natal: Independência; Fundação José Augusto; Chegança, 1998.

SOARES, M. V. N. *A crônica brasileira do século XIX: uma breve história*. São Paulo: É Realizações, 2014.

SOBRAL, Gustavo. *O maior da literatura menor*. Revista ANL - Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, n. 41, p.29-43, out/dez 2014.

SOBRAL, Gustavo. *Berilo Wanderley: o cronista da cidade* (ensaio biográfico). Natal: Editora 8 e Caravela Cultural, 2016.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana (Org.). *Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte*. No prelo.

SOBRAL, Gustavo; RUBIANO, Helton (Org.). *Cinco cronistas da cidade*. Natal: Edufrn, 2017.

WANDERLEY, B. B.W.: *contos, crônicas, poemas e fragmentos de Berilo Wanderley*. Natal/RN: Edufrn, 1994.

WANDERLEY, B. *O menino e seu pai caçador: crônicas*. Natal: Clima e Fundação José Augusto, 1980.

Narrativas autobiográficas na crônica de Berilo Wanderley

SOBRAL, Gustavo. *Berilo Wanderley: o cronista da cidade*. Natal/RN: Offset Gráfica, 2016.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. *Memória do jornalismo: um resgate da história do jornalismo impresso no Rio Grande do Norte pela visão dos protagonistas*. In: Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, Boa Vista, 2016.

BAUER, M.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOSI, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, V. *Labirintos da memória: quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

CÂNDIDO, A. (1992). A vida ao rés do chão. In: CÂNDIDO, A. *A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa.

CÂNDIDO, A. (1989). Poesia e ficção na autobiografia. In: CÂNDIDO, A. *A educação pelanoite e outros ensaios*. São Paulo: Ática.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

MOISÉS, M. *Dicionários de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SÁ, J. (1985). *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SACRAMENTO, I.; LERNER, K. Pandemia e biografia no jornalismo: uma análise dos relatos pessoais da experiência com a Influenza H1N1 em O Dia. Revista Famecos, v. 22, n. 4., 2015.

SOARES, M. V. N. *A crônica brasileira do século XIX: uma breve história*. São Paulo: É Realizações, 2014.

WANDERLEY, Berilo. *B. W.: contos, crônicas, poemas e fragmentos de Berilo Wanderley*. Natal: Edufrn, 1994.

WANDERLEY, Berilo. *O menino e seu pai caçador: crônicas*. Natal: Clima e Fundação José Augusto, 1980.

WANDERLEY, Berilo. *Revista da Europa: 29 crônicas (1960-1961)*. Natal: [s.n.], 2016. Não publicado.

Índice dos artigos publicados

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro. *Temática*, v. 12, p. 206-221, 2016.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana. A biografia como fonte documental para pesquisas sobre história do jornalismo: impressões a partir de 'Chatô, o rei do Brasil'. *Temática*, v. 13, p. 222-236, 2017.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana. Rubem Braga, jornalista: o cronista repórter. *Leituras do Jornalismo*, v. 2, p. 85-98, 2016.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. Rachel de Queiroz, jornalista. *Estudos de Jornalismo e Mídia*, v. 14, p. 39-50, 2017.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana. A faceta jornalística de Rachel de Queiroz: perspectivas biográficas. *Temática*, v. 1, p. 15-28, 2017.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana. Jornalismo e literatura: a crônica de Rachel de Queiroz. *Letras Escreve*, v. 8, p. 241-257, 2018.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. Zila Mamede, jornalista. *Passagens*, v. 10, p. 46-56, 2019.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana. Crônica: jornalismo autobiográfico nos jornais da cidade do Natal (1950-1980). *Temática*, v. 6, p. 16-29, 2018.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana. Narrativas autobiográficas na crônica de Berilo Wanderley. *Passagens*, v. 8, n. 1, p. 123-134, 2017.

Sobre os autores

Gustavo Sobral, jornalista e escritor, mora e vive em Natal/RN. Autor e organizador de livros, ensaios e artigos, reúne tudo que publicou e publica no seu site pessoal, gustavosobral.com.br.

Juliana Bulhões, jornalista, radialista, vive em Natal/RN. Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília. Dedicou-se à pesquisa e à docência. E-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com.

Juntos, organizaram *Memórias do Jornalismo no Rio Grande do Norte*, publicado pela Caravela Cultural, em 2018. Livro digital disponível para download gratuito em gustavosobral.com.br

